

**A CONSTITUIÇÃO DA PARENTALIDADE EM CASAS
HOMOSSEXUAIS MASCULINOS COM BEBÊS**

Henrique Abe Ogaki

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, março de 2019

**A CONSTITUIÇÃO DA PARENTALIDADE EM CASAS
HOMOSSEXUAIS MASCULINOS COM BEBÊS**

Henrique Abe Ogaki

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia, sob orientação do
Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, março de 2019

AGRADECIMENTOS

Chegado os momentos finais de escrita, é impossível não olhar pra trás e vislumbrar quantas pessoas acompanharam o meu caminhar durante o percurso do meu mestrado e tornaram possível esse trabalho. Assim, gostaria de agradecer:

Ao meu orientador, Prof. Cesar Piccinini, que me acolheu tão calorosamente, aceitou minha proposta de estudo e esteve sempre aberto para discutirmos nossas ideias, me mostrando o caminho das pedras.

À Prof. Rita, por todas as conversas e reflexões ao longo desse percurso, tratando da pesquisa à política, sempre de forma muito sensível. Agradeço também por compor a banca e pela relatoria.

Aos professores Ângelo e Maíra por terem aceitado participar das bancas de qualificação e defesa, trazendo valiosas contribuições ao trabalho.

À todos os colegas do NUDIF que me acompanharam nesses dois anos.

Às minhas amigas Susan e Clara, pelos momentos de descontração na UFRGS e fora dela, e por todo suporte nesse percurso, que nós bem sabemos, nem sempre foi fácil.

À minha família, sem a qual não poderia chegar a lugar algum. A meus pais, que me apoiaram nessa nova etapa de tantas mudanças. Agradeço também aos meus irmãos, minhas sobrinhas, tias, tios e avós por todo o carinho.

Ao meu companheiro Eder, por ter estado sempre ao meu lado quando eu precisei.

À todos que aceitaram prontamente participar desse estudo e compartilharam comigo suas histórias. E sem os quais este trabalho não seria possível.

Ao CNPq, pelo financiamento.

Muito obrigado!

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	7
Apresentação	7
A parentalidade homossexual masculina	7
As parentalidade na teoria winnicottiana	18
A parentalidade em casais homossexuais masculinos e a abordagem winnicottiana	23
Justificativa e objetivo	24
CAPÍTULO II: MÉTODO	25
Participantes	25
Delineamento e procedimentos	26
Instrumento e materiais	26
Considerações éticas	27
CAPÍTULO III: RESULTADOS	28
Caso 1: Antônio, Bruno e Neto	29
Exercício da Parentalidade	30
Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos.....	30
Aspectos jurídico e sociais de ter filho.....	31
Discriminação com pais gays.....	32
Experiência da Parentalidade	34
Desejo pelo filho.....	34
Transição para a parentalidade.....	35
Relacionamento com a gestante.....	37
Sentimentos sobre a paternidade.....	39
Percepções sobre o filho.....	41
Relacionamento conjugal.....	43
Percepção sobre o cônjuge como pai.....	45
Relacionamento com os próprios pais.....	47
Prática da parentalidade	49
Relacionamento com o filho.....	49
Os cuidados com o filho.....	51

Demarcação de limites.....	53
Divisão de tarefas entre o casal.....	54
Síntese do caso 1.....	56
Caso 2: Bruno, Carlos e Camila.....	58
Exercício da Parentalidade.....	58
Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos.....	59
Aspectos jurídico e sociais de ter filho.....	59
Discriminação com pais gays.....	61
Experiência da Parentalidade.....	63
Desejo pelo filho.....	63
Transição para a parentalidade.....	64
Sentimentos sobre a paternidade.....	67
Percepções sobre o filho.....	69
Relacionamento conjugal.....	70
Percepção sobre o cônjuge como pai.....	71
Relacionamento com os próprios pais.....	73
Prática da parentalidade.....	75
Relacionamento com o filho.....	75
Os cuidados com a filha.....	77
Demarcação de limites.....	79
Divisão de tarefas entre o casal.....	80
Síntese do caso 2.....	81
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO GERAL.....	84
Considerações finais.....	96
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXO A.....	105
ANEXO B.....	106
ANEXO C.....	107
ANEXO D.....	109
ANEXO E.....	112

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar a constituição da parentalidade homossexual em casais masculinos a partir de uma abordagem winnicottiana. Participaram do estudo dois casais homossexuais masculinos; um deles se tornou pai através de reprodução assistida, e o filho estava com 1 ano e 3 meses; o outro através de adoção, e a filha estava com 2 anos e 5 meses. Trata-se de um estudo de caso múltiplo, em que cada membro do casal foi individualmente entrevistado e também enquanto casal. Os relatos dos participantes foram submetidos à análise temática, com base em três temas da parentalidade, exercício, experiência e prática, e vários subtemas. O processo legal de se tornarem pais transcorreu sem grandes problemas, porém suas competências eram questionadas socialmente por serem homens. Cada casal percorreu caminhos singulares no acesso à parentalidade, mas os filhos passaram a ocupar a centralidade da vida deles, e havia apoio e parceria entre a dupla parental, com a divisão igualitária das tarefas de cuidado da criança desde os primeiros dias de vida. Na relação com o filho/a foi possível identificar nos participantes tanto aspectos da função materna quanto da função paterna e um distanciamento do modelo tradicional de pai, que traziam da própria infância.

Palavras-chave: Parentalidade; pais homossexuais; homens; relações pais-criança.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the constitution of homosexual parenting in male couples from a Winnicottian approach. Two homosexual male couples, who became parents through assisted reproduction, the son was 1 years and 3 months old; or adoption, the daughter was 2 years and 5 months old, participated in the study. This is a multiple case study, in which each member of the couple was interviewed individually and also as a couple. The participants' reports were submitted to thematic analysis, based on three parenting themes, exercise, experience and practice, as well as several subthemes. The legal process of becoming parents went without great problems, but their competences were socially questioned for being men. Each couple went through unique paths of access to parenthood, but the children came to occupy the centrality of their lives, and there was support and partnership between the parental couple, with the equal division of childcare tasks from the first days of the children. In the relationship with the child, it was possible to identify in the participants aspects of the maternal function as well as the paternal function and a distancing from the traditional father model that they brought from their own childhood.

Key-words: Parenting; homosexual parents; men; parent-child relationship.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Apresentação

As sociedades ocidentais contemporâneas têm convivido com as novas configurações familiares que diferem da tradicional configuração nuclear de pai e mãe casados convivendo com filhos biológicos. Essas novas famílias criam novas dinâmicas e, conseqüentemente, diferentes experiências subjetivas. Dentre os vários arranjos possíveis, está a família originada pelo casal homossexual, que tem gerado variadas discussões no âmbito social e acadêmico e que será foco desse estudo, mais especificamente no que diz respeito à casais masculinos. Para fins de introdução ao tema, inicia-se discutindo aspectos da parentalidade em homens homossexuais a partir da literatura disponível sobre o tema, depois retrata-se a parentalidade na teoria winnicottiana, com vistas a embasar teoricamente este projeto. Por fim, apresenta-se uma compreensão de aspectos da parentalidade em casais homossexuais masculinos sob a perspectiva winnicottiana. Tendo em vista a orientação teórica do autor, serão priorizados os autores psicanalistas, principalmente Winnicott, sem desconsiderar outros que possam trazer contribuições para este estudo.

A parentalidade homossexual masculina

A parentalidade, segundo Houzel (2006), pode ser compreendida como um complexo de processos psicoafetivos que envolve transformações na identidade, com implicações tanto níveis conscientes quanto inconscientes. Segundo o autor, não basta ser genitor ou ser designado como pai ou mãe, mas é necessário tornar-se pai, tornar-se mãe. A partir disso, ele define três eixos que compoariam a parentalidade, a saber: o Exercício da parentalidade, a Experiência da parentalidade e a Prática da parentalidade. O primeiro eixo diz respeito aos aspectos jurídicos e socialmente construídos de reconhecimento de filiação. Tais aspectos passam por constantes transformações, podendo estar dissociados do vínculo biológico, em prol de laços sociais ou legalmente estabelecidos, como ocorre com as adoções, por exemplo. Esse eixo é comumente estudado pelo direito e pela antropologia. O segundo eixo diz respeito à experiência subjetiva consciente e inconsciente de ser pai. Envolve o desejo pela criança e o processo de parentificação, as mudanças psíquicas que ocorrem no decorrer de se tornar pai. O último eixo diz respeito às tarefas que os pais assumem junto à criança e envolvem tanto os cuidados físicos quanto psíquicos. Esses dois últimos eixos tem sido objetos de investigação da psicologia.

Na atualidade, observa-se mudanças no contexto da parentalidade, com diferentes configurações familiares se tornando cada vez mais comuns. Por exemplo, segundo o Censo de 2010, no Brasil existem cerca de 60 mil casais homossexuais residindo juntos, sendo 26.532 do sexo masculino (IBGE, 2010). Esse número vem crescendo com o passar dos anos, devido às demandas sociais levantadas pelos movimentos sociais LGBT¹ e à maior aceitação social da homossexualidade. Embora os dados do Censo não apresentem o número de crianças que convivem com pais homossexuais, sabe-se que essa realidade também é cada vez mais comum e tem ganhado mais visibilidade.

Alguns avanços na legislação concernente à população LGBT têm contribuído para o aumento dessas famílias, como por exemplo, o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo como família pelo Supremo Tribunal Federal (2011) e a posterior regulamentação do casamento entre pessoas do mesmo sexo pelo Conselho Nacional de Justiça-CNJ (2013), conferindo aos casais homossexuais os mesmos direitos civis que os casais heterossexuais já possuíam. Com relação à parentalidade, não há legislação específica que regulamente a adoção por homossexuais, porém também não há impedimento legal para tanto. Quanto à reprodução assistida, é regulamentada pela Resolução nº 2.168/2017 do Conselho Federal de Medicina, que também contempla pessoas homossexuais. Além disso, o modelo de certidão de nascimento vigente, instaurado pelo Provimento nº 63/2017 do CNJ, possibilita o registro dos nomes de até dois pais e duas mães, incluindo-se casais homossexuais.

Como não é possível que dois homens gestem uma criança, para que estes casais tenham filhos conjuntamente existem diferentes opções (Uziel, 2002). Por exemplo, há a possibilidade de se ter um filho(a) em um relacionamento heterossexual e, após a dissolução desse relacionamento, se envolver em um relacionamento homossexual em que o novo companheiro passa a assumir a coparentalidade, constituindo uma família recomposta. Também há a possibilidade de reprodução assistida em que se utiliza o esperma de um dos membros do casal e necessita-se do apoio de uma barriga solidária e uma doadora de óvulo no caso dos casais masculinos. Há ainda a opção pela parentalidade adotiva, em que a criança pode ser registrada no nome de apenas um deles, como era imperativo até pouco tempo atrás por não ser possível a adoção conjunta, ou no nome de ambos os membros do casal, casos mais recentes.

Outra possibilidade para ter filhos é o arranjo com mulheres com as quais não se mantém relacionamento afetivo ou sexual, em que a parentalidade é compartilhada. É o caso de casais

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros. Apesar de outras letras serem incluídas nessa sigla para identificar outros grupos, por exemplo: Assexuados (A), Queer (Q), Intersexo (I), neste trabalho será usada a tradicional sigla LGBT para designar a diversidade sexual e de gênero que difere da maioria, sem desconsiderar as outras letras que não estão contempladas, seguindo-se a tendência da literatura e entendendo-se que a sigla LGBT é representativa desses grupos minoritários.

gays e lésbicas que tem filhos conjuntamente, por exemplo, sendo a criança vinculada biologicamente a um membro de cada casal, e o cuidado da criança é realizado por quatro pessoas (Uziel, 2002; Patterson e Tornello, 2010).

De acordo com Zambrano (2006), apesar de transexuais e travestis serem abordadas como compondo o mesmo grupo que homossexuais, é preciso compreender que a orientação sexual e a identidade de gênero são coisas distintas e independem uma da outra, de forma que transexuais podem ter uma orientação heterossexual. Assim, transexuais e travestis apresentam especificidades em sua formação identitária que influenciaria na forma como exercem a parentalidade. Apesar disso, a autora utiliza o mesmo termo “homoparentalidade” para se referir ao contexto tanto da parentalidade de homossexuais quanto de pessoas trans e travestis, destacando especificidades relacionadas ao gênero e ao sexo biológico. Embora Zambrano (2006) focalize pessoas com identidades de gênero feminina em seu trabalho, é possível pensar que existem casais homossexuais compostos por transexuais masculinos, situação em que seria possível um filho biológico de ambos, caso a gravidez ocorra antes da transição de gênero ou se o aparelho sexual feminino for mantido. Um exemplo recente disso é o personagem Ivan da novela da Rede Globo “A força do querer” (Perez, 2017), que engravidou durante o processo de transição de gênero feminino para masculino e constituía um casal homossexual com seu parceiro Cláudio.

Quanto à essas formas de acesso à parentalidade, de acordo com Patterson e Tornello (2010), é possível notar uma mudança geracional na população de pais homossexuais. Em seu estudo com indivíduos de países de língua inglesa, observaram que entre os homens com mais de 50 anos há uma predominância daqueles que têm filhos em relacionamentos heterossexuais, se divorciando e se assumindo como homossexuais posteriormente. Segundo as autoras, em homens mais novos também se observa esse fenômeno, porém em menor proporção, com aumento no número de adoções e reproduções assistidas, assim como é mais comum que os indivíduos se assumirem homossexuais antes de se tornarem pais.

Dessa forma, pode-se perceber que a impossibilidade biológica de gestação conjunta não é um impedimento para a parentalidade para homens homossexuais e que a forma como essa se dará depende dos recursos e das escolhas de cada casal. Porém, nessa transição para a parentalidade, o desafio da impossibilidade de conceber o filho exige desses indivíduos um trabalho psíquico para se buscar formas de concretizar esse desejo (Passos, 2005). Ainda segundo essa autora, abdicar da continuidade biológica se constitui como uma ferida narcísica, a qual necessita de um processo de luto e elaboração. E independentemente da forma eleita para se chegar à parentalidade, há a figura de um terceiro que interfere na relação com o filho, seja

a mãe biológica, sejam as instituições de adoção ou os serviços de reprodução assistida (Passos, 2005).

Sobre a dinâmica familiar, Rodriguez e Gomes (2012) afirmam que nas famílias de casais homossexuais com filhos percebe-se uma sobreposição da lógica vincular à biológica, em que há uma filiação psíquica, que inscreve a criança no grupo familiar dos pais. Isso vai ao encontro do que postula Patterson (2017), de que independentemente de como se dará a parentalidade, é a qualidade das relações entre pais e filhos o fator mais relevante no desenvolvimento da criança, e não a orientação sexual e o gênero dos pais e nem os laços biológicos. Segundo a autora, suas pesquisas têm demonstrado não haver diferenças significativas no desenvolvimento de crianças que vivem em famílias com pais hétero e homossexuais.

Isto pode ser visto em vários estudos da literatura nacional e internacional que retratam diversos aspectos da dinâmica das famílias originadas por casais homossexuais e seu impacto na relação pais-filho. Por exemplo, Tornello, Sonnenberg e Patterson (2015) buscaram compreender a divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos em casais homossexuais masculinos e sua relação com outros processos familiares. De acordo com as autoras, existem expectativas heteronormativas de divisão de tarefas, em que o cuidado com as crianças é visto como função principalmente da mãe enquanto o trabalho remunerado externo ao lar é visto como função principalmente do pai. No entanto, essa expectativa não ocorre com os casais homossexuais, que precisam negociar a divisão de tarefas sem uma prescrição de como isso deve ser feito. As autoras realizaram coletas de dados com casais homossexuais em dois momentos, com um período de um ano entre cada uma. No primeiro momento participaram 335 pais e, no segundo, 176, com filhos de recém-nascidos até 18 anos, residentes nos Estados Unidos. A maioria alcançou a paternidade através da adoção, outros recorreram à reprodução assistida ou tiveram filhos em uma relação heterossexual anterior. Os resultados demonstraram que os casais dividiam as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos de forma igualitária, sendo este o ideal relatado por eles. Diferenças entre a divisão real e ideal foram associadas a menores níveis de satisfação com a vida e índices mais elevados de funcionamento conjugal negativo. Nos casais em que a criança provinha de relacionamento anterior, o padrasto demonstrou realizar menos cuidados com o filho embora as tarefas domésticas fossem divididas igualmente.

Visando compreender se há associação entre a orientação sexual dos pais e das mães e o desenvolvimento infantil em famílias adotivas, Farr, Forssell e Patterson (2010), investigaram 106 famílias americana entre casais de lésbicas, gays e heterossexuais que adotaram bebês nas primeiras semanas de vida, e também 76 professores ou cuidadores da criança, na época com 1

a 5 anos de idade. Não foram encontradas diferenças significativas entre os tipos de família para problemas de comportamento nas crianças, estresse parental, técnicas de disciplina parental ou qualidade do relacionamento conjugal. O estresse parental apareceu mais fortemente associado aos problemas de comportamento das crianças, embora os índices de estresse parental tenham sido baixos na amostra. Assim, a orientação sexual não se mostrou associada ao desenvolvimento infantil, com os processos familiares demonstrando ter maior influência que a estrutura familiar. Importante destacar que as famílias viviam em regiões dos Estados Unidos com legislação favorável à adoção homossexual e foram recrutadas a partir de agências que apoiavam a adoção por famílias homossexuais.

Nesta mesma direção, Golombok et al. (2014) investigaram a relação pais-filhos e o ajustamento psicológico em famílias adotivas. O estudo envolveu 130 casais com filhos adotivos entre 4 e 8 anos, dentre casais de gays, lésbicas e casais heterossexuais. Foram aplicadas escalas com os pais e professores da criança e realizadas observações da interação pai-filho. As autoras perceberam que os casais homossexuais adotaram crianças mais velhas em relação aos casais heterossexuais, os casais gays adotaram mais meninos enquanto os casais de lésbicas adotaram mais meninas. Os resultados também revelaram diferenças entre os pais gays e os casais heterossexuais com relação ao bem-estar psicológico, na qualidade parental, na interação com os filhos e na disciplina. Pais gays apresentaram menores níveis de depressão e estresse, expressavam mais afetuosidade, se mostraram mais responsivos e também apresentaram menos punições disciplinares, comparados com os heterossexuais. Por outro lado, não foram observadas diferenças entre pais gays e mães lésbicas. Já com relação às crianças participantes do estudo, os filhos de casais heterossexuais apresentaram maiores níveis de hiperatividade. Por outro lado, os problemas de comportamento externalizante foram associados positivamente ao estresse parental, mas sem diferenças em relação ao tipo de família, se hétero ou homossexual. Os comportamentos de gênero (comportamentos considerados tipicamente femininos ou masculinos) das crianças participantes também não divergiram entre os diferentes tipos de família. Por fim, a partir dos resultados do estudo, as autoras consideram que os homens gays se tornaram pais adotivos competentes.

Outro aspecto associado à adoção é a adoção transracional, que pode ser compreendida como a adoção de crianças de raça diferente da dos pais e mães, comumente utilizada para se referir à adoção de crianças de minorias raciais por pessoas brancas (Farr & Patterson, 2009). Buscando entender este tema Farr e Patterson (2009) investigaram 106 famílias americanas compostas por casais de gays, lésbicas ou heterossexuais que adotaram crianças que tinham idade média de 3 anos na época do estudo. Os casais responderam entrevistas e questionários, e os professores também responderam a questionários sobre o comportamento da criança. O

estudo revelou que a adoção transracional é mais comum em casais homossexuais. Os relacionamentos interracializados entre os casais também se mostraram mais comuns nos casais homossexuais. De forma geral, os casais que apresentaram motivos para adotar centrados na criança, como o reconhecimento de que há muitas crianças esperando para serem adotadas, tenderam a adotar crianças de outra raça, enquanto os casais que apresentaram motivos mais centrados em si mesmos, como problemas de infertilidade, apresentaram menor tendência à adoção transracional. Na pesquisa não foram encontradas diferenças significativas no desenvolvimento da criança e no desempenho parental entre famílias transraciais e famílias que adotaram uma criança da mesma raça do casal.

No contexto brasileiro, a adoção por casais homossexuais também tem sido foco de vários estudos. Por exemplo, Amazonas, Veríssimo e Lourenço (2013) realizaram entrevistas com 3 homens que se consideravam gays e adotaram bebês recém-nascidos. Dois dos participantes eram parceiros, porém o bebê foi adotado apenas no nome de um deles, pois o outro não possuía o desejo de ter filhos. O outro participante era solteiro e realizou uma adoção “à brasileira”, registrou um bebê como se fosse seu, sem passar pelo processo legal de adoção. Na época das entrevistas, as crianças já estavam com 10 e 12 anos. As autoras constataram que se assumir gay e pai pode ser considerado um processo complexo, tendo em vista que estes dois aspectos são culturalmente tidos como antagônicos. Embora tenham contado aos filhos sobre a adoção, a questão da sexualidade não era abordada de forma tão aberta, decorrente das dificuldades de lidar com a própria orientação sexual. Ademais, as autoras caracterizaram a relação dos participantes com os filhos como próxima e amistosa, a partir dos relatos desses pais.

Também examinando a questão da adoção por casais homossexuais, Lima e colaboradores (2015) investigaram os posicionamentos e as expectativas de 7 homens e 2 mulheres homossexuais, residentes na Bahia, sobre a possibilidade de adotarem uma criança. Os participantes foram entrevistados e todos expressaram o desejo de ter filhos e viam na adoção uma possibilidade de concretizar seu desejo, embora nenhum deles estivesse ainda na fila de adoção. Consideravam que a criação dos filhos deveria se dar de forma igualitária e democrática entre o casal, de acordo com o papel que cada um tivesse na família, e que deveriam abordar a aceitação das diferenças na educação dos filhos, principalmente no que diz respeito ao preconceito.

Em outro estudo sobre adoção, Dantas e Ferreira (2015) investigaram os sentidos relatados por um casal homossexual e seus dois filhos que foram adotados quando tinham 6 e 7 anos de idade. Os participantes foram entrevistados e realizaram a leitura de uma história infantil para os filhos, seguida de uma conversa entre a família sobre essa história. Os resultados

revelaram que o sentido de ser pai se dá na relação com os filhos e, para este casal, ser pai adotivo se configurava como amar incondicionalmente os filhos da forma como eles eram. Com relação a serem homossexuais, embora tenham relatado não dever satisfação para a sociedade, os pais demonstraram ter internalizado discursos tradicionais de gênero. Para esses participantes, ambos assumiam o que entendiam ser o papel de pai, mas havia também uma flexibilidade em poder assumir o papel de mãe quando necessário.

Ainda sobre adoção por casais homossexuais, Mota, Vargas e Vasconcelos (2015) buscaram conhecer como ocorre o processo de adoção legal por casais homossexuais no contexto brasileiro. As autoras enviaram um roteiro de entrevista via e-mail a participantes que se manifestaram em um blog que coletava depoimentos de adoção por homossexuais, e obtiveram quatro respostas de casais contando sua história, de diferentes pontos do Brasil (São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro e Mato Grosso). As autoras verificaram que os casais não apresentaram perfil excludente para a adoção, optando por crianças que costumam não ser o foco de casais heterossexuais (crianças mais velhas e de raça diferente da dos pais). O processo, que decorreu através de vias legais por todos as quatro famílias participantes, foi considerado sequencial e com gradativa aproximação com a criança a ser adotada. Com a inserção da criança na família, as vivências, apesar de diversas, foram consideradas ‘difíceis’, mas também ‘maravilhosas’. As dificuldades, tanto físicas quanto psicológicas, se deram principalmente em decorrência da adaptação dos pais aos cuidados com a nova criança. A partir da convivência, os vínculos puderam se estreitar e foi sendo construído um sentido de família. Outras dificuldades foram o fato de que três dos quatro casais não puderam registrar a criança no nome de ambos e um dos casais relatou ter sofrido preconceito por parte da equipe técnica responsável pelo processo de adoção.

Os relatos de preconceito sobre adoção por parte de homossexuais também tem sido foco de atenção na literatura. Por exemplo, Araújo, Oliveira e Castanha (2007), buscaram investigar as representações de 104 estudantes de uma universidade da Paraíba, concluintes dos cursos de direito e psicologia, que responderam a um questionário sobre a adoção por casais homossexuais. Os autores constataram que metade dos participantes eram contrários à adoção por homossexuais, demonstrando atitudes preconceituosas a respeito do tema. Alguns participantes referiram considerar a adoção por homossexuais como algo ‘anormal’ e que poderia acarretar em consequências negativas para as crianças adotadas, como por exemplo, sofrer preconceito, ser influenciada pela sexualidade dos pais e também desenvolver distúrbios psicológicos.

Na literatura apresentada acima sobre adoção pode-se perceber a presença de estudos qualitativos, que investigam as intenções e experiências de casais homossexuais em relação à

adoção, e estudos quantitativos, que comparam o desempenho em escalas e questionários de casais homossexuais e heterossexuais. Foram destacadas as dificuldades do processo de adoção em relação aos casais homossexuais não conseguirem adotar conjuntamente e o preconceito enfrentado. Quanto à dinâmica destas famílias, a parentalidade é planejada para que ocorra de forma igualitária entre os membros do casal e tanto os pais quanto as crianças passam por um período de adaptação inicial seguido, de modo geral, de um bom relacionamento familiar, apesar das eventuais dificuldades, como a rigor existem em todas as configurações familiares.

Saindo do tema da adoção, ainda em contexto brasileiro, Rodriguez e Paiva (2009) entrevistaram um casal masculino e um feminino, ambos com filhos de relacionamentos anteriores. Perceberam que a educação buscava transmitir os valores dos pais e mães, principalmente de respeito às diferenças, assim como assegurar à criança sua liberdade de escolhas. Os papéis parentais se apresentaram flexíveis, com alternância entre os membros do casal. Não foi observada hierarquia definida, havendo relações igualitárias entre os membros da família e os pais e mães também não se colocavam de forma autoritária para as crianças. Esses participantes queixaram-se de preconceito por parte das famílias de origem e da sociedade e a falta de apoio. Para as autoras, a imagem de família heteronormativa e a dificuldade em aceitar a própria homossexualidade aparecem como fatores que podem inibir a parentalidade. Apesar disso, observaram que as relações, de uma forma geral, eram de muito afeto e comunicação.

Em outro trabalho, Rodriguez (2012) entrevistou 5 casais masculinos em união estável residindo junto e sem filhos. Encontrou nos participantes uma dinâmica de funcionamento complementar, em que um dos membros assumia uma posição mais dominante e o outro uma posição mais passiva. Traziam consigo um modelo de família heteronormativa, devido à falta de outros referenciais. Embora alguns dos participantes tenham colocado a presença de filhos como ideal familiar, o desejo de parentalidade não apareceu nos casais, principalmente devido à conflitos na identidade homossexual proveniente da falta de aceitação das famílias de origem. Segundo a autora, a parentalidade aparece, mesmo que distante, como uma fantasia de possibilidade de reparação das faltas que sofreram no âmbito familiar, podendo propiciar um cuidado livre de preconceito e uma proximidade afetiva, as quais não foram vivenciadas.

Outro contexto que tem se tornado cada vez mais comum atualmente é o da parentalidade através de técnicas de reprodução assistida. Mitchell e Green (2007) investigaram os desafios enfrentados por casais homossexuais americanos que utilizam reprodução assistida para alcançar a parentalidade. Os desafios encontrados envolveram aspectos individuais, relacionados ao casal, a família de origem, trabalho e amigos, a vizinhança e as instituições, assim como a sociedade mais ampla. Como casais homossexuais não tem filhos por acidente, várias escolhas precisam ser feitas para se acessar a parentalidade, como a forma como isso se

dará e como se será a participação dos membros do casal nesse processo. Segundo os autores, a forma como cada família se organiza pode variar e, embora muitos casais tenham expressado o desejo de compartilhar os cuidados com o filho de forma igualitária, os autores apontam que o bebê pode demonstrar preferir um deles, pois dividir os cuidados igualmente não significa que não haverá diferenças na forma de lidar com o bebê.

Também no contexto da reprodução assistida, Greenfeld e Emre (2010) investigaram o critério usado por casais homossexuais masculinos americanos para decidir quem entre eles seria o doador do esperma. Foram entrevistados 15 casais gays e os resultados revelaram que a maioria deles usou os seguintes critérios para a escolha do doador do esperma: ser o membro mais velho do casal, não possuir filhos de outros relacionamentos (nos casos em que um dos parceiros já era pai biológico), apresentar maior desejo pela paternidade biológica ou ter os melhores genes (no caso de histórico de doenças em alguma das famílias). Alguns casais também relataram considerar gestações subsequentes com o esperma do outro parceiro. Outros casais escolheram utilizar o esperma de ambos os membros do casal, sem saber quem teria o vínculo biológico com o bebê.

Outro tema que tem recebido atenção dos estudiosos é como homens gays vivenciam a transição para a parentalidade nesse contexto da reprodução assistida. Por exemplo, Bergman, Rubio, Green e Padrón (2010) entrevistaram 40 homens americanos em relacionamentos homossexuais e com filhos provenientes de reprodução assistida e encontraram que a maioria dos pais relatou mudanças relacionadas ao trabalho após a transição para a paternidade, com mudança de emprego, redução da jornada de trabalho e alguns inclusive deixaram os empregos para cuidar dos filhos em tempo integral. Os participantes relataram ainda uma redução no tempo que passavam a sós com o parceiro, embora isto não estaria afetando a qualidade do relacionamento. Também houveram mudanças nas relações sociais, com afastamento dos amigos gays solteiros e maior contato com outros pais, na maioria heterossexual. A família de origem apareceu como importante fonte de suporte, com uma reaproximação dos pais do casal. Os participantes também relataram melhora na autoestima, com sentimentos muito positivos com relação à paternidade.

Ainda focando na mesma temática, Tornello, Kruczkowski e Patterson (2015) investigaram a dinâmica parental em casais homossexuais masculinos americanos que se tornaram pais através de reprodução assistida. O estudo envolveu 52 homens que se auto-identificaram como gays, que foram solicitados a responderem escalas sobre a divisão de tarefas e sobre o ajustamento conjugal. Os resultados mostraram que as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos eram divididos de forma igualitária nesses casais, os quais percebiam essa organização como ideal. A qualidade do relacionamento entre os casais se mostrou

significativamente associado com a organização das tarefas no lar, com altos níveis de satisfação na divisão doméstica relacionada à satisfação no relacionamento conjugal. Não houve diferença entre pais biológicos e não biológicos no número de tarefas realizadas.

Outro aspecto investigado no contexto da reprodução assistida, tem sido a relação estabelecida com a mulher que gesta o filho do casal homossexual. O estudo de Blake et al. (2016), foi realizado com 40 famílias homoparentais masculinas americanas que foram entrevistados quando as crianças contavam com idade entre 3 e 9 anos. Os resultados revelaram que esses pais desenvolveram um relacionamento próximo com a mulher que gestou seu filho, relação que tendeu a permanecer após o nascimento. O mesmo não ocorreu com a mulher que doou o óvulo para fertilização, com a qual muitas famílias mantiveram algum contato, porém em menor escala. A participação dessas mulheres na concepção e gestação foi contada pelos pais aos filhos, com maiores detalhes à medida que a criança se desenvolvia e podia ter uma melhor compreensão sobre a reprodução.

Também tem sido foco dos estudos desta área relatos sobre a experiência de homens gays que se tornaram pais em relacionamentos de orientação mista, em que um dos parceiros se identifica como homossexual, enquanto o outro se identifica como heterossexual. O estudo de Tornello e Patterson (2012) investigou 167 homens americanos identificados como pais gays, dentre solteiros e em relacionamentos com homem ou mulher, que responderam um questionário. Os resultados revelaram que os motivos que levaram homens gays a se envolverem em um relacionamento heterossexual foram o desejo por aceitação social, a pressão familiar e o desejo de ter filhos. Constatou-se ainda que aqueles em relacionamento com outros homens possuíam maior satisfação com a relação, quando comparados com os que mantinham relacionamento com mulher. Independente do relacionamento que mantinham, todos os participantes relataram a centralidade da orientação sexual na própria identidade, com dificuldades no processo de afirmar sua orientação homossexual. Sobre isto, os homens casados com mulheres apresentaram maiores índices de ocultação da orientação sexual.

A experiência da parentalidade em casais homossexuais fica mais complexa em contextos onde a união civil de pessoas do mesmo sexo não é reconhecida, como por exemplo na Itália, entre tantos outros países. Neste sentido Giunti e Fioravanti (2016) buscaram compreender a experiência de pais e mães homossexuais italianos, residentes em um país que não reconhece a união civil de pessoas do mesmo sexo, nem permite que casais homossexuais adotem. Assim, a principal forma de acesso à parentalidade é no contexto de relações heterossexuais. O estudo envolveu 66 casais homossexuais italianos que responderam a questionários online. Poucos participantes afirmaram estar ciente de sua orientação homossexual quando iniciaram um relacionamento heterossexual. O motivo para a relação

heterossexual apareceu como amor ou expectativa social e o motivo para ter filhos foi apontado como sendo a pressão familiar sobre as mulheres e a pressão social sobre os homens. A maioria dos participantes relatou preocupações em ser rejeitado ou perder a guarda ao assumir a orientação sexual para o(a) parceiro e o(a) filho(a). Porém, aqueles que se assumiram para seus filhos relataram melhora no relacionamento com eles e na qualidade de vida.

Além dos diversos aspectos psicossociais associados à parentalidade homossexual, destacados acima, o estudo de Abraham et al. (2014) comparou o funcionamento cerebral de mães heterossexuais, pais heterossexuais e pais homossexuais. Participaram do estudo 89 famílias israelense, submetidos a ressonância magnética funcional. Os resultados apontaram que as mães apresentam alta ativação da região responsável pelo processamento das emoções, enquanto pais heterossexuais apresentaram maior ativação da região responsável pelos circuitos sócio-cognitivos. Já os pais homossexuais, que eram os principais cuidadores de seus filhos em suas famílias, apresentaram alta ativação de ambas as regiões do cérebro, sendo que a ativação da região do processamento emocional se mostrou relacionada ao tempo dedicado aos cuidados dos filhos. Segundo os autores, os resultados sugerem que o cérebro é maleável e se adapta à função do cuidador seja ele mulher ou homem, reforçando a ideia de que qualquer um pode cuidar bem de uma criança.

Diferentemente da literatura nacional, na literatura internacional encontra-se um predomínio dos estudos de caráter quantitativo, muitos dos quais comparam o desempenho de pais gays, mães lésbicas e casais heterossexuais, e o desenvolvimento de seus filhos, entre diversos temas. Os estudos que enfocam a experiência dos pais também tendem a ser estudos quantitativos, com o uso de questionários e entrevistas estruturadas. De uma forma geral, os estudos demonstram um peso maior nos processos familiares do que na estrutura familiar, e se os pais são homossexuais ou não, para o bom desenvolvimento dos filhos. A maior dificuldade identificada é em relação ao preconceito extrafamiliar, sofrido tanto pelos pais quanto pelas crianças (Gato & Fontaine, 2014).

Em recentes revisões da literatura, Gato e Fontaine (2014) consideraram que as famílias constituídas por casais homossexuais e seus filhos não constituem necessariamente motivo para alarde social. E Santos, Scorsolini-Comin e Santos (2013) concluíram que necessita-se de estudos que rompam com as simples comparações entre casais hétero e homossexual, buscando a compreensão da realidade das famílias de casais homossexuais, diante de um contexto social em transformação.

Para se buscar essa compreensão acerca dessas famílias constituídas por casais homossexuais, a psicanálise aparece como referencial teórico importante. Por exemplo, as noções de função materna e paterna, destacadas por vários teóricos psicanalíticos (Winnicott,

1965/2011, Lacan, 1953/1998) se pautam nos cuidados que o adulto assume com relação a criança. assim, essas concepções ultrapassam a noção de filiação biológica, ao se embasar no estatuto da filiação simbólica, podendo ser exercida por outras pessoas que não necessariamente os progenitores (Vieira, 2011; Rodriguez & Gomes, 2012), E também por pessoas que têm diferentes identidades de gênero, como homem e mulher, e orientação sexual, tanto hétero quanto homossexual.

A função materna pode ser compreendida como os cuidados iniciais ofertados à criança, de suporte físico e emocional, necessários para a sustentação da vida e para o desenvolvimento do sujeito (Winnicott, 1965/2011). Já a função paterna pode ser compreendida como a entrada de um terceiro nessa relação inicial entre a mãe e seu filho, que instaura a lei e insere a criança no âmbito simbólico, expandindo seu mundo afetivo e relacional (Lacan, 1953/1998). Para Passos (2005), o exercício dessas funções depende do desejo dos pais pelo filho, de seu reposicionamento na cadeia geracional familiar e da própria dinâmica que se estabelece dentro de cada família. Essas funções são relacionais e se organizam a partir das demandas dos sujeitos, tanto pais quanto filhos. E, pode-se pensar, que não precisam estar associadas ao gênero, com ambas as funções podendo ser desempenhadas tanto por mulheres quanto por homens.

Dentre os autores psicanalíticos que tratam da função materna e paterna, destacam-se as contribuições de Winnicott que serão particularmente apresentadas a seguir.

A parentalidade na teoria winnicottiana

Winnicott foi um pediatra, psicanalista e psiquiatra infantil que viveu na Inglaterra entre 1896 e 1971. Se destacou pelo estudo dos bebês e suas mães, as quais eram as principais responsáveis pelos cuidados dos filhos no contexto da organização familiar da época. E continuam sendo até hoje, embora outras formas de organização familiar venham se tornando mais comuns, inclusive a parentalidade em casais homossexuais masculinos, tema deste trabalho. Como estas novas formas de cuidado do bebê não existiam na sua época, Winnicott, não teorizou sobre a parentalidade em pessoas homossexuais. Contudo, entende-se que seu trabalho e suas ideias sobre maternidade e paternidade possam contribuir para se pensar esse fenômeno atual. É dentro desta perspectiva que revisa-se, a seguir, os principais aspectos de suas concepções teóricas, que focaram particularmente a maternidade e brevemente a paternidade.

Ao longo de sua obra, Winnicott foi construindo sua teoria do amadurecimento pessoal, a partir de seus estudos sobre os estágios iniciais da vida e os cuidados ofertados pelo ambiente. Segundo ele, no início não é possível pensar o bebê sem a mãe, pois ele é totalmente dependente

dela e não existe enquanto entidade individual (Winnicott, 1986/2012). Assim, o bebê existe apenas na sua relação com outra pessoa, relação necessária para sua sobrevivência, pois ainda não possui as capacidades para se manter por si mesmo (Winnicott, 1947/2015). O autor cunhou o termo “Preocupação Materna Primária” (Winnicott, 1956/2000) para caracterizar o período de sensibilidade exacerbada que se inicia ao final da gravidez e perdura os primeiros meses após o parto, o qual permite que a mãe se identifique com as necessidades de seu bebê e as atenda. Quando nesse estado, a mãe fornece ao bebê um contexto facilitador para sua tendência inata ao desenvolvimento. Segundo o autor, o bebê é uma organização em marcha, possui uma capacidade natural para se desenvolver. Assim, o desenvolvimento do bebê não depende das mães e dos pais, porém estes devem prover o ambiente facilitador para que essas tendências atinjam seu potencial (Winnicott, 1949/2015).

A sensibilidade da mãe para compreender e atender às necessidades do bebê decorrem da identificação com ele, possibilitada pelo fato dela já ter sido um bebê e ter tido alguém que cuidasse dela nessa época (Winnicott, 1986/2012). Isso também decorre do amor que ela carrega, pois somente uma pessoa que ama genuinamente a criança consegue se adaptar às suas necessidades e, posteriormente, se desadaptar aos poucos à medida que a criança possa fazer uso dessas falhas na adaptação para desenvolver suas capacidades individuais (Winnicott, 1954/2015). Assim, é importante que a mãe tenha prazer ao cuidar de seu bebê e que isso ocorra de forma natural e não como algo imposto ou mecânico.

A partir dessa desadaptação gradual que a mãe realiza e do desenvolvimento das capacidades do bebê, Winnicott (1958/2011) postula que passa-se da dependência absoluta, estágio de não diferenciação em que o bebê não é capaz de perceber os cuidados ofertados como externos a ele, para a fase de dependência relativa, em que os cuidados ainda são necessários, porém de forma menos intensa que no período anterior e podem ser percebidos como tal pelo bebê, avançando rumo à independência, a qual nunca é totalmente alcançada. Nessa última fase, o indivíduo adquire capacidade de autonomia a partir da introjeção dos cuidados ofertados anteriormente.

A falha da função materna poderia acarretar em invasões, as quais o bebê precisaria reagir, interrompendo-se a continuidade do ser (Winnicott, 1956/2000). Em contrapartida, o fornecimento de um ambiente suficientemente bom permite ao bebê integrar seu ego. Segundo Winnicott (1958/2011), no início a mãe constitui o ambiente do bebê, mas para que a mãe possa exercer sua função de cuidado, faz-se necessário que também conte com um ambiente que lhe proporcione sentimentos de segurança e de ser amada em sua relação com a família e, de forma mais ampla, com a sociedade.

Esse ambiente que recobre a mãe, para Winnicott (1944/2015), seria a figura do pai, da qual o autor enfatiza a necessidade da presença real, sua participação nos cuidados e sua parceria com a mãe para garantir um ambiente suficientemente bom. O pai, ao assegurar que preocupações externas não perturbem a mãe, permite que ela possa estar totalmente dedicada ao seu filho. Assim, se torna responsável pelo bem-estar tanto da mãe quanto do bebê (Winnicott, 1949/2015).

A função materna, segundo Winnicott (1965/2011), pode ser dividida em *holding*, *handling* e apresentação de objetos. Os cuidados iniciais da mãe para com o bebê constituem o que Winnicott (1960/1983) denominou como *holding*, a capacidade empática da mãe de segurar física e emocionalmente o bebê, de forma a atender às suas necessidades. O *holding* proporcionado pela mãe se assenta nos cuidados físicos com o bebê, que são suas necessidades mais primitivas e básicas, que inicialmente são vivenciadas de forma isolada, e vão sendo integradas, até alcançar o ponto de ser uma unidade. Para o autor, no início não há distinção entre cuidados fisiológicos e psicológicos, de forma que todas as necessidades seriam contempladas nos cuidados cotidianos de embalar, alimentar, aquecer, limpar, etc.

A manipulação do corpo do bebê durante os cuidados, ou *handling*, contribui para assentar as experiências do bebê em seu próprio corpo, desenvolvendo a relação psicossomática (Winnicott, 1965/2011). E a função de apresentação de objetos se refere à tarefa da mãe apresentar o mundo ao bebê em pequenas doses, à medida que ele é capaz de absorver os estímulos que lhe são apresentados, inserindo-o, assim, na realidade compartilhada e permitindo relacionar-se com objetos que são externos a ele (Winnicott, 1965/2011).

Relacionados à função materna, Winnicott (1954/1990) afirma que ocorrem três processos no bebê durante seu amadurecimento pessoal, a saber: a integração, a personalização e a realização. A integração se refere ao processo no qual o bebê passa de um estado de percepções sensoriais não integradas, em que não há diferenciação entre o eu e o não-eu, a um estado em que o bebê consegue integrar suas experiências, se compreende como uma pessoa e percebe o mundo externo a ele. A personalização se refere ao processo de aquisição de um estreito vínculo entre psique e soma, em que se adquire o sentimento de habitar o próprio corpo, assim como tônus muscular e coordenação motora. E a realização se refere ao processo de assimilação da realidade externa pelo bebê e o início das relações objetais.

Com esses processos já estabelecidos, aos quatro anos a criança já está apta a desenvolver relações triangulares, época em que o pai se insere mais efetivamente na relação direta com o filho (Winnicott, 1954/2015). Porém, apesar dessa inserção mais tardia, o autor destacou que a função do pai se inicia muito cedo, pois para fazer parte da vida dos filhos é preciso estar presente desde o princípio e adquirir o direito de aplicar sua autoridade quando se

torna necessário. Para ele, a função paterna se configura como o homem usando de sua sensibilidade para cuidar e para proteger seu filho, através da segurança de sua presença, do dizer “não” e ensinando-o a lidar com a agressividade, assim como sendo um apoio para a esposa (Winnicott, 1944/2015; 1993/1999). Para o autor, é importante que a criança tenha mãe e pai presentes, pois isso enriquece seu mundo a partir da vivacidade das personalidades distintas de ambos e também porque a criança pode se sentir mais tranquila ao direcionar seu ódio para um deles, habitualmente o pai, enquanto preserva o outro com todo tipo de sentimento amoroso, comumente a mãe (Winnicott, 1993/1999).

Com relação ao pai e à mãe, para Winnicott (1966/1989), além das funções distintas, haveria uma diferenciação quanto àquilo que transmitem para a criança. A mãe transmitiria o que ele denominou de ‘elemento feminino puro’, que permite ao bebê *ser*, sendo parte da formação elementar do sujeito. A partir do momento em que o bebê já é enquanto pessoa integrada, o pai poderia transmitir o ‘elemento masculino puro’, que seria o *fazer*, a capacidade de fazer uso dos objetos do mundo externo. Apesar de se assentar na diferenciação sexual, para Winnicott (1966/1989) ambos os elementos existiriam em todas as pessoas, em diferentes intensidades. Seria possível, inclusive, encontrar meninas que possuem mais ‘elemento masculino puro’ que outros meninos, assim como o contrário.

Winnicott (1957/2011) também postula que é função da família, na figura do pai e da mãe, proteger a criança do mundo exterior, que vai sendo introduzido aos poucos. Porém, a manutenção de um bom ambiente familiar depende de alguns fatores, como a relação que a mãe e o pai mantêm com o contexto social mais amplo em que se encontram, a relação que mantêm entre si enquanto casal e fatores individuais. A relação entre o casal é expressa pelo autor em termos da fantasia sexual, que compõe elementos conscientes e inconscientes, e sobre a qual a criança se insere em determinado momento. Assim, a relação da mãe e do pai com o novo bebê depende da época em que ele chega à essa família e da elaboração imaginativa que pôde ser realizada por esse casal. Com isso, a dinâmica conjugal pode se alterar a partir da gestação ou do nascimento do novo bebê, tanto de forma positiva quanto negativa. Os fatores individuais dizem respeito à maturidade individual da mãe e do pai para se sacrificarem em prol da família e do filho. Pais ou mães muito autocentrados poderiam ser considerados, pelo autor, como fatores de desintegração da vida familiar. Apesar disso, Winnicott (1957/2011) ressalta que o filho pode ter um impacto muito positivo para os pais e as mães, principalmente se tudo corre bem e o bebê nasce saudável, pois ele possui um princípio de vida, produz vida e, assim, enriquece o mundo dos adultos.

Estas concepções de Winnicott sobre a função do pai na vida dos filhos nem sempre correspondem às mudanças observadas na atualidade. É preciso lembrar que ele escreveu sua

teoria em um contexto histórico diferente do atual e que transformações sociais modificaram os arranjos familiares. Ele se referia especialmente às famílias tradicionais em que as mães permaneciam em casa cuidando dos filhos enquanto os maridos trabalhavam fora, o que ainda ocorre nos dias de hoje, embora as dinâmicas familiares atuais sejam diferentes das daquela época. E, apesar de ter teorizado sobre a mãe, assumia que outra pessoa, que não a mãe biológica, poderia exercer essa função de cuidado (Winnicott, 1986/2012).

Sobre essas mudanças nas configurações familiares nas últimas décadas, de acordo com alguns autores (Zambrano, 2006; Arruda & Lima, 2013), as concepções de pai e mãe, de masculino e feminino, são construções sociais que foram se transformando ao longo do tempo. Para Arruda e Lima (2013), historicamente o homem teve o papel social de provedor na família, que o distanciava da parentalidade. Esse contexto mudou principalmente com a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, que passaram a exercer um papel mais proeminente fora do âmbito familiar, alterando a relação entre os papéis masculino e feminino, o que permite uma maior aproximação do homem com o papel de cuidado e maior proximidade com os filhos. Nesse contexto, os autores destacam o trabalho de Winnicott, que mostrou a importância da presença do pai para a mãe e para a criança.

Com essas mudanças sociais, passa-se a questionar os papéis masculino e feminino, e conseqüentemente, o que se denomina materno e paterno. Ferreira e Aiello-Vaisberg (2006) utilizam o termo “cuidador devotado comum” em contraste à “mãe devotada comum” cunhada por Winnicott, para representar que os cuidados iniciais do bebê podem e usualmente são exercidas por outras pessoas que não a mãe. As autoras concebem que o foco a ser adotado é o das relações humanas de cuidado e não o da maternagem. E a função deste cuidador seria o de favorecer o desenvolvimento da criança no sentido da integração.

Analisando a teoria winnicottiana, Belo, Guimarães e Fidelis (2015) afirmam que ela fornece material para pensar outras configurações familiares, que não aquelas sobre as quais Winnicott se debruçou. Os autores fazem uma crítica às noções de elemento feminino e masculino puro por reforçar a compreensão de papéis sociais determinados pelo gênero. O cuidado aparece nas teorizações atrelado ao gênero feminino, impossibilitando que o homem se coloque nessa posição, reduzindo-o a um mimetismo da mãe. Segundo os autores, isso seria fruto de uma concepção de família heteronormativa, presente na época em que ele viveu. Como alternativa, para demonstrar que a função de cuidado não está atrelada à progenitora, os autores propõem os termos “adultos cuidadores” ou “adultos de *holding*”.

Apesar da discussão realizada por alguns autores a respeito da potencialidade das teorizações winnicottianas, são muito poucos os trabalhos empíricos que utilizem as suas concepções para compreender as diferentes formas de ser família e de cuidar dos filhos. Por

exemplo, ao se pensar as famílias homossexuais masculinas, há de se concordar que se tratam de dois pais, o que não necessariamente significa que ambos exerçam a função paterna, ou que a função materna só possa ser exercida por uma mulher, como será discutido a seguir.

A parentalidade em casais homossexuais masculinos e a abordagem winnicottiana

Como já salientado acima, Winnicott não se debruçou sobre o tema da parentalidade em casais homossexuais, porém suas concepções podem contribuir para a compreensão dessa realidade familiar cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Pensando-se na sua teoria (Winnicott, 1986/2012), o que determinaria a boa capacidade de cuidado seria a possibilidade do adulto responsável utilizar de sua sensibilidade para entrar em contato com sua parte infantil e, assim, poder se identificar com o filhos, de forma a atender às suas necessidades. Tal capacidade estaria presente em todas as pessoas, na medida em que todos passam pelo processo de ser bebê e criança e de ser cuidado.

Outro destaque da teoria winnicottiana é a importância atribuída a aspectos ambientais e a confiança que o autor depositava na capacidade das mães e dos pais de cuidar dos filhos. Com a necessidade da segurança fornecida por uma boa provisão ambiental, sendo necessária para um bom desempenho da função parental (Winnicott, 1957/2011), fica a questão de como casais homossexuais, cujas principais dificuldades advêm da discriminação social, vivenciam essa situação. E o quanto essas indagações sobre a legitimidade e o desempenho dessas famílias, podem afetar e prejudicar essa experiência ao interferir em um processo que deveria ocorrer de forma tranquila e natural, sem intervenções externas, como Winnicott muitas vezes assinalou.

De acordo com Serralha (2013), independentemente da orientação sexual dos pais, um fator importante para a facilitação do desenvolvimento inicial do bebê é a presença do ‘elemento feminino puro’ em um dos pais, e o ‘elemento masculino puro’ no outro membro. Segundo a autora, mesmo que as funções materna e paterna sejam flexíveis e realizados por ambos, seria importante para o bebê a referência de um dos membros do casal no exercício dos cuidados, pois o cuidado de duas pessoas diferentes com padrões diferenciados exigiria muito do bebê, que precisa de rotina e continuidade. Em um casal homossexual, é possível que o homem que possua potencial de ‘elemento feminino puro’ integrado faça a função de cuidado que a criança necessita (Serralha, 2013). Importante destacar que as concepções da autora não corroboram com os estudos encontrados, que têm demonstrado uma divisão igualitária entre os casais homossexuais nos cuidados com os filhos (Lima, Correia, Mutti & Sales, 2015; Tornello, Kruczkowski & Patterson, 2015; Tornello, Sonnenberg & Patterson, 2015).

Justificativa e objetivo

Tendo em vista a constante transformação social a respeito da parentalidade em casais homossexuais, com avanços na legislação que podem afetar a experiência dos homossexuais em relação à constituição familiar e transição à parentalidade, necessita-se ainda de mais pesquisas que se aproximem dessa realidade e que evidenciem as vivências dessa população. Assim, o presente estudo tem por objetivo investigar a constituição da parentalidade em casais homossexuais masculinos a partir de uma abordagem winnicottiana. Em particular, busca-se compreender como o cuidado é realizado pelos dois pais, e como as funções parentais são experienciada neste contexto.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 4 homens compondo 2 casais homossexuais masculinos. Ambos eram casados, residiam juntos e com um filho(a). O primeiro casal é composto por Antônio, médico ginecologista de 39 anos, seu marido Bruno, psicólogo de 32 anos, e seu filho Antônio Neto, de um ano e três meses, nascido a partir de um processo de barriga solidária. O segundo casal é composto por Carlos, psicólogo de 33 anos, seu marido Daniel, registrador civil de 32 anos, e sua filha adotiva Camila, de anos e cinco meses. Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

O Casal 1 residia em uma cidade no interior do estado de São Paulo, enquanto o Casal 2 residia no estado de Santa Catarina. Na época das entrevistas, todos trabalhavam fora de casa. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes.

Casal	Nome	Idade	Profissão	Filho(a)	Idade
1	Antônio	39	Médico	Antônio Neto	1a 3m
	Bruno	32	Psicólogo		
2	Carlos	33	Psicólogo	Camila	2a 5m
	Daniel	32	Registrador civil		

O Casal 1 contatou o pesquisador após a divulgação do estudo por uma associação da qual faz parte e o Casal 2 foi contatado pelo pesquisador a partir de uma notícia de divulgação do livro escrito por Carlos, que mencionava que ele possuía uma filha com seu marido.

Ao longo da realização da coleta de dados, grande esforço foi feito para contatar e entrevistar casais homossexuais masculinos. Ao todo foram contatados seis casais homossexuais masculinos e um pai solteiro. Quatro casais relataram não dispor de tempo para a realização das entrevistas ou não tinham disponibilidade para realizar as entrevistas por videoconferência. Assim, foram entrevistados apenas dois casais e o pai solteiro².

² Tendo em vista as dificuldades de envolver casais homossexuais masculinos neste estudo, em determinado momento optou-se por ampliar o foco da pesquisa, incluindo também casais homossexuais femininos, que aceitaram participar com mais facilidade. Ao todo foram entrevistados três casais homossexuais femininos, cujos dados não foram incluídos aqui para não desviar o foco desta dissertação, mas serão incluídos em estudos futuros.

Considerando-se os objetivos do presente estudo, optou-se por utilizar apenas os dados dos dois casais masculinos.

Delineamento e procedimentos

Trata-se de um estudo de caso múltiplo, o qual é adequado para se estudar de forma aprofundada uma condição ou fenômeno (Stake, 2006), que no presente estudo é a constituição da parentalidade em casais homossexuais masculinos, com filhos biológicos ou adotivos. Para fins do presente estudo, cada casal será considerado um caso. Ao se realizar estudos de caso, Stake (2006) sugere que os casos sejam relevantes para o objetivo da pesquisa, representem uma diversidade de contextos e ofereçam boa oportunidade de aprendizado a respeito do fenômeno foco do estudo.

Os participantes do presente estudo foram contatados inicialmente pelo pesquisador que apresentou os objetivos e procedimentos do estudo. A partir desse contato, foi combinado um dia e horário para a realização das entrevistas. Como ambos os casais residiam em cidades distantes, as entrevistas foram realizadas por videoconferência, com a anuência dos participantes. Na data estipulada, o pesquisador novamente apresentou os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que todos leram e assinaram. Nesta mesma ocasião, também foram solicitados a responder a *Ficha de Dados Demográficos da Família*. Então, foi realizada a *Entrevista sobre a História da Família* conjuntamente com ambos os membros do casal e, em seguida, foi realizada a *Entrevista sobre a Experiência da Parentalidade Homossexual Masculina*, individualmente com cada um deles.

No Casal 1, a entrevista individual com Antônio se deu no mesmo dia que a entrevista conjunta do casal, enquanto a entrevista com Bruno ocorreu alguns dias depois. No Casal 2, todas as entrevistas foram realizadas em sequência no mesmo dia. Em todas elas, os participantes se encontravam em suas residências. O áudio das entrevistas foi gravado, com a anuência dos participantes e posteriormente transcrito para fins de análise. As entrevistas ocorreram entre maio e novembro de 2018.

Instrumentos e materiais

Ficha de Dados Demográficos da Família (NUDIF, 2015): foi utilizada para se obter informações sociodemográficas como idade, profissão, escolaridade, nível socioeconômico de cada participante. Cópia no Anexo B.

Entrevista sobre a História da Família (Ogaki & Piccinini, 2017), adaptada de Lopes, Silva, Dornelles e Piccinini (2007): foi utilizada para se conhecer a história do casal e da família. A entrevista é composta por quatro blocos de questões que investigam a formação do casal, a

formalização da relação, o processo de escolha e transição para a parentalidade e as mudanças no relacionamento conjugal após terem filho. As questões a respeito da escolha e transição para a parentalidade foram adaptadas para contemplarem a situação de parentalidade adotiva ou biológica, havendo versões diferentes das questões dependendo da relação dos participantes com a criança (reprodução assistida ou adoção). Trata-se de uma entrevista estruturada que foi realizada de forma semidirigida. Cópia no Anexo C.

Entrevista sobre a Experiência da Parentalidade Homossexual Masculina (Ogaki & Piccinini, 2017), adaptada de NUDIF (2005): foi utilizada para investigar diversos aspectos da parentalidade, em particular os aspectos subjetivos de ser um pai homossexual. A entrevista é composta por oito blocos de questões, envolvendo aspectos como (1) primeiras experiências com o filho, (2) desenvolvimento do filho, (3) relacionamento com o filho, (4) inserção na escola, (5) experiência de ser pai, (6) percepções sobre o cônjuge como pai, (7) experiência como família homossexual e (8) relacionamento com a família de origem. Trata-se de uma entrevista estruturada, realizada de forma semidirigida. Cópia no Anexo D.

Considerações éticas

O presente estudo atende aos preceitos da Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o parecer nº 2.648.389, de 10 de maio de 2018. Os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo, de forma a poder decidir livremente sobre sua participação e podiam se retirar do estudo a qualquer momento sem ônus a eles. Foi pedido que lessem o TCLE e o pesquisador se dispôs a responder qualquer dúvida que pudessem ter.

Entende-se que o estudo ofereceu riscos mínimos para os participantes, se limitando aos riscos com os quais já se deparam em seu cotidiano. Compreende-se que pode ter havido algum constrangimento devido à exposição de conteúdos íntimos. Apesar disto, acredita-se que os participantes puderam ter algum benefício ao responderem às entrevistas e refletirem sobre os diversos aspectos da parentalidade.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Análise temática (Braun & Clarke, 2006) foi utilizada para se analisar as respostas dos participantes às entrevistas. Cada casal foi considerado um caso e foram analisadas conjuntamente a *Entrevista de História da Família*, respondida pela dupla coletivamente, e a *Entrevista sobre a Experiência da Homoparentalidade Masculina*, respondida individualmente por ambos. Como temas principais, foram utilizados os eixos da parentalidade propostos por Houzel (2006), a saber: o Exercício da parentalidade, a Experiência da parentalidade e a Prática da parentalidade, já caracterizados na introdução e que serão explicitados abaixo.

Seguindo Braun e Clarke (2006), as transcrições das entrevistas foram lidas e relidas em sua totalidade e, então, codificadas a partir de características expressivas da parentalidade que apareceram nos relatos dos casais homossexuais masculinos. Em seguida, os códigos foram agrupados nos temas propostos acima e divididos em subtemas que retratam os relatos dos participantes e foram considerados pertinentes para a compreensão do fenômeno foco do estudo. Após o agrupamento inicial, os subtemas foram revistos e refinados.

Ao final, chegou-se à seguinte estrutura temática: o primeiro tema, o Exercício da parentalidade, foi dividido em três subtemas: Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos, Aspectos jurídico e sociais de ter filho, e Discriminação com pais gays; o segundo tema, Experiência da parentalidade foi dividido em oito subtemas: Desejo pelo filho, Transição para a parentalidade, Relacionamento com a gestante, Sentimentos sobre a paternidade, Percepções sobre o filho, Relacionamento conjugal, Percepção sobre o cônjuge como pai, e Relacionamento com os próprios pais; e o terceiro tema, Prática da parentalidade, foi dividido em quatro subtemas: Relacionamento com o filho, A função de cuidado, Demarcação de limites, e Divisão de tarefas entre o casal.

Trechos dos relatos dos participantes serão apresentados como ilustração de cada um dos temas e subtemas. Por fim, os relatos associados a cada tema e subtemas serão discutidos à luz da literatura disponível, tomando como base a teoria winnicottiana sem desconsiderar outros autores que possam contribuir para a compreensão da constituição da parentalidade em casais homossexuais masculinos.

Quanto à apresentação, inicialmente os dados das entrevistas de cada casal serão descritos separadamente, segundo os temas propostos associados à parentalidade. Em um segundo momento será realizado o cruzamento e a discussão dos casos, destacando-se as semelhanças e particularidades entre eles.

Caso 1: Antônio, Bruno e Neto

O casal entrou em contato com o pesquisador a partir da divulgação da pesquisa pela Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas. A família é composta por Antônio (médico ginecologista, 39), Bruno (psicólogo, 32) e seu filho Antônio Neto (1a 3m). Residiam em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Os pais de Bruno eram separados e cada um residia em uma cidade diferente, distantes geograficamente do casal. O pai de Antônio era falecido e sua mãe residia na mesma cidade que o casal e os visitava diariamente.

O casal se conheceu em uma balada em 2011, aonde “ficaram” pela primeira vez. Em seguida, continuaram se vendo e Bruno às vezes passava a noite na casa de Antônio. Como tinha uma carga de trabalho mais amena, Bruno começou a cuidar dos afazeres da casa, como parte da limpeza e as compras no supermercado. Dois meses após se conhecerem estavam morando juntos, o que relatam ter acontecido naturalmente. Segundo eles, ambos buscavam alguém para um relacionamento sério quando se conheceram.

Seis meses depois, se mudaram para a cidade natal de Antônio, aonde residiam em 2018, época em que participaram do presente estudo. Se casaram oficialmente em 2014, após a liberação do casamento homossexual pelo CNJ (Resolução 175/2013). Segundo eles, o desejo pela paternidade já existia no começo do relacionamento e era expresso por ambos. Conversavam sobre adoção, porém Antônio possuía receios com relação a adotar. Logo após a lua de mel, viram uma reportagem na televisão sobre barriga de aluguel e começaram a pesquisar sobre o assunto, “*A gente começou a ter a nossa gestação um mês depois do casamento já*” (Antônio).

Inicialmente, contataram o serviço que haviam visto na televisão e tentaram barriga de aluguel no exterior, utilizando o esperma de Antônio e os óvulos da irmã de Bruno, com a intenção de misturar a genética de ambos. Porém, após quatro tentativas, nenhum dos embriões se desenvolveu. Fizeram mais duas tentativas com óvulos anônimos, mas que também foram malsucedidas. Sabendo dessa história, uma prima de Antônio se ofereceu pra gestar o bebê para eles. Essa prima residia em uma cidadezinha próxima aonde o casal morava, era próxima a eles e fazia suas consultas ginecológicas com Antônio antes de se voluntariar a ser sua barriga solidária. Ela era solteira e já possuía três filhos, cada gestação tendo sido de um homem diferente.

O casal, então, fez mais duas tentativas, tendo sucesso na segunda, com o uso do esperma de Antônio e o óvulo de uma doadora anônima. Em 2017, nasce Neto. Concomitante ao processo de fertilização, o casal também entrou na fila de adoção. Expressaram o desejo de adotar uma menina e que esperavam ter três filhos no total.

Exercício da parentalidade

O primeiro tema, Exercício da parentalidade, compreende as falas dos participantes que se referem aos marcos legais e aos aspectos sociais de vir a ser pai. Ele foi dividido em três subtemas: Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos, Aspectos jurídico e sociais de ter filho, e Discriminação com pais gays. Cada um destes subtemas é caracterizado a seguir, ilustrado por relatos dos pais.

Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos

Bruno e Antônio já estavam em um relacionamento há três anos e morando juntos quando se casaram. A decisão pela oficialização da relação veio após a notícia da aprovação do casamento homossexual pelo STF. O casal relatou que fez uma grande festa na cidade em que residiam, com vários convidados e obtiveram muita visibilidade.

Segundo o relato de Antônio, foram o primeiro casal gay a se casar na cidade em que residiam e isso, junto ao fato de ser uma festa muito grande, chamou a atenção dos moradores. No dia da cerimônia *“Fora do salão né, tinha muita gente em volta dos alambrados, e a minha mãe falava ‘Nossa olha que tanta gente lá, será que vão tacar pedra?’ , tava com tanto medo, mas as pessoas não tavam ali pra isso, e a gente sentia que as pessoas comemoravam, cada coisa que a gente falava o pessoal gritava, batia palma, foi um momento muito mágico assim pra gente né, e a gente sentiu bem acolhido naquele momento”* (Antônio).

O casal relatou que com o casamento adquiriram um novo status que legitimava a relação perante a sociedade e garantia a eles os direitos civis de casados, como se observa nas falas de Antônio: *“Eu acho que o casamento foi importante pra sociedade entender, né? Assim, dá uma visibilidade e um respeito maior, é um status o casamento né?”* e *“ah se eu morrer né, ele vai ter direito ao meu salário, entendeu? Então, é convênio, ah se ficar um dia no leito lá, ele vai chegar, o que que ele é seu? É seu marido, então te dá essa abertura, tá aqui na certidão”* e também de Bruno: *“A gente se casou pelo aspecto civil né, pela garantia dos direitos e também, e fez a festa pra comemorar esse momento como grande parte das pessoas fazem. Mas assim, no dia a dia do relacionamento, a gente já era casado.”*

Assim, o processo de legitimação dessa família se iniciou com o casamento, que garantiu a eles uma série de direitos civis, assim como propiciou certo reconhecimento social da relação e da família que eles passaram a compor. O casamento também se mostra importante posteriormente, na hora do registro do filho, garantindo a legitimidade dessa filiação ao casal homossexual, como será mostrado a seguir.

Aspectos jurídico e sociais de ter filho

Com relação ao processo de ter um filho, o casal relatou conversarem mais sobre adoção inicialmente, pois não tinham conhecimento de outras alternativas para ter filhos. Sobre a barriga solidária, Antônio comenta: *“Eu tinha ouvido falar, mas não era algo que vinha na minha cabeça né”*. Eles ficaram sabendo dessa opção após assistirem à uma reportagem na televisão mostrando um casal homossexual que teve um filho por barriga de aluguel no exterior, contemplando uma nova possibilidade para seus planos de ter um filho. Sabendo dessa alternativa, o casal buscou maiores informações e contatou uma empresa que realizava o processo de barriga de aluguel em outros países para casais brasileiros e fez algumas tentativas. Após seis tentativas malsucedidas de barriga de aluguel no exterior, o casal ficou sabendo que poderiam recorrer à uma barriga solidária no país: *“A gente não sabia disso até então, que na realidade pode fazer barriga no Brasil, sendo solidária (...) Se eu soubesse que no Brasil poderia, eu não teria ido pra fora pra fazer isso”* (Antônio).

Após a realização do processo de barriga solidária, com relação aos procedimentos de registro do filho e os documentos necessários, Antônio explicou: *“A gente tem uma procuração e essa procuração fala que ela não tá recebendo nada e que ela tá fazendo barriga solidária pra mim e pro Bruno né, sem nenhum ganho, né. Então é isso, é essa a declaração que ela faz, mas essa declaração se um dia ela quiser ir atrás ela não tem direito nenhum no Brasil. A legislação dá direito ao casal né [...] Essa declaração é importante porque pra fazer o registro hoje precisa de alguns documentos. O documento que é de NV [Nascido Vivo], que é aonde que nasce né, no hospital. Daí lá no hospital eles vão preencher o nome do pai biológico e o nome da barriga solidária, que nesse caso o nome da barriga solidária vai sair como mãe, mas daí na hora do registro não sai, né. Então precisa dessa da NV, precisa dessa procuração da barriga solidária, precisa da certidão de casamento da gente e precisa do papel da clínica falando que foi feito o processo de reprodução assistida e foi feito com ovodadora anônima né. Daí, com esses quatro documentos eu ou o Bruno pode ir no cartório sozinho e fazer o registro da criança, né. Que também assim, foi super um estresse que eu tinha medo, a gente foi várias vezes no cartório ver se era isso mesmo, falaram que tava tudo certo, mas eu tinha medo de ser negado, a gente queria o nosso filho com o nome dos dois pais, e deu tudo certo”*. Apesar de não ser imprescindível que o casal esteja casado para se registrar um filho, a declaração de casamento, neste caso, contribuiu para esse processo.

É possível perceber que, embora eles soubessem que era possível o registro do filho com o nome dos dois pais, ainda permanecia a insegurança do casal não ser reconhecido legalmente como pais da criança. Esse medo era reforçado por comentários de outras pessoas, que questionavam a estrutura familiar e o lugar da gestante nesse processo: *“As pessoas falavam*

‘Ai e a mãe?’, ele não tem mãe, ele tem uma pessoa que gerou ele dentro da barriga e uma pessoa que doou o material genético pra ele existir, mas ele não tem mãe, ele tem dois pais, né” (Antônio) e *“Teve alguma resistência assim, algum comentário em relação a ela... Como é que seria, se ela não ia querer tá presente”* (Bruno).

Enquanto estavam no processo de ter filho, o casal entrou em contato com uma entidade voltada às famílias LGBTIs e participou de um congresso organizado por essa entidade, onde puderam ter apoio sobre aspectos jurídicos: *“E daí lá nesse congresso eu tive todos os requisitos pra poder fazer a parte de registro do meu filho, eu tava totalmente perdido né”* (Antônio).

Segundo eles, as informações sobre o processo de utilizar barriga solidária para ter filhos ainda são pouco difundidas no país *“que é um tabu, as pessoas não sabem que pode ser feito a barriga solidária no Brasil”* (Antônio). E o casal tem buscado contribuir na divulgação dessas informações *“Já orientei muitos casais homossexuais, porque a gente participou de uma reportagem, então eu recebo muito e-mail, recebo muita gente, facebook, instagram, perguntando sobre isso e eu orientei muitos casais já, tem uns dez casais que já orientei pra ter filhos, como que é o processo todo”* (Antônio).

Com relação ao período posterior ao nascimento do filho, Antônio fala sobre a licença maternidade: *“Eu tinha dois empregos públicos que eu entrei com pedido de licença, eles negaram, eu entrei com uma liminar do juiz, daí eu consegui”*. A negação do pedido de licença demonstra que casais homossexuais masculinos ainda podem encontrar resistência no contexto de trabalho quando se tornam pais, porém a legislação permite que eles possam tirar licença maternidade quando se responsabilizam pelos cuidados do filho logo após o nascimento.

Como pode ser observado, o processo de barriga solidária ainda é pouco difundido no nosso país, gerando muitas dúvidas como fica claro nas falas do casal, que não conhecia essa possibilidade e partiu para divulgar essa informação. O registro do filho, embora permeado do medo de ser negado, ocorreu de forma tranquila, com os dois constando como pais na certidão, respaldado juridicamente. Assim, o casal pôde exercer a paternidade conjuntamente perante a lei e desfrutar de direitos como a licença maternidade.

Discriminação com pais gays

Durante as entrevistas, o casal relatou dificuldade de aceitação do casamento pela família por se tratar de um casal homossexual *“quando a gente foi contar pro, pros meus pais, alguns familiares, a gente teve uma resistência assim, né? Alguns primos que são evangélicos não foram no casamento, é, o meu cunhado meio que homofóbico também não veio”* (Antônio). Apesar do reconhecimento do casamento homossexual pelo STF, percebe-se que ainda existe

contestação social sobre isso, muitas vezes motivada por preconceito e alimentado particularmente por várias religiões.

O casal também relatou que muitas vezes eram questionados por serem homens, pois tem-se socialmente o entendimento de que são as mães/mulheres que se ocupam dos cuidados com filhos e não o pai/homem. Isso pode ser observado nas falas de Antônio: *“Isso a gente era afrontado, né. As pessoas falavam ‘Ai vocês não são capazes porque são dois homens, onde já se viu’”* e *“As pessoas achavam que iam ser nossas mães que iam cuidar”*. E nas falas de Bruno: *“Uma vez eu tava na fila do supermercado, uma mulher virou pra mim e falou assim ‘Ai e o bebê?’, eu falei ‘Tá bem, graças a deus’, ‘E quem tá cuidando?’, falei ‘Como assim quem tá cuidando? A gente’ (risos), né”* e *“As pessoas achavam que precisava de uma mulher cuidando da criança”*. Porém, eles possuíam a compreensão de que as tarefas de cuidado independem do gênero, podendo ser realizada por ambos: *“Os papeis é, não, realmente não depende de sexo. É o amor mesmo que vai, que faz você ir, só não se limitar, achar que porque você é homem você não pode fazer tal coisa. Pode fazer tudo, e a mulher também, ela pode fazer tudo (risos). Não é o sexo que vai dizer a sua tarefa”* (Antônio).

Outro ponto destacado por Antônio foram as situações em que precisavam trocar as fraldas do filho fora de casa: *“Em relação ao trocador, a gente chegava ‘Aí só tem trocador no banheiro feminino, cadê a mãe?’, só que ele não tem mãe, ele tem dois pais (risos) e você tem que evoluir, que tem que ter um trocador família. Eu criava super confusão, chamava gerente, né. E sempre falava ‘Então, você tem que evoluir, porque senão da próxima vez eu não venho comer aqui, não vou passar aqui, é um absurdo não ter trocador, entendeu? Hoje não é só, ele é meu marido, a gente é um casal homossexual, mas tem um pai que pode vir sozinho com o filho e não ter um trocador. Então você vai lá bloquear o banheiro que eu vou entrar. Eu vou ter que entrar no banheiro feminino, mas você vai bloquear porque eu vou ter que trocar o meu filho’, ‘Ai você quer que eu troque?’, teve uma mulher [que perguntou], ‘Imagina, você não vai trocar o meu filho, eu que vou trocar meu filho’, né. Então, teve algumas situações assim né, de trocador. Trocador sempre era um estresse (risos)”*.

Além do fato de serem homens, também haviam comentários com relação à orientação sexual do casal, como algo que poderia afetar o filho, como aponta Antônio: *“De ah as pessoas falam ‘Será que ele vai ser homossexual? Porque é educado por dois pais’, gay né”*.

Mesmo com o casamento e a filiação reconhecidos legalmente, pode-se observar que o casal ainda enfrentava resistência de algumas pessoas dentro da sociedade com relação à sua capacidade de cuidar de um bebê por serem homens e gays.

Experiência da parentalidade

O segundo tema, Experiência da parentalidade, compreende as falas que representam como era a vivência subjetiva de ser pai para o casal, como essa experiência era sentida por cada um deles e quais os aspectos que influenciavam esta experiência. Esse tema foi dividido em sete subtemas, a saber: Desejo pelo filho, Transição para a parentalidade, Relacionamento com a gestante, Sentimentos sobre a paternidade, Percepções sobre o filho, Relacionamento conjugal, Percepção sobre o cônjuge como pai, e Relacionamento com os próprios pais. Cada um destes subtemas é apresentado a seguir, ilustrado por relatos dos pais.

Desejo pelo filho

O desejo em ter filhos foi apontado por Antônio como existente desde antes de seu relacionamento com Bruno *“Eu sempre tive isso muito forte de ter um filho, não sabia como, mas eu queria muito ter um filho. Uma coisa que me persegue desde que eu me entendo por indivíduo”*. O desejo também é relatado quando ele se referiu à preocupação durante o acompanhamento da gravidez, pois *“Era o meu filho né, meu filho ultra, ultra, ultra desejado né”*.

Tal desejo pelo filho, no início foi pontuado como o desejo de um filho vinculado biologicamente a eles, principalmente para Antônio, que relatou que tinha resistências com relação à adoção: *“Eu pensava em ter filho biológico, nem sei porquê”* e *“Daí a priori o que a gente pensou, ia ser meu esperma, com óvulos da irmã do Bruno”* ao que Bruno complementa: *“Pra poder misturar a nossa genética”*.

Além do forte desejo, o casal aponta que há todo um processo de decisão e planejamento a ser realizado pelo casal homossexual para se ter um filho, como aparece na seguinte fala de Bruno: *“Pra gente é diferente de um casal hétero que a gravidez acontece né, tem muita gravidez planejada, mas pra gente é estritamente planejado, é uma decisão, é uma escolha”* e também na fala de Antônio: *“A gente escolheu ser pai, a gente desejou ser pai, a gente planejou muito pra ser pai, então a gente quer ser muito pai, a gente se preparou muito pra ser pai. Em 100 por cento de casais hétero, eu acho que em menos de um por cento isso acontece, agora casal gay 100 por cento isso acontece, planejar pra ser pai. Então a gente escolhe, a gente opina pra isso, então pra gente optar por isso, a gente tem que ter muita retaguarda né. Então eu acho que isso dá uma diferença”*. Após essa escolha, o casal passou por inúmeras provações, tendo realizado seis tentativas de fertilização in vitro com barriga de aluguel no exterior que não deram certo e realizaram mais duas fertilizações no Brasil, com o apoio da prima de Antônio que se ofereceu para ser a gestante.

Assim, o desejo pelo filho no casal é marcado por ser muito forte e presente desde antes do relacionamento entre esses pais. Para alcançar seu desejo, o casal precisou passar por um longo processo de planejamento e inúmeras provações nas tentativas fracassadas de fertilização. Porém o desejo se manteve firme até que conseguissem ter um filho.

Transição para a parentalidade

O processo de transição para a parentalidade desse casal iniciou com a decisão de ter um filho logo após se casarem, como relata Antônio: “*A gente começou a ter a nossa gestação um mês depois do casamento já (risos)*”. Esse início foi marcado pela busca de informações e dos serviços necessários para serem pais. Foram sete tentativas de fertilização malsucedidas antes de conseguirem realizar o desejo de se tornarem pais.

A segunda tentativa realizada no Brasil foi bem-sucedida (oitava no total), porém ainda havia o medo de perda devido ao histórico de tentativas frustradas, principalmente em Antônio, como foi relatado por ele: “*Nessa segunda, a gente foi contar bem tarde assim, depois de três meses pra minha mãe e pro meu pai, pra mãe e o pai do Bruno, mas eu odiava receber qualquer presente, eu queria morrer com presente. Eu só comemorei quando eu tirei o meu filho da barriga da minha prima e vi o meu filho, porque até lá eu não conseguia comemorar, eu não conseguia, durante a gestação toda eu não comemorava, eu era muito pé no chão assim, hoje tá tudo bem, mas vamos ver amanhã, eu não conseguia relaxar. O Bruno relaxava mais, curtiu o ultrassom, eu fiquei tenso durante toda a gestação, entendeu? Eu odiava receber presente pro nenê, era superstição né, mas eu não gostava. Pra fazer o enxoval a gente deixou pra fazer bem tarde, tipo assim, um mês*”. Assim, esse início do processo de se tornar pai foi marcado por perdas e medos que permaneceram até o final da gestação.

Apesar dos sentimentos negativos, por terem recorrido à gestação de substituição o casal teve a oportunidade de acompanhar a gravidez e de sentirem que ficaram “grávidos” juntos, como expresso nas falas de Bruno: “*Mas é realmente assim um processo de, de gestação mesmo que a gente passa*” e “*A gente não tem os sintomas físicos que a mulher tem da gravidez, mas a gente fica grávido junto*”, e nas falas de Antônio, que demonstram como foi experienciado esse período: “*A gente passa todas as queixas, cada vômito dela, cada coisa dela...*” e alguns sintomas típicos da gestação que ele apresentou nesse período: “*Insônias, dor de cabeça, irritabilidade, briga com todas as pessoas (risos). Então é, foi difícil, a primeira expressão que eu vi e levei né, é uma montanha russa de emoções né*”.

Desde a gestação, Antônio buscou se responsabilizar pelo filho, assumindo a função de médico do pré-natal e do parto, o que relatou ter sido uma responsabilidade muito grande sobre ele: “*Eu não abri mão de fazer nada, eu fiz tudo, foi bom e foi ruim, porque eu tive um peso*

imenso nas minhas costas, eu quis fazer o parto, quis fazer tudo né. E graças a deus nasceu saudável, mas foi super legal o parto porque eu pude abençoar o meu filho, fui a primeira pessoa que coloquei a mão nele, entendeu? É, eu acredito muito nessa coisa do nascimento né, que a gente modifica muito as pessoas no nascimento né. Então a gente entrou junto no parto, foi uma coisa muito, muito in, muito íntima e daí foi assim né, que aconteceu o filho chegar na nossa vida, uma coisa muito boa, muito transformadora, esse início foi muito forte assim pra gente né, e tá sendo, cada dia é um amor muito forte que não dá pra explicar, você faz tudo, de repente tudo é por aquele ser, você se esquece e é seu filho né, você quer vê-lo, quer tá perto, quer ajudar né, mas é muito gostoso, é muito trabalhoso, mas é muito bom (risos)”. Apesar dessa pressão por ser pai e médico ao mesmo tempo, ele demonstrou satisfação de ter assumido toda essa responsabilidade e ter se sentido realizado por fazer o parto e por se tornar pai.

Após o nascimento de seu filho, Bruno disse que a paternidade pra ele ocorreu de forma instintiva: *“Mas eu achei incrível assim, vamos dizer, que o instinto materno que se diz que a mulher que tem, como isso em uma semana se desenvolve dentro da gente né. Mas eu achei incrível vivenciar isso, como esse instinto assim de proteção, de cuidado, de você conseguir aprender, de você identificar choro, você saber tudo né assim, enfim, que seria coisa que pra sociedade uma mulher apenas saberia fazer”. Esse instinto foi compreendido como a capacidade de compreender as necessidades do bebê e fornecer a ele o cuidado apropriado: “Esse instinto materno surge dentro da gente e a gente aprende as coisas muito rápido, né. Assim, antes a gente ficava se preparando né, buscando ler alguma coisa né assim, mas isso vem de uma forma muito natural [...] eu não tinha contato nenhum, eu mal pegava criança no colo, bebezinho assim, então pra mim foi bastante diferente, mas é o que eu falei, foi muito surpreendente a forma como as coisas vieram naturalmente assim né, esse cuidado, o jeito de lidar, de compreender, de identificar o que o nenê tava precisando naquele momento, eu penso né que, não sei se é algo meu ou de psicólogo, sabe assim a questão da observação né, isso contribuiu muito pra ir em cada fase ir tipo assim caminhando junto com o desenvolvimento do nenê né”.*

Para Antônio o sentimento de ser pai também se instalou logo após o nascimento, como algo muito forte e natural: *“Ah já da hora que eu cheguei aqui em casa, tava com ele no colo, eu já falei ‘Eu sou pai’ (risos). No momento que ele chegou, tava ali, é tão meu, é tão a minha cria, é tão legítimo né, então é uma coisa (risos) é visceral mesmo assim a paternidade, é uma coisa muito forte, é difícil você explicar em palavras”.*

Como pais, eles relataram que sentiram muitas mudanças, pois o filho passou a ocupar um grande espaço em suas vidas, pensavam constantemente nele, se preocupavam com seu bem-estar e precisaram incluí-lo em todos os seus planos, como se evidencia na fala de Antônio:

“Ele é meu, eu tenho que proteger e tudo ele depende de mim agora, tudo sou eu pra ele, então até a velocidade do carro eu diminui, porque eu tenho um filho pra cuidar, eu adoro correr de carro, aí eu penso ‘E se eu morrer, e meu filho, meu deus do céu, não posso morrer por causa do meu filho’, assim eu não sou mais insequente, tudo tem o meu filho né” e também na de Bruno: “O filho fica ocupando nosso espaço mental constantemente, 24 horas por dia, enquanto a gente trabalha com todas as outras informações né, mas o filho tá sempre ali, tá sempre pensando nele ou sentindo saudade ou das responsabilidades né. Acho que tudo gira em torno né. Assim, você vai sair, você tem que pensar nele, você vai né, fazer algo daqui a uma semana, você tem que.... tudo que a gente vai fazer a gente pensa nele. Assim, eu pelo menos, pra mim é assim a vida mudou completamente. Hoje eu acho que tudo adquire outro sentido. Eu tava pensando assim, ah o trabalho já não é mais uma conquista sua, talvez seja uma conquista mais por ele né, pensando no futuro dele”.

Antônio demonstrou compreender, com o processo de habilitação pra adoção, que ser pai é algo que está além dos laços biológicos, envolve também laços afetivos num processo de se tornar pai que ocorre na relação com o próprio filho, superando seu receio inicial em adotar: *“Na fila de adoção quebrou muito paradigma pra mim assim, foi legal pra eu poder entender que ser pai não precisa ser uma coisa biológica, você se torna pai. Então, do mesmo jeito que um bebê sendo biológico, um bebê não sendo biológico chega na sua casa e você vai aprender a amá-lo e ele vai aprender a te amar e aí você vai se tornar pai e ele vai se tornar filho né. Mas isso é uma coisa que as pessoas não entendem muito e com o processo de adoção eu pude entender isso né”.*

Assim, a transição para a parentalidade do casal iniciou com a decisão de ter um filho, passando por grandes frustrações nas tentativas malsucedidas de fertilização, o acompanhamento da gestação com o sentimento de ficarem grávidos junto e o nascimento do filho, Neto. O sentimento de ser pai se deu logo após o nascimento, como algo natural e que passou a ocupar totalmente a vida deles, com alterações na rotina e preocupações constantes sobre o filho.

Relacionamento com a gestante

A gestante de Neto foi uma prima de Antônio, que soube das tentativas frustradas de barriga de aluguel no exterior e se ofereceu para ser a gestante para o casal. Ela era solteira, já possuía três filhos e vivia em uma cidadezinha próxima à que o casal morava. Durante o período de gestação, a relação de Antônio com a prima foi conturbada por ele ser o médico responsável pelo pré-natal. Ele já atuava como ginecologista dela anteriormente. Como paciente, ela o procurava com queixas constantes da gravidez e o relacionamento pessoal entre eles foi alterado

devido à relação profissional: *“Ela é uma pessoa meio resistente em algumas coisas, ela tinha uma alimentação que não era muito saudável né, então a gente ficava meio neurótico com aquilo. É, durante a gestação, eu vou te falar que a minha relação com ela não foi das melhores...”* e *“Então assim, ah, eu me irritava muito com as queixas dela porque eu tinha dificuldade em trabalhar, então era difícil aquilo”* (Antônio). Bruno, por outro lado, possuía uma boa relação com a gestante, ele a acompanhava durante consultas e exames, momentos em que tinham oportunidade de conversar: *“Ela conversava mais comigo eu acho, porque assim eu que levava ela pra nutricionista né, que quando ia fazer exame, eu que levei ela pra fazer, eu que comprava a parte de alimentação e levava pra ela”*.

O casal também falou que a gestante era questionada por outras pessoas que não compreendiam o fato dela entregar um bebê gestado por ela a outros e que ela tentava ocultar a gestação: *“Tinha meio essas neuroses que ela falava às vezes, pegava uma fala dela ‘você tá com vergonha, tá escondendo que tá grávida, pelo amor de deus’”* (Antônio). Segundo eles, o pai da gestante principalmente foi contra ela realizar o procedimento no início, mas acabou aceitando após o casal conversar com ele.

Apesar disso, o casal referiu que não teve qualquer tipo de problema com a gestante em relação ao bebê e tinham a percepção de que ela lidava muito bem com o processo de gerar para eles, como se evidencia nas seguintes falas: *“Ela tinha a noção que assim é diferente, ela não tava entregando um filho dela pra gente né assim, ela simplesmente tava emprestando, ela emprestou a barriga dela, o útero dela, a barriga dela pra gente fazer né, o nosso filho. Desde o começo esse processo foi feito pra gerar um filho pra gente. Então assim, é completamente diferente da entrega de um filho pra adoção. Isso que as pessoas não entendem muito bem”* (Bruno) e *“A gente foi muito abençoado por ela ser uma pessoa assim e isso acho que é uma coisa tão natural, que assim que não vai ter grandes queixas das pessoas falar ‘Ai ela não vai querer o bebê pra ela?’ Não, é super, ela sabe muito bem diferenciar isso, acho que ela é muito, a gente foi muito sortudo por isso. Eu falo que um dos maiores exemplos de amor, de doação que eu quero que meu filho tenha é pela minha prima que se doou né, de corpo, alma pra gerá-lo dentro da barriga dela, respeitando é, amando e respeitando, que assim eu acho que é um grande exemplo que ele vai ter pro resto da vida dele de doação né. Eu acho que é como se fosse uma doação de órgão mesmo, a pessoa tem que querer, tem que respeitar né, e ela nos respeitou muito né, assim de ser o nosso filho, ela sabe muito bem o lugar dela, eu acho que isso que é muito legal né”* (Antônio).

O casal relatou que a gestante se ofereceu para amamentar o bebê, mas eles acharam melhor que ela não fizesse isso, preferindo eles mesmo ficarem responsável pela alimentação desde o início, como pode ser observado na fala de Antônio: *“Em relação à amamentação, a*

gente não queria que tivesse amamentação porque amamentação é uma coisa que gera vínculo forte, né”.

Após o parto, a prima se manteve distante do bebê, de acordo com Antônio, mas passado algum tempo ela permaneceu próxima ao casal e passou a interagir normalmente com filho deles: *“Logo depois quando o bebê nasceu ela nem pegava o bebê. Eu fui tirar os pontos, eu fui até na casa dela, a gente passou que a gente ia levar o bebê no pediatra, ela nem quis pegar, só olhou de longe. Hoje não, hoje ela pega, brinca, tudo bem, mas no começo ela ficava, acho que é uma forma de autoproteção também porque era uma coisa muito nova, como que ela ia lidando, então, mas aí foi isso só”.* Antônio também relatou que fala para o filho da participação dessa prima em seu nascimento e trata o assunto com naturalidade: *“Quando a minha prima chega, ‘Olha, ela foi a mulher que gerou você dentro da barriga dela pros seus papais’, mas nunca deixar de dizer, dizer de uma forma natural e espontânea, não tem porquê, agora se você não diz e vira um tabu em relação àquilo daí eu acho que gera um problema.”.*

Assim, pode-se observar que o casal manteve um relacionamento próximo com a gestante durante todo o período de gestação, participando de consultas e exames, como profissional ou acompanhante. Ter se colocado na posição de médico responsável pelo pré-natal acabou perturbando a relação de Antônio com ela nesse período, enquanto Bruno possuía uma relação de apoio e cuidado. Após o nascimento, tiveram a percepção de que ela buscava se distanciar do bebê, mas passou a interagir normalmente com ele depois. De forma geral, o casal se mostrou muito agradecido à prima por ter cumprido esse papel e tiveram a percepção de que ela lidou muito bem com o processo de barriga solidária.

Sentimentos sobre a paternidade

Os sentimentos sobre a paternidade nesse casal se iniciaram antes mesmo deles se tornarem pais, durante o processo de transição para a parentalidade, em que enfrentaram algumas tentativas malsucedidas de fertilização, gerando sentimento de frustração e tristeza: *“A gente tava super arrasado assim né, não tinha dado certo”* (Antônio) e *“O que eu acho que foi mais difícil foi a primeira aqui do Brasil né, não sei se porque a gente tava perto, porque a gente viu o resultado na mão, né assim, a gente tava com a barriga ali do nosso lado, mas nossa, essa foi arrasadora mesmo”* (Bruno).

Com o sucesso da oitava tentativa de fertilização, o casal teve a oportunidade de acompanhar a gestação de seu filho. Nesse processo, Antônio vivenciou sentimentos de irritabilidade devido à preocupação com o bem-estar do filho, como se evidencia em sua fala: *“Eu tinha as vezes assim que eu ficava muito irritado, mas irritado porque eu tava nervoso,*

preocupado”, ao que Bruno complementa: *“Ele não soube lidar muito bem com essa, assim... Entre ser médico e pai ao mesmo tempo”*. Após o nascimento, essa irritabilidade presente durante a gestação foi substituída por tolerância, principalmente na hora de lidar com o filho, como relata Antônio: *“Eu me tornei mais tolerante eu acho, antes eu brigava mais, você fica mais consciente um pouco assim”, “Com o filho você ganha tolerância a mais né” e “Quando você tá muito cansado e a criança quer fazer uma coisa, quer fazer outra aí você faz hmmm e surge aquela tolerância pelo filho, é mágico isso né (risos), que por nada você aguenta aquilo, mas como a criança tá, você vai”*.

Porém, as preocupações com o bem-estar do filho permaneceram: *“Eu lembro que a primeira vez que ele começou a mamar de verdade daí eu até comecei a chorar né, que você, falei ‘Gente, será que ele tá com algum problema, que não mama’ né. Na realidade você mesmo sendo médico, você vive todas as emoções né”* (Antônio), principalmente nos primeiros momentos, em que eles se voltaram totalmente ao bebê: *“A gente passa por período em que é exclusivamente o nenê, né assim, a preocupação”* (Bruno).

Nos primeiros momentos após o nascimento do filho, o casal relatou que teve muito apoio da família, que iam até a casa deles, mas davam muitos palpites que eram rejeitados, pois o casal sentia que como pais eram eles mesmos quem podiam proporcionar o melhor para seu filho: *“Minha mãe falava, minha sogra falava, minha cunhada falava, eu fazia o que eu queria fazer e ah se alguém fizesse alguma coisa né, você fica meio que uma galinha choca, eu tive esse processo né, de ficar com ciúmes, como o Bruno teve também né. E é um processo que na realidade você quer construir o vínculo né, com a criança. A criança chegou então tudo é você né, e é necessário construir aquele vínculo então, e as pessoas as vezes por mal ou por bem, mas elas querem se aproximar, querem dar palpites e é difícil né, então gera muito atrito né, eu não gostava muito, de muito palpite, fazia o que eu queria fazer e não gostava que ficava pegando a criança, é meu e vai fazer do jeito que eu quero”* (Antônio).

Como pai, Antônio relatou que os sentimentos que nutria pelo filho eram muito fortes, se sentia muito gratificado e queria doar o que tinha de melhor para o filho: *“A mesma coisa que te dá muito trabalho, mas te dá muito prazer, é um êxtase muito grande, você tá ali com a criança, tá dormindo aqui assim, no peito teu assim, aí você fala, é tanta proteção, é tanta coisa, é muito forte aquilo, uma coisa que você, por exemplo, o sentimento que você tem pelos seus pais né, você acha que é imenso, depois que você tem um filho você vê que é mínimo, o sentimento pelo filho é muito maior (risos). Daí você entende tudo que você falou pra sua mãe, pro seu pai, um monte de asneira e eles engoliram, então o pai e a mãe engole muito o que o filho faz né, e o filho não engole pela mãe e pelo pai, é muito diferente, é uma coisa, eu acho que uma das maiores graças que deus pode dar pro ser humano é a paternidade, a*

maternidade” e “*Eu acho que é muito gratificante. eu acho que a gente espera menos, é mais em relação à essa gratificação assim, é muito, eu sou muito realizado assim, como que deus foi generoso, como que deus foi tão bom pra mim de dar né essa oportunidade de ser pai, é como se eu pegasse um papel e passasse tudo de melhor que eu tenho, eu quero passar pro meu filho né. Esse sentimento de proteção e de você querer se doar, a melhor parte sua é muito bom, entendeu?*”. Bruno também falou sobre o sentimento de proteção em relação ao filho: “*É meu dever cuidar dele, protegê-lo, no máximo que eu puder, eu vou fazer isso, claro que uma coisa ou outra vai acabar acontecendo um dia né, mas aí é acidente*”.

Outro sentimento realçado por Antônio foi o de nostalgia, de lembrar da própria infância no contato com seu filho: “*Eu amo o meu filho, eu sinto o tanto que ele é amado e eu sinto isso comigo também, eu tenho lembranças dos meus bisavós, da minha bisavó, que era legal isso, dos meus avós, eu tinha uma avó que foi muito próxima. E porque eu gostava de contar história, de contar história da família, de geração, o que aconteceu e tal, então eu tenho essa ligação forte assim, eu acho, eu tenho uma coisa boa, um pensamento bom em relação a isso, boas memórias*”.

Como pôde ser visto, para o casal a paternidade proporcionou muitas preocupações com o bem-estar do filho inicialmente, atrelados ao sentimento de proteção e responsabilidade sobre ele. Os sentimentos sobre a paternidade também foram descritos como muito fortes e gratificantes. Antônio relatou ter se sentido mais toleante após ser pai e também que o contato com o filho o fazia retomar sua própria infância.

Percepções sobre o filho

Antônio relatou que percebe que o filho (1a 3m) vinha se desenvolvendo e se tornando mais independente, colocando suas próprias vontades para os pais: “*Agora tem certas coisas que ele é mais independente, por exemplo, ele não acorda tanto a noite, dorme mais né, ele tá dormindo agora, antes ele ia tá acordando, então aí dá mais uma tranquilidade pra gente. Mas é mais arte, ele se impõe mais, ele tem as vontades dele, ele sabe falar o que ele quer, o que ele não quer*”, ao que Bruno complementa: “*Sabe falar assim, ele não fala ainda, mas ele se comunica completamente (risos)*”.

Sobre as vontades do filho, Bruno falou que ele gostava que lhe dessem atenção e brincassem junto a ele: “*Ele quer que a gente, se a gente aparece, ele quer que a gente esteja com ele. Ele gosta que a gente fique com ele, que sente, que brinque, né assim*”. Antônio também falou de sua percepção de que o filho demandava atenção e não gostava que se ocupassem com outras coisas enquanto estavam com ele: “*É engraçado, ele fica irritadíssimo se eu pegar a taça de vinho (risos) e o celular né. Eu tenho pouco tempo com ele assim na*

realidade, eu acabo tendo uma rotina bem pesada de trabalho. Quando eu tô com ele, então eu estou com ele mesmo, eu paro, sento no chão, brinco, faço o que ele..., não tem nem o meu celular né, de estar ali com ele”. Além de não gostar de ver o pai com o celular, Antônio disse que o próprio Neto também não se interessava por aparelhos eletrônicos, preferindo brinquedos e brincadeiras: “Ele não tem paciência, eu não sei se é por causa da idade, mas ele não gosta de TV, iPad, iPhone, ele não gosta nada disso, ele não fica, ele brinca mesmo com as coisas, entendeu? É brinquedinho, os brinquedos dele, andar, vai na terra, essas coisas assim, mas ele num gosta muito de televisão não”. A fala de Bruno corrobora essa característica, segundo ele o filho era mais explorador e não se prendia às coisas: “Ele não para um minuto, enquanto ele tá acordado assim, ele tá explorando, ele tá brincando, ele tá..., ele também, ele para assim, pra brincar com determinado tipo assim... algum brinquedinho, mas ele é mais explorador do que ficar com um brinquedo só, numa atividade só, ele é mais explorador mesmo”.

Outra percepção sobre o filho apresentada pelo casal foi a aquisição da capacidade de demonstrar carinho e interagir, expressa por Antônio no seguinte trecho: “Ele começa a retribuir carinho, emoções, você se derrete todo né, então assim, uma recompensa né, cada fase, cada avanço que ele dá é maior”. Ele também falou sobre as características de Neto de ser afetuoso, inteligente e nervoso, e do quanto percebia que o filho se parecia com ele no jeito de ser: “Ele parece comigo que ele é muito afetuoso, eu sou muito de abraçar e de beijar né, tio, mãe, pai, sobrinho, sempre eu fui assim e ele é, tem a nossa cachorra, ele vai e abraça nossa cachorra, ele vê uma criança ele quer abraçar, ele quer beijar sabe? Isso é dele, eu acho essa evolução dele muito legal, é muito inteligente, ele aprende as coisas muito rápido, entendeu? Mas também é nervoso”.

A inteligência do filho foi uma característica destacada tanto por Antônio quanto por Bruno, como aparece nas falas a seguir: “Ele é bem inteligente, mostra, fala, tem coisas no livro que ele mostra, ‘Mostra o leão, mostra a vaquinha’, ele vai lá e mostra, ele é bem inteligente” (Antônio) e “Eu acho ele também muito, muito, muito inteligente assim, esperto. Mas eu acho ele muito esperto assim de você tem determinado comportamento uma vez, ele já tá repetindo, ele já tá fazendo igualzinho você fez. Assim, isso me chama muito a atenção, a facilidade com que ele observa também e aprende né e reproduz o que você faz né. Assim, ao mesmo tempo me preocupa, porque as coisas ruins que a gente faz ele também vai repetir né (risos)” (Bruno).

Além da percepção atual sobre o filho, Antônio também falou sobre característica que esperava que o filho tivesse no futuro, como ser empático, justo, afetuoso, respeitar a diversidade e lutar contra o preconceito, como pode ser observado nas falas a seguir: “Mas eu acho que em relação à justiça, igualdade, empatia, eu acho que o meu filho vai ter mais empatia do que um filho de um casal hétero, talvez um filho de casal hétero mais evoluído talvez tenha”,

“Ele vai ser um hétero com todas as características gays né, assim porque ele vai ter afetividade por homem e não vai ter nenhuma estranheza em ver dois homens, ele não vai ter nenhuma cultura machista né. Então tudo que eu, é, repugno né essas coisas então eu vou passar pra ele” e “Eu vou falar pro meu filho né ‘Você não vai aceitar ficar fazendo piada sobre homossexual porque não é legal, você tem dois pais que são homossexuais e você vê que não é inferior’, isso que eu vou passar pra ele e ele vai ter esse discernimento e ele não vai ficar calado né, eu espero, que quando tiver alguma coisa ele possa se manifestar né, porque ele vai ter dois pais que falam pra ele que isso não é correto, que ele não precisa ficar calado, que ele pode falar né. Então, eu acho que é isso que eu espero, não sei se vai acontecer, mas...”

As falas do casal demonstram que eles percebem o quanto o filho gosta de receber atenção dos pais e tem se tornando mais independente para demandar isso deles. Também foi destacado o quanto o casal vê o filho como inteligente e afetuoso. Ademais, Neto foi apresentado como tendo um estilo explorador e como uma criança que não se prende muito a coisas, como aparelhos eletrônicos. Antônio referiu perceber o filho como semelhante a ele no jeito de ser, e também que espera que o filho possua características que contribuam para uma sociedade sem preconceitos no futuro.

Relacionamento conjugal

Após a paternidade, o casal relatou que o relacionamento entre eles mudou, pois a prioridade passou a ser o filho, como se evidencia na fala de Antônio: *“Eu acho que muda, o casal é importante, mas a gente prioriza sempre o filho, né. Então não tem como, não é que a gente deixe de se gostar, mas primeiro é a criança e depois que a criança tá bem, depois é a gente, entendeu?”*, ratificada por Bruno: *“Nesses primeiros tempos, sempre era primeiro realmente ele”*. Isso acabou fazendo com que o casal se distanciasse, pois não tinham mais a disponibilidade para se dedicar tanto ao marido: *“Nos primeiros um, dois meses, assim acho que foi, a gente se afastou um pouco né”* (Bruno).

Nos primeiros momentos como pais, as mudanças no relacionamento foram mais severas, o casal passou a dormir separado por alguns meses, como se observa na fala de Antônio: *“A gente dormiu separado um monte de tempo”*, ao que Bruno explica: *“Como nas primeiras noites a gente revezou, mas isso eu acho que não chegou a durar uma semana, depois eu que passei a dormir com o meu filho, né. E isso foi até quatro meses, então teve uma hora que me deu um clique, ‘Gente eu preciso voltar, porque o Antônio que é meu marido, eu preciso dormir com o meu marido também’, sabe eu senti isso, que eu tava distante, né assim, pô são lugares diferentes, eu sou pai, mas a minha cama é lá, o meu lugar de marido é lá”*. Apesar

disso, Bruno apontou ter consciência da importância do relacionamento conjugal e a necessidade de retornar à sua cama, buscando conciliar as funções de marido e de pai.

Outro ponto que sofreu mudanças no início da paternidade foram as relações sexuais, que diminuíram de acordo com Antônio: *“Em relação à relação sexual, no começo diminuiu bastante quando o bebê nasce. Os três primeiros meses é pouquíssimo as relações sexuais...”*, ao passo que Bruno contrapõe: *“Mas a gente também tá tão cansado né, tão...Tão focado e preocupado com tanta coisa (risos)”*. Com o passar do tempo, o relacionamento do casal foi retornando ao que era, como relata Antônio: *“Depois vai voltando ao normal, com seis meses volta ao normal assim”*. Embora ainda houvesse um receio de serem interrompidos pelo filho em seus momentos íntimos, o casal conseguia ter um tempo a sós: *“Eu ficava com medo, será que ele vai acordar ali, então você ficava meio assim... Mas como o nosso filho dorme bastante, ele dorme oito horas, então das oito até as onze a gente tem esse tempinho pra gente, é o nosso momento, né. Mas é uma coisa que o casal tem que se policiar bastante porque restringe muito tempo”* (Antônio)

O casal também relatou perceber diferenças em relação à casais heterossexuais, pois não havia uma divisão de cuidados pautados no gênero, como se observa nas seguintes falas: *“Mas eu vejo em casais héteros, que eu tenho amigas que foram mães né, na mesma época que eu fui pai e elas reclamam muito da relação sexual, que não tem energia, mas é porque tudo vai só a carga sobre a mulher e o homem não tá nem aí”* (Antônio) e *“Talvez num casal hétero que a mulher também trabalha fora, aí chega, não tem funcionária em casa e ainda tem que fazer as coisas do nenê, entendeu? Tipo assim, esse período que a gente tá junto, que eu posso optar por não fazer nada né, pra tá com o Antônio, uma mulher estaria fazendo as coisas do nenê, lavando a roupa, passando”* (Bruno). Assim, a relação entre eles era sentida como sendo de parceria, em que o cuidado com o filho era compartilhado de forma igualitária e nenhum deles se sentia sobrecarregado pelo outro.

Um fator que contribuiu para a manutenção do relacionamento do casal foi a rede de apoio, pois eles contavam com uma babá para cuidar do filho. Assim, o casal pôde ter um tempo para eles mesmos, como aparece nas falas de Bruno: *“A gente uma estrutura boa assim de, por exemplo se a gente precisa sair, a nossa parte social também assim, dentro do possível né, porque a gente sempre tem o apoio da babá, ou ela fica com ele aqui em casa pra gente poder ir numa festa, ir num lugar, então isso também a gente não perdeu tanto né”* e *“a gente tem uma vantagem que não é aquela questão de ficar amamentando né assim, a gente tem uma estrutura né, tem babá, então eu acho que o tempo pra gente, a gente sempre teve assim”*.

Com a paternidade, o casal passa da relação a dois para a relação a três e precisa conciliar a nova função de pai à de marido. No início, o filho acaba tomando a vida desses pais,

de forma que houve um distanciamento no relacionamento conjugal, passaram a dormir separados e diminuíram as relações sexuais. Porém, com o passar do tempo e com o filho demandando menos atenção, puderam retomar a relação entre eles. O relacionamento entre eles é sentido como sendo de parceria, diferente da percepção do casal sobre os casais hétero, em que há sobrecarga da mãe/mulher.

Percepção sobre o cônjuge como pai

Durante a entrevista, Antônio falou que percebia Bruno como um bom pai, *“Eu vejo ele como um pai extremamente dedicado, é um pai super atencioso, e um ótimo pai”*, com um estilo mais racional, diferente do seu que era mais instintual: *“O Bruno é bem mais inteligente do que eu, entendeu? Ele teve uma cultura muito mais de estudo, ele é uma pessoa muito inteligente, muito culta né, eu acho que isso ele tem pra contribuir bastante pro Antônio Neto né, só que ele é muito certinho também né em algumas coisas assim, então eu tento meio que quebrar esse certinho. Hoje por exemplo tinha uma mala aqui ‘Não vai colocar o menino aí dentro que tá muito empoeirado’ (risos), falei ‘Deixa colocar o menino’. Mas ele por exemplo que instiga o menino a ler, a fazer um monte de coisa, que ele é super bom nisso né, ele faz as coisas muito certinho, ele é certinho. Eu já sou meio porra louca né. Vai, vai, vai, não deu certo, não deu, não deu, então é, eu acho que é isso, entendeu? É mais centrado, eu sou mais instinto, ele já não, ele mais pensa, mas tem um lado que ele é psicólogo também né, então ele sabe mais falar, eu me desequilibro, de falar, e ficar muito nervoso e vai falando tudo que não deve, o Bruno é mais doce né nessa parte né”*. O próprio Bruno comentou que: *“O Antônio as vezes fala que eu penso, que eu sou muito preocupado com as coisas”*.

Bruno também falou que percebia Antônio como um bom pai, que se fazia presente e provia as condições para o cuidado com o filho: *“Eu acho ele um ótimo pai, assim ele pra mim ele é excelente, extremamente participativo”*, embora também percebesse diferenças na maneira de cuidar e sentisse que às vezes Antônio não era tão sensível às necessidades do bebê: *“As vezes o Antônio ele não consegue observar o nenê, o que o nosso filho precisa e quer naquele momento, ele quer fazer, por exemplo, aquilo que ele quer, ele quer brincar daquilo que o Antônio pai quer e as vezes não é o que o nenê quer, sabe assim. Então, mas eu acho talvez né assim, essa questão da observação, de perceber isso, é uma característica dele, mas enfim, pra mim ele é um ótimo pai porque ele tá ali, ele tá presente, sabe assim, ele tá sendo o pai que ele pode ser né, que ele tem condição de ser, então eu acho ele um ótimo pai. Assim, trabalha bastante pra proporcionar tudo pra gente, em relação ao nenê nunca nem, sabe assim, nem perguntou ‘Ah mas quanto que vai custar?’. Então assim, acho que é outro ponto importante, de querer, de proporcionar tudo pra, ah, que o nosso filho fique bem”*. Segundo Bruno, isso

ocorria porque “*O Antônio as vezes ele vai muito pelo que ele, pelo que ele acha que tem que fazer*” e se baseava em seus próprios desejos, como na seguinte situação: “*vinha criança em casa né. E sempre ele queria colocar o nenê no colo das crianças pra tirar foto. E o maior índice de trauma em bebê é queda de colo de criança. Entendeu?* (risos). *Falava isso pra ele, mas continuava fazendo. Então assim, é baseado em opiniões e desejos pessoais que ele, mas é o que eu falo, é pai também então tem o direito né. Se acontecer alguma coisa, a responsabilidade é dele também*”. Sobre esses pontos, Bruno comentou ainda que “*O Antônio faz as coisas, mas ele faz como um pai hétero que não tem o instinto materno e atua, é atuante, entendeu?*”, diferentemente dele, que sentia que seria como uma ‘mãe hétero’.

Por outro lado, uma característica de Antônio admirada por Bruno, da qual eles também se diferenciavam, era a valorização da família, característica que Bruno desejava transmitir ao filho: “*O Antônio tem muito essa questão que eu admiro muito nele da família, sabe assim, do respeito, de valorização da família, coisa que eu não tive né assim. Então essa valorização da família que ele tem eu acho muito boa, é algo assim que até quando ele ‘Ai vamos levar o Neto pras tias ver’, pra mim isso é um saco, entendeu? Mas, eu guardo esse um saco dentro de mim e falo ‘Não, é importante pro meu filho’, eu quero que ele valorize a família assim como o Antônio valoriza porque isso é extremamente positivo, a gente precisa da família né, da nossa raiz, então eu vejo isso, mas a minha história é diferente entendeu? Então eu não tenho essa valorização*”.

O casal também falou da percepção de que o marido se dedicava muito à função de pai e acabava dando mais atenção ao filho do que a eles, o que gerava sentimentos de ciúmes e certo descontentamento entre eles, como pode ser observado na fala de Antônio: “*Ciúmes do Bruno, já tive ciúmes dele. Deitado aqui, não me abraçou, não me beijou, por exemplo, quando ele chega e tá o bebê, daí é naturalmente, mas isso não só, até com a minha mãe já tive ciúmes também, porque quando eles chegam, minha mãe ou o Bruno, as pessoas esquecem que você tá aí, é só o nenê, entendeu? Essa que é a hora que eu tive ciúmes já, dos dois. Mas depois também você vai entendendo isso, entendeu? Porque você faz a mesma coisa quando você chega* (risos)”. Antônio compreendia que também dava mais atenção ao filho que ao marido às vezes, o que poderia gerar os mesmos sentimentos de ciúmes, o que é ratificado na fala de Bruno a seguir: “*Eu sinto as vezes assim, que o Antônio talvez se preocupe bastante com o nenê e não saiba equilibrar muito as coisas, sabe assim? Ou então que ele se volta muito pra mãe dele e não sabe, é, me situar no meu lugar, entendeu? Me olhar no meu lugar de marido, eu sinto um pouco isso, mas eu procuro não deixar que isso aconteça, não sair do meu lugar, continuar me colocando, pra que ele me veja no meu lugar. Eu tenho essa visão, consigo perceber isso né e, e tento contornar a situação, porque assim, por exemplo, eu chegar pra*

falar pra ele 'Ah você não tá me dando a devida atenção', tipo, não, isso não existe, entendeu?'. Além do sentimento de ser deixado de lado na relação do marido com o filho, também havia a presença diária da sogra na casa deles, demandando atenção de Antônio e Neto, o que Bruno apontou como algo que afetava negativamente o relacionamento do casal.

Observa-se que o casal se percebe como tendo estilos de cuidado diferentes. Bruno é percebido como sendo mais preocupado, enquanto Antônio é percebido como sendo mais impulsivo. Como pais, ambos se dedicam muito ao filho e às vezes isso desperta no outro o sentimento de ser deixado de lado enquanto marido. Apesar disso, os dois se enxergam como bons pais e demonstram estar satisfeitos com a forma como o cônjuge tem se apresentado em relação à paternidade.

Relacionamento com os próprios pais

Inicialmente, o casal relatou que seu relacionamento foi bem recebido por seus pais e suas famílias de origem, como retratado na fala de Bruno: *“A minha família já, já sabia assim né, que eu era, sou homossexual e eles gostaram muito do Antônio, né, foi muito bem aceito. E ficaram muito felizes né”*. Quando decidiram ter um filho, a novidade também foi bem acolhida pelas famílias, como se observa na fala de Antônio: *“A gente contou pra toda a família, que era o natal, aí tava os meus pais, a gente contou pros pais do Bruno, os avós dele tavam, todo mundo comemorou, brindou com champanhe”*.

Antônio relembra de características de cuidado do pai e da mãe que servem como modelo que ele busca seguir enquanto pai, de ensinar o que é correto e proteger os filhos: *“Eu tenho muito o cuidado que o meu pai tinha, de ensinar, de ser correto, de não dever né, de ajudar sempre o outro né, eu lembro desse tipo de cuidado, que eu quero passar pro meu filho né, e a minha mãe também né, eu lembro dos cuidados dela, sempre proteção e tal”* e *“O cuidado é de dar amor, ensinar o caminho certo, o caminho certo eu acho que é ter o bom senso assim do que é o certo né, não desejar o mal ao outro né, e ser muito família né, eu sou muito família né”*. Antônio também falou que apesar dos pais serem esse modelo, ele gostaria de evitar os excessos de sua mãe e oferecer ao filho coisas que seus pais não lhe proporcionaram, buscando melhorar os aspectos desse modelo que não lhe agradaram: *“Ela tinha muita proteção, então também eu acho que controla né, tem as coisas que eu lembro boas deles, mas tem coisas que eu quero evoluir deles né”* e *“Minha mãe facilitava muito as coisas pela superproteção né, eu não quero facilitar tanto pro meu filho assim, né”*.

Antônio falou do quanto se identifica com sua mãe no seu jeito de ser e que esperava que o filho não tivesse essas características: *“Eu me desequilibro, isso eu sou muito a minha mãe né, eu acho que eu quero que meu filho evolua mais em relação à isso né, que ele não seja*

igual à avó e nem igual a mim nessa parte de falar, e ficar muito nervoso e vai falando tudo que não deve". Sobre o relacionamento atual com a mãe, Antônio disse que a via de forma menos idealizada e que observava que como avó ela não era muito cuidadosa: *"Eu era muito ligado na minha mãe, só que a minha mãe é uma pessoa extremamente difícil, é autoritária, hoje em dia né, então eu já não, essa visão que eu tinha dela como criança não compactua com a visão que eu tenho como adulto. Ela é uma avó, ela adora meu filho, mas ela não é uma avó de cuidar 'Ai chorou, pega aqui', entendeu? Ela não vai ficar cuidando dele, não vai ficar trocando fralda, ela não dá conta de ficar muito tempo com ele, chorou ela tem problema de artrose tal, mas ela não fica. A mãe do Bruno fica até mais né"*. A mãe de Antônio residia sozinha na mesma cidade em que o casal na época das entrevistas, de forma que ela os visitava diariamente e tinha um relacionamento muito próximo com o filho. O pai de Antônio havia falecido pouco antes do nascimento de Neto, cujo nome foi uma homenagem a esse avô.

Bruno também falou sobre a mãe de Antônio e suas divergências com relação aos cuidados de Neto: *"Com a minha sogra, ela é assim extremamente difícil, em alguns momentos já tive que me estressar um pouco mais com ela porque assim, a gente fala, fala as coisas e a pessoa parece que não compreende, sabe assim, ela tem aquela coisa, tipo na casa da avó pode tudo ou então a avó pode tudo, a avó tem que sempre só agradar e não é assim né. Se a avó tá presente todos os dias, a avó também tem que educar"*.

Assim como Antônio, Bruno referiu se identificar com a própria mãe na forma como se dedicava à sua família e que ela seria o modelo que ele buscava seguir como pai: *"Hoje eu me vejo assim, é, parece que uma cópia da minha mãe (risos). Né assim, sem perceber, eu acho que eu fui me tornando tudo aquilo que eu sempre vi né assim, o cuidado né sempre a dedicação completa pra gente, por exemplo, se eu chego em casa com vontade de fazer xixi e o Neto quer o meu colo, primeiro eu pego ele no colo, primeiro eu dou o tempo pra ele e depois eu vou fazer xixi, sabe assim? Não é, pra mim não to me sacrificando, mas ah, primeiro vem o filho depois vem a minha necessidade e a minha mãe é muito assim, sempre, eu lembro quando eu morava com ela, sempre em atividade, sempre fazendo as coisas pela gente"*.

Por outro lado, sobre seu pai, Bruno disse que: *"Ele não foi tão presente na minha, ali na minha infância, não tenho memória do meu pai assim tipo brincando, essas coisas assim não. Não foi tão presente, eu acredito, pelo menos não significativamente a ponto de eu lembrar"* e que a relação entre eles não era muito boa, pois o pai tinha dificuldades em lidar com a homossexualidade de Bruno: *"A minha relação com o meu pai sempre foi um pouco mais distante, mais difícil assim né, eu acho que a gente só foi melhorar mesmo depois que eu, talvez seja a questão da sexualidade que tenha afastado bastante a gente, sabe assim, da homossexualidade, porque eu penso que foi só depois que ele realmente assim, soube, me*

aceitou e a gente, o nosso relacionamento foi melhorar”. Na época das entrevistas, Bruno referiu que: *“A nossa relação hoje tá meio complicada né assim, meu pai, ele não liga, ele não se importa”*, diferentemente da mãe, que ia visitar sempre que podia e mantia um bom relacionamento com o filho. Os pais de Bruno eram separados e residiam cada um em uma cidade, ambas distantes. Bruno também falou do desejo de que seu pai fosse mais presente em sua vida e na de Neto, mas que com a paternidade passou a compreender melhor as escolhas do pai e que talvez conseguisse se identificar com algumas escolhas dele como: *“Essa questão de, da ausência, de trabalhar demais, ou então dele, em relação ao sítio, que ele fala que ele tá construindo aquilo lá que ele quer deixar algo pra gente. Só que não é isso que a gente quer, a gente quer a presença dele, entendeu? Ele tá, mas o que eu falo assim, eu compreendo ele como pai porque talvez eu também espero deixar algo pro meu filho, deixar amparado de alguma forma. Mas não é isso que importa pra nós filhos em relação à ele, mas eu consigo compreender ele e não julgar tanto, entendeu? É, de ver como, assim, depois de me tornar pai, eu acho que eu passei a julgar menos ele e a respeitar mais as decisões dele como escolhas dele, sabe assim. Respeitá-lo mais como pai, porque eu acho que nem sempre na minha vida eu respeitei ele como pai, entendeu, eu deveria ter respeitado mais aquilo que era dele né, não era meu”*.

É possível observar que o casal busca em seus próprios pais um modelo a seguir em sua forma de ser pai. Ambos disseram se identificar com a mãe, embora Antônio também reconheça qualidades do pai que procura incorporar em seu jeito de lidar com seu filho. Bruno, por outro lado, mantém uma relação distante com o pai, um modelo que ele busca evitar. Na época das entrevistas, as avós eram presentes e mantinham um relacionamento próximo, porém os avôs não. O pai de Bruno era distante física e emocionalmente, e o de Antônio era falecido.

Prática da parentalidade

O terceiro tema, Prática da parentalidade, engloba as falas dos participantes que dizem respeito ao cotidiano da família, a forma como os pais se relacionam com o filho, como cuidam dele e como dividem esses cuidados entre si. Foi dividida em quatro subtemas: Relacionamento com o filho, A função de cuidado, Demarcação de limites, e Divisão de tarefas entre o casal.

Relacionamento com o filho

Durante as entrevistas, o casal relatou que o filho era mais vinculado a eles que a qualquer outra pessoa, os reconhecendo como pais, como aparece na fala de Bruno: *“O vínculo nosso, o vínculo dele com a gente e o vínculo dele com a babá. A babá vai embora e beleza né*

assim, se ele tá no nosso colo, é difícil tirar ele do nosso colo, eu acho muito interessante como isso aconteceu e se deu mesmo assim”.

Também referiram que o relacionamento do filho com eles alternava momentos de estar mais próximo a um ou a outro, dependendo do quanto se disponibilizavam para ele, como se observa no seguinte trecho: *“Ele varia muito, mas ele é assim com a gente, não sei se toda a criança ou é ele né, quem dá mais atenção pra ele, ele fica mais apegado. Se eu dei mais atenção durante o dia pra ele, ele vai ficar mais me querendo”* (Antônio) *“Por exemplo, no domingo o Antônio dá plantão 24 horas e não tem babá, então eu fico com ele o dia inteirinho, né. Do momento que ele acorda até o momento que ele vai dormir. E na segunda-feira ele tá super apegado a mim. Aí começa a semana e eu acabo ficando mais ausente, quando eu chego ele fica apegado, assim de manhã ele fica um pouco apegado, mas é mais, aí mais com o Antônio, né”* (Bruno) *“Por exemplo, tá os dois aqui, ele vai tá no colo meu e não vai querer, vai brincar com ele, mas não vai querer ir no colo dele. Ou quando ele tá apegado com ele, vice-versa assim”.* Segundo Antônio, essa oscilação do filho já havia sido motivo de ciúmes entre o casal: *“A gente tem ciúmes um do outro com o nenê, as vezes dá uma briguinha por causa de ciúmes* (risos). *Essa oscilação dele de gostar de um, gostar de outro, depois você vai entendendo que é o tempo dele né, mas é, gera ciúmes. Por exemplo no aniversário dele, ele tava super apegado no Bruno né. Pra tirar as fotos comigo era um sacrifício porque ele não queria sair do colo do Bruno né, eu tava cheio de gente, não dei tanta atenção pra ele durante o dia aí a noite ele não vinha tanto comigo”.*

Apesar disso, Antônio referiu que foi aprendendo a lidar com seu ciúmes e que mudou a forma de se relacionar com o filho: *“Quando eu vejo que ele não quer vir comigo, quer ir com o Bruno, eu respeito meu filho né, então, mas aprendi isso depois, eu percebi que tipo assim, quando eu vejo que ele não quer vir comigo, que ele tá a fim de curitr o Bruno, daí a hora que ele veja que eu não tô ligando pra ele, daí ele vem, agora se ele vê se eu tô ligando pra ele, ele não vem”.*

Antônio também falou sobre como gostava de estar em contato com o filho, segurando ele no colo: *“Fazer ele dormir aqui eu adoro”*, demonstrando carinho: *“É uma coisa tão louca, tão visceral, eu chego do plantão e meu coração tá doendo de saudade dele assim, quando eu entro dentro de casa eu tô morto de cansado, não dormi a noite inteira, cinco minutos que eu tô com ele assim parece que eu tô revigorado, que eu tô com ele no colo, que eu abraço, beijo ele, parece que é, é muito bom”* e brincando no chão *“Eu brinco bastante também. A gente senta muito no chão com ele, ele tá no chão na cozinha, a gente deita no chão com ele, ele tá na sala, a gente deita no chão com ele, entendeu? Fica ali do jeito que ele tá”.* E também o quanto gostava de conversar com o filho, mostrar lugares e contar histórias sobre sua família: *“Eu*

gosto de conversar com ele também bastante, ele gosta muito de passear na rua né, ele conhece todos os vizinhos, que é cidade pequena né, daí eu saio pra rua ‘Olha a tetéia’, daí eu passo a casa que era da minha avó ‘Aqui morava a tua bisavó’, daí eu conto a história pra ele, eu gosto muito de histórias assim né. Tem a chácara aonde foi que a minha avó me levou lá, eu gosto muito, me dá muito prazer contar as histórias dos meus antepassados pra ele”.

Bruno referiu gostar muito dos momentos que tem a sós com o filho, em que buscava deixar Neto em liberdade para brincar e explorar, estando sempre atento à sua segurança “A parte de acordar de manhã eu gosto bastante, dar banho nele também eu gosto muito né, são os momentos que são mais nossos né assim. É, por exemplo domingo, geralmente o Antônio dá plantão então ele fica comigo só. Então assim, a gente acorda aí vai dar voltinha pelo bairro, vai na padaria comprar biscoito pra ele e, sabe assim eu procuro, dentro do, das questões de segurança, deixar ele fazer o que ele, ele explorar assim, claro eu pelo menos não deixo ele brincar com aquilo que pode causar mal pra ele ou colocar ele em lugares que possa colocar a segurança dele em risco. Então assim, eu gosto de fazer isso sabe, de deixar ele a vontade também, de ver ele feliz, a vontade, de brincar”. Falou gostar também dos momentos em família, em que os três estavam juntos: “Também quando estamos nós três assim, que eu, ele e o Antônio, que a gente se vê junto como família, eu vejo o carinho dele pela gente, sabe? Nossa, é algo muito prazeroso, sabe assim, de você ver a sua família ali, é um momento muito gostoso também”.

É possível observar pelas falas do casal que há um forte vínculo entre eles e o filho, que reconhece-os como pai dele, e prefere-os a outras pessoas. No relacionamento com os pais, o filho demonstra momentos de alternância entre um pai e outro, sem preferência específica por um deles, embora essa oscilação desperte sentimentos de ciúmes nos pais. Também é possível observar uma preferência dos pais pelos momentos a dois com o filho, em que podem demonstrar carinho, cuidar e proteger, fortalecendo os laços com ele.

Os cuidados com o filho

De acordo com o casal, no início todos os cuidados com relação ao bebê, como alimentação e higiene, eram realizados por eles, algo que já haviam decidido antes do nascimento, como se observa nas seguintes falas de Antônio: “A gente fazia tudo assim, eu falava antes dele nascer ‘Eu não vou deixar ninguém fazer, eu vou fazer tudo, né. Eu não quero que troque, eu vou trocar todas as fraldas, eu vou dar banho, eu vou dar mamá, só se precisar, mas o resto tudo eu vou fazer’. E assim que a gente foi fazendo, né”, “eu que dei todas as vezes o mamá. Era eu ou o Bruno, não deixava ninguém dar mamá, os banhos fui tudo eu que dei também no início, banho, mamá, troca de fralda né. Mas é, o mamá principalmente, a gente

estipulou, tirava a camisa né, pra colocar contato com a pele né, pra ir falando com ele com a voz né” e “no início, nas primeiras vezes, a gente fazia tudo, hora eu hora ele, não teve vó, nem tia, a gente não deixava nada, era tudo a gente que fazia, eu acho super importante porque gera vínculo, a gente não gestou, então tem que gerar o vínculo na hora que nasce né, então foi importante isso”. Assumir esses cuidados iniciais foi importante para o casal construir o vínculo com o filho e embora houvessem outras pessoas dando apoio desde o início, como avós, tias e a babá, este apoio se caracterizava por estar presente e orientar: “A questão dos cuidados era mais a gente, elas não botavam a mão na massa, vamos dizer assim, não. Tavam mais, tavam presentes né. O cuidado, os cuidados foram nossos mesmo assim, sempre” (Bruno). Apesar disso, Antônio afirma que houveram momentos em que precisaram deixar as tarefas para outras pessoas, pois a rotina de cuidados nos primeiros dias era muito desgastante: “Na madrugada, que a gente tava com a enfermeira nos três primeiros dias aí ela trocava uma ou outra vez né, você não aguenta né, é a noite inteira acordado nos primeiros dias né”.

O casal também falou sobre o filho dormir na cama deles, que se esforçavam para não deixar isso acontecer, mesmo que fosse algo que eles consideravam prazeroso, pois pensavam no que era melhor para o filho, como se observa no seguinte trecho: “*Umás quatro ou cinco vezes que ele dormiu na cama com a gente em casa, né. Então assim, depois ele ficava pedindo sempre pra ir pra cama, então um vai, acorda com ele a noite, tem a cama de babá, deita com ele um pouquinho na cama de babá, assim que ele dorme põe ele no berço e volta pra cama. É cansativo né, então por isso que os pais querem...*” (Antônio) “*Mas é uma luta assim, que a gente se esforça pra não levar pro quarto né, porque pelo menos de tudo que eu já, de todos os pacientes que eu já atendi, eu acho que 95% os filhos ou dormem juntos ou dormiram até mais de sete, oito anos de idade com os pais*” (Bruno) “*Porque é cansativo e é muito gostoso você dormir...*” (Antônio) “*É muito gostoso, mas é prejudicial né, tanto pra ele quanto pra nossa relação*” (Bruno) “*Porque não se torna autoconfiante, não torna seguro*” (Antônio).

Na época da entrevista, Bruno estava estudando para o vestibular, o que lhe tomava muito tempo e por isso não conseguia se ocupar tanto com os cuidados do filho durante a semana, que ficavam mais à cargo da babá: “*Isso até a parte da comida do dia a dia, a babá que faz agora, né assim, eu faço mais a papa, deixo pronto pra uns dois, três dias e ela faz a comida (...) ele se alimenta sozinho e caso ele não coma, comida servida em pedaços assim e caso ele não coma tem a papa, então a papa eu continuo fazendo. É, então assim os cuidados assim, isso de banho, né, é mais final de semana, alimentação é mais final de semana que eu, hoje em dia, que eu faço né”.*

Pode-se perceber que desde o início o casal se responsabilizou por todos os cuidados do bebê, como alimentar, trocar fralda, dar banho e por pra dormir. Por mais que houvessem outras

peessoas disponíveis para ajudar, o casal fazia questão de assumir todas as tarefas de cuidado. O casal também demonstrou se esforçar para proporcionar um bom desenvolvimento para o filho, se preocupando com os efeitos de seus atos, como quando não permitem que o filho durma na cama deles.

Demarcação de limites

Um ponto destacado durante as entrevistas foi o dizer ‘não’. Segundo Antônio, a capacidade de dizer ‘não’ foi sendo desenvolvida nele depois de se tornar pai. Ele disse que no início se sentia angustiado em demarcar os limites para o filho, mas adquiriu confiança em sua autoridade, não mais se angustiaando com os choros do filho nessas situações: *“As primeiras vezes era muito difícil eu ter que falar ‘não’, daí eu consegui vencer essa barreira de falar o ‘Não’, entendeu? Me angustiava muito, eu falo ‘Não é não!’ e daí eu já consigo não ter aquele sofrimento de ver ele chorando né e prevalecer a minha autoridade, mas no começo eu ficava meio, meio pamonha assim, por exemplo na cadeirinha do carro, ele não ficava, chorava, chorava, daí eu comecei a colocar, deixar ele chorar, colocar, falar ‘Não, vai ter que ficar na cadeirinha do carro, que é pra ficar’, daí ele parou de chorar”*. Antônio referiu que se compadecia nos momentos que o filho ficava doente, sendo mais difícil pôr restrições ao filho: *“Ele já teve umas doencinhas né, da garganta, daí quando tava doente eu ficava mais inseguro. Mas hoje em dia eu tô mais tranquilo assim, a não ser se acontecer um acidente, alguma coisa com ele, daí talvez eu vou ficar mais abalado”*.

Antônio demonstrou compreender que as restrições devem ocorrer apenas naquilo que é imprescindível e que ele devia ser firme em sua decisão para manter sua autoridade, não se dobrando aos choros do filho: *“Eu falo ‘não’ pra ele, mas eu não quero ser um pai que falo ‘não’ pra tudo, porque senão o ‘não’ não vai ter efeito né. Então assim, eu falo ‘não’, mas eu tento não falar todos ‘não’, eu falo nas prioridades né. Por exemplo tem várias gavetas, então deixo aquelas gavetas que ele vai ficar mexendo ali que eu não preciso falar o ‘não’, agora tem uma gaveta que ele não pode mexer, aquela lá eu vou falar ‘não’, daí eu vou, ele chora, eu falo ‘Não é não!’, mas daí eu acolho ele quando ele tá chorando, acolho, pego no colo, vou fazer outra coisa, mas é não é não, aquilo eu não deixei eu não deixo, entendeu? Ele aceita, ele chora, tal, mas ele me respeita bastante. Ele tipo assim, tem dez coisas, as dez coisas poderia falar ‘não’, eu falo em três ‘não’ e as outras sete eu falo ‘sim’, mas eu falo aquela linha assim, se eu falar ‘não’ é não até o fim, entendeu? Eu não posso falar ‘não’, ah aí depois é ‘sim’, que ele entende ali, mas se eu falar, por exemplo, ai cinco não e cinco sim, eu acho que ele não vai, o ‘não’ começa a perder o efeito”*.

Bruno também apontou precisar dizer ‘não’ para o filho em algumas situações com o intuito de protegê-lo e, assim como Antônio, buscava ser firme com o filho, sem voltar atrás quando ele chorava: *“Eu sempre procuro assim, o que ele não pode pegar eu não deixo no, eu acho assim que a gente tem que adaptar o ambiente pra criança, porque senão você fica o tempo inteiro dizendo ‘Não, não pode, não, não, não, não’, é não em cima de não né, tem muita gente que vejo que é assim, eu não acho que seja o mais adequado, então assim, em casa, por exemplo caneta, não existem canetas, porque se ele vê uma caneta ele fica louco, ele quer pegar a caneta (risos). Né assim e é perigoso, ele pode tá com a caneta na mão, pode de repente, cair, bater no olho, enfim, causar danos, então assim, eu sou bastante preocupado. Eu acho que tem consequência que é irreversível e que a gente precisa pensar e proteger a criança. Ele chora, chora bastante, mas eu sou firme assim. Eu, pra mim assim, a questão é eu preciso protegê-lo, entendeu? É meu dever isso, então se aquilo que ele tá pegando vai fazer mal pra ele, eu não deixo ele pegar, né assim, eu procuro tirar sempre, por exemplo se ele senta comigo na hora do almoço, meus talheres tão ali, eu já coloco meus talheres do outro lado, entendeu? Eu não espero ele pegar pra, pra eu ter que tirar da mão dele, eu já tiro e caso ele queira eu falo ‘Não, não pode pegar’ e se ele pega, eu também tiro da mão dele, é melhor que ele chore 30 segundos do que ele se machuque né. Mas eu falo ‘não’ sim, eu não deixo ele, ele brincar com aquilo que não deve ou pegar aquilo que pode fazer mal pra ele”*.

O casal demonstrou a preocupação de estabelecer limites para o filho. Eles entendem que não podem apenas restringir o filho o tempo todo, pois isso seria inefetivo, então buscam dizer ‘não’ nas situações que são necessárias, que são para a proteção do filho. Segundo eles, Neto responde chorando muitas vezes, mas mesmo assim os pais permanecem firmes, sabem que precisam ter autoridade e mantêm o ‘não’ apesar disso.

Divisão de tarefas entre o casal

O casal relatou dividir os cuidados com o filho de forma muito igualitária. Dividiam todos os cuidados desde o início e em alguns momentos um ou outro ficava mais responsável pelo filho em decorrência da disponibilidade em relação ao trabalho ou estudos. Antônio referiu ter uma rotina de trabalho mais pesada, enquanto Bruno trabalhava poucos dias fora de casa, estudava para o vestibular e era o responsável pelas tarefas domésticas, embora contassem com uma funcionária para auxiliar nesse quesito.

Sobre a rotina de cuidados logo após o nascimento do filho, o casal comentou: *“Uma noite eu ficava com ele, uma noite o Antônio ficava...”* (Bruno) *“Aí depois acabou que ele ficava mais a noite e eu ficava mais durante o dia”* (Antônio) *“Antes eu ficava, pra mim era mais fácil ficar acordado a noite”* (Bruno) *“Eu acordava cinco e meia, seis horas, pegava o*

turno até meio dia e ele dormia das cinco e meia, seis horas até meio dia. Daí depois a tarde tava os dois, daí a noite, umas nove, dez horas eu tava dormindo e ele ficava a noite, porque a cada duas horas ele mamava, daí se tem uma hora pra amamentar, colocar pra arrotar e trocar de fralda, então dentro de cada duas horas você tem uma hora que você vai gastar fazendo alguma coisa” (Antônio)

Durante a semana, o casal se dividia com relação aos horários de forma que Bruno se encarregava mais dos cuidados durante a manhã e Antônio durante a noite. Cada um deles possuía um dia da semana que ficavam sozinhos com o filho e aos sábados passavam o dia os três juntos em família. Sobre essa divisão, Antônio falou: *“Eu fico com ele né, esses dias eu chego cinco, seis horas em casa, eu faço ele dormir, só não faço na quarta que eu tô de plantão, né. Mas ele vê mais ele acordar, porque eu fico mais preguiçoso pra acordar, aí eu tenho que correr pra trabalhar em outro lugar, então eu quase não vejo ele acordar. O Bruno já vê ele mais acordar, mas eu faço mais ele dormir. E de manhã, quinta-feira que eu não trabalho, então quinta é meu dia que eu fico com ele, brinco, sento, vou passear, faço as coisas com ele, entendeu?”*.

O casal também falou terem a percepção de que o relacionamento deles era mais igualitário que os relacionamentos heterossexuais, pois não havia a divisão de tarefas por gênero que muitas vezes sobrecarrega a mulher, como está expresso na seguinte fala de Antônio: *“A gente divide muito as tarefas, que o casal hétero não divide, né. Então assim, é muito dividido né, então um cansa passa pro outro, um fez um pouco, o outro faz, é igual né, as tarefas são iguais, não tem um que tem que fazer mais, aí só um que sabe trocar, não, eu sei trocar, eu não sei fazer muito as comidas dele na realidade, que quem faz tudo é ele, mas eu dou papa, eu só não faço, mas não faço nem pra mim, mas pra ele eu dou a papa, eu dou banho, troco, faço tudo”,* e na fala de Bruno também: *“A maioria dos casais héteros né, a mulher que é a responsável pela maior parte dos cuidados e a gente, meio que no possível a gente divide muito isso”* e outra diferença seria que *“Talvez a gente seja um pouco mais objetivo, né, por conta de ser homem, a gente briga menos, a gente se entende mais do que, to generalizando né (risos)”*. Apesar disso, Bruno referiu que, comparando seu relacionamento com casais heterossexuais, sentia como se ele fosse a mãe, que possui o instinto materno enquanto o mesmo não ocorria da mesma forma com Antônio, que seria o pai em uma relação heterossexual e que *“São formas de cuidado diferentes e os dois tem a sua importância”*, sem distinções de valor entre eles.

Pode-se observar pelas falas do casal que eles buscam dividir as tarefas de forma igualitária e sentem que é realmente isso que ocorre na prática, com um apoiando o outro. As diferenças ocorrem principalmente com relação à disponibilidade devido ao trabalho. Esse tipo

de divisão igualitária é visto por eles como diferindo de relacionamentos heterossexuais devido à uma cultura machista em que a mulher realiza todas as tarefas.

Síntese do Caso 1

A partir dos relatos do casal expostos acima, entende-se que o Exercício da parentalidade foi marcado por uma tranquilidade no processo legal de se tornarem pais. Iniciou-se com o casamento, garantindo a eles direitos civis e certo reconhecimento social enquanto família. Apesar disso, ainda enfrentaram alguma resistência por parte da sociedade por romperem com concepções tradicionais sobre casamento e família. Isto ficou mais exacerbado quando tiveram o filho, tendo em vista que comumente se associa o cuidado de crianças ao feminino. Assim, embora tivessem respaldo jurídico, sendo reconhecidos legalmente como pais, ainda eram questionados socialmente sobre suas competências como cuidadores, por serem homens.

A Experiência da parentalidade foi marcada desde o início por um forte desejo pelo filho, que persistiu mesmo após todas as provações e frustrações decorrente do processo de reprodução assistida. Com o alcance da gestação da prima de Antônio, o casal teve a oportunidade de se sentir grávido junto, demonstrando sintomas emocionais que podem ser compreendidas como a capacidade de se identificar com o filho ainda no útero. Acompanharam toda a gravidez e prestaram apoio emocional e material à gestante, mantendo um bom relacionamento com ela, particularmente após o parto. O casal relatou perceber que essa prima lidou muito bem com todo o processo e eram muito gratos a ela. Já faziam referência ao filho sobre a participação dessa prima em sua origem. Assim, o casal pareceu muito tranquilo com o fato de precisarem recorrer a um terceiro para atingirem seu desejo de parentalidade.

Logo após o nascimento, o filho passou a ocupar totalmente a vida do casal, que referiram que o sentimento de ser pai veio naturalmente. Isso trouxe alterações na rotina que provocaram o distanciamento do casal inicialmente. Eles também relataram sentir que o marido se dedicava muito ao filho, o que despertava o sentimento de exclusão em alguns momentos. Apesar disso, o relacionamento entre eles era visto como sendo de apoio e parceria, e ambos se mostraram satisfeitos em como a parentalidade conjunta estava sendo exercida. Também comparavam seu relacionamento a relações heterossexuais, considerando-se mais cooperativos um com o outro.

Os sentimentos sobre a parentalidade foram descritos como sendo muito fortes e gratificantes. O casal se sentia responsável pelo filho e preocupados com sua proteção. Percebiam o filho, na época com 1 ano e 3 meses, se tornando cada vez mais independente,

destacando o quanto era inteligente e afetuoso. Em particular, um deles (Antônio) referiu se identificar com o filho e ver muito de si nele.

Com relação aos cuidados, o casal relatou ter estilos diferentes, com um deles (Bruno) sendo mais preocupado e outro (Antônio) mais implusivo, embora ambos se vissem como bons pais. O casal demonstrou que esses cuidados tinham como modelos seus próprios pais e mães da infância. Ambos expressaram se identificar mais com a própria mãe, que era mais carinhosa que os pais. Antônio também reconheceu qualidades do pai que procurava incorporar em seu próprio jeito, principalmente a educação em relação a valores. Por outro lado, Bruno tinha no pai um modelo que ele buscava evitar por ser emocionalmente distante. Assim, embora buscassem romper com os estereótipos de gênero que associam o cuidado à mãe/mulher e tentassem não se limitar por serem pais/homens, eles tinham internalizado esses conceitos rígidos, oriundos de seu modelo familiar de origem. Não havia para eles uma referência de parentalidade homossexual que se assemelhasse à sua própria família.

Quanto à Prática da parentalidade, os relatos desse casal demonstraram que o vínculo pais-filho foi sendo construído desde o início a partir da responsabilização pelo casal de todos os cuidados do bebê, como alimentar, trocar fralda, dar banho e por pra dormir. Embora o casal contasse com uma boa rede de apoio, com familiares e funcionárias disponíveis para ajudar, eles fizeram questão de se posicionarem como pais e assumir todas as tarefas de cuidado. Possivelmente em decorrência disso, os relatos demonstraram que a relação do casal com o filho era muito mais próxima do que com qualquer outra pessoa e que o filho os reconhecia como pais dele. Entre o casal, foi relatado que o filho não tem preferência específica por nenhum dos pais, demonstrando momentos de alternância entre estar mais apegado a um ou a outro, de acordo com a disponibilidade deles.

O reconhecimento de ambos os pais pode ser proveniente da divisão igualitária dos cuidados relatada pelo casal. Ambos os pais realizavam todas as tarefas de cuidado com o filho. As diferenças nessa divisão ocorriam principalmente em decorrência da disponibilidade de tempo devido ao trabalho, porém cada um possuía pelo menos um dia na semana em que ficava sozinho com o filho.

O cuidado também envolvia a preocupação de estabelecer limites para o filho. Ambos relataram dizer ‘não’ para o filho nas situações que entendiam que eram necessárias, visando a proteção do filho. Também referiram compreender que não podiam restringir o filho o tempo todo, pois isso seria inefetivo. Assim, permitiam que ele explorasse o ambiente e tivesse contato com novas experiências quando não apresentavam riscos. Nas situações em que era interdito, o casal relatou que o filho respondia chorando muitas vezes, mas que mesmo assim eles permaneciam firmes e buscavam manter sua autoridade, a qual era reconhecida pelo filho.

Caso 2: Carlos, Daniel e Camila

A família foi contatada pelo pesquisador após este ver uma matéria na internet sobre a divulgação de um livro infantil escrito por Carlos, na qual constava que ele tinha uma filha com seu marido. A família é composta por Carlos (psicólogo, 33), Daniel (registrador civil, 32) e sua filha Camila (2a 5m). Residiam em um apartamento em uma cidade do estado de Santa Catarina. Daniel era filho único e seus pais eram casados e residiam na mesma cidade que ele. Os pais de Carlos também eram casados, mas residiam em outra cidade, há duas horas de distância de onde o filho residia.

O casal se conheceu por meio de redes sociais em 2008, através de amigos em comum. Começaram a conversar pela internet, se conheceram pessoalmente e logo começaram a namorar. Cerca de três meses após se conhecerem já estavam morando juntos. Ambos relataram virem de um relacionamento anterior longo que não havia dado certo e buscavam alguém para um novo relacionamento sério.

Em 2011, realizaram a união estável e em 2012 converteram a união em casamento, após saberem de uma juíza que havia conseguido o mesmo, antes da Resolução do CNJ (2013) sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo. Em seguida, começaram a se preparar para terem um filho, compraram um apartamento e estavam estruturando um quarto para receber uma criança, acreditando que isso seria necessário para conseguirem a adoção.

Em 2015 iniciaram o processo legal de adoção, no ano seguinte entraram para a fila e em duas semanas estavam conhecendo sua filha Camila, uma recém-nascida que estava internada na UTI neonatal por ter nascido prematura. Segundo eles, a gestação de Camila não foi planejada nem desejada pela mãe biológica, que não chegou a conhecer a bebê, entregando-a para adoção logo após o parto. No dia seguinte à visita ao hospital para conhecerem sua filha, já obtiveram o termo de guarda e ficaram com ela no hospital.

Camila permaneceu internada por dois meses e, após esse período, puderam levá-la pra casa. Na ocasião da entrevista Camila estava com 2 anos e 5 meses e o casal ainda permanecia na fila de adoção e expressaram o desejo de adotar um menino. Também planejavam se mudar do país no próximo ano, pois haviam conseguido a cidadania europeia.

Exercício da parentalidade

O primeiro tema, Exercício da parentalidade, compreende as falas dos participantes que se referem aos marcos legais e aos aspectos sociais de se tornar e ser pai. Ele foi dividido em três subtemas: Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos, Aspectos jurídico e sociais de ter filho, e Discriminação com pais gays.

Casamento como reconhecimento social e garantia de direitos

Como já destacado, o casal realizou a união estável em 2011 e no ano seguinte souberam de uma juíza que havia convertido a união dela em casamento. Daniel entrou em contato com essa juíza e conseguiu fazer o mesmo no cartório em que trabalhava, adquirindo o status de casado com Carlos. Foram um dos primeiros casais homossexuais a se casarem no país, antes da resolução do CNJ (2013) que dispõe sobre a conversão de união estável entre pessoas do mesmo sexo em casamento.

Sobre a repercussão dessa decisão, de acordo com o casal as famílias de origem não aceitaram bem a notícia de que eles iriam se casar, de forma que eles decidiram por não celebrar com uma festa, como pode ser observado na fala de Carlos: *“Nossas famílias não estavam muito... contentes com o casamento. Por ser o primeiro, por ser muito rápido, por vários motivos deles e aí a gente decidiu pra não fazer uma festa que possivelmente poderia ser constrangedora pela ausência... dos pais e outras pessoas que talvez deversem estar lá”*. Daniel explicou que sua família é bem conhecida em sua cidade por trabalharem na política e não queriam a publicidade que o casamento entre ele e Carlos poderia propiciar, pois a oficialização da união de pessoas do mesmo sexo ainda era novidade: *“Todo mundo conhecia minha família, então por a gente ser o primeiro casal gay a casar no civil né, masculino, pra eles seria um, o povo ia começar a questionar e eles não queriam esse questionamento, entendeu?”*.

Após o casamento, o casal relatou que foram procurados por jornalistas interessados em esclarecer a população de como eles conseguiram realizar o casamento civil. Sobre isso, Carlos afirma que: *“Demos algumas entrevistas assim, então se tornou algo bem público”* e que isso: *“Ajudou muitos outros casais a adquirirem informação e conseqüentemente outros casamentos vieram a surgir”*. Assim, o casal percebeu que a publicidade adquirida teve repercussões positivas.

As falas do casal demonstram o pioneirismo do seu casamento, que garantiu a eles reconhecimento social enquanto casal, repercutindo em uma grande visibilidade na mídia que contribuiu para que outros casais também pudessem acessar esse direito. Apesar disso, o casamento deles não foi bem aceito por suas famílias.

Aspectos jurídico e sociais de ter filho

Em 2015, o casal iniciou o processo de habilitação para a adoção. Passaram por todas as etapas necessárias e em 2016 se tornaram habilitados, entrando para a fila de adoção. Após uma curta espera de 13 dias na fila, eles foram chamados para conhecer um bebê. Era uma menina que estava internada no hospital por ter nascido prematura e que havia sido recusada por todos os outros casais que estavam na fila da adoção.

Após visitarem a bebê no hospital e decidirem que iriam mesmo adotá-la, Carlos conta: *“No outro dia a gente tinha horário no Fórum pra conversar com a juíza, porque a gente queria ouvir da juíza que não tinha volta, que a criança já estava realmente entregue pra adoção e que não teríamos nenhum tipo de problema conflitante com a família biológica. E aí sim, a mãe nem quis conhecer ela, toda uma história lá da família biológica e que ela já era nossa, que a gente já ia sair com o termo de guarda pra fazer a visitação e que logo a gente teria a guarda definitiva e tudo o mais”*. Assim, nesse dia já saíram do Fórum com a guarda da bebê e posteriormente refizeram os documentos dela, legalizando sua filiação. Sobre esse processo, Carlos conta que: *“A Camila ela ficou sem nome durante uns dias, era a criança filha da mãe tal né. E aí a irmã dela, porque ela tem três irmãs né, e aí tem uma menina de 14 anos que esteve lá visitando e aí essa irmã batizou ela com um nome. Mas a gente pôde trocar o nome dela por ela ser recém-nascida e a gente não ter ficado muito satisfeito com o nome que tinha sido dado (risos)”* e também que: *“Ela tinha uma certidão de nascimento com esse nome, mas tudo isso é modificado depois né, você ganha uma ordem judicial pra refazer a certidão de nascimento e a gente saiu da audiência com a juíza com esse consentimento e aí a gente refez toda a documentação dela com o novo nome, com os novos pais, isso é de praxe com toda adoção”*. Assim, os nomes dos dois pais puderam constar na certidão de nascimento de Camila.

Sobre o processo de adoção, Carlos falou ainda que eles guardaram as informações sobre a progenitora, pensando em propiciar à filha que ela tenha acesso a esse período de sua história no futuro: *“A gente guardou tudo que a gente podia de informação sobre a mãe dela, o nome, a certidão de nascimento consta o nome da avó materna também, a pulseirinha da maternidade, que a gente guardou pra ela, porque faz parte da história dela, não tem como apagar isso que isso é extremamente importante”*.

Após a adoção, Daniel pôde tirar a licença paternidade para se dedicar aos cuidados da filha, como ele explica: *“Qualquer pessoa que adota, se os dois tiverem carteira assinada a lei determina que um dos dois tem que tirar licença maternidade, como se fosse uma mulher que gestou uma criança por nove meses. No caso, como o Carlos é autônomo e atende paciente, quem tirou a licença fui eu né”*.

Assim, pode-se observar que o processo de adoção e de filiação legal da filha Camila se deu de forma tranquila neste casal, sem grandes intercorrências. Um dia após conhecerem a bebê já conseguiram a guarda dela, puderam refazer seus documentos, escolheram um nome para ela, deram seu sobrenome e ambos constam como pais. Após a adoção, Daniel também teve o direito de tirar uma licença do trabalho para se dedicar aos cuidados da filha.

Discriminação com pais gays

De acordo com Carlos, ele e Daniel foram o primeiro casal gay a adotar um recém-nascido na região em que residem. Ele também falou do quanto é difícil isso ocorrer devido ao preconceito existente na sociedade, como ele tem constatado em seus estudos e em conversas com assistentes sociais que trabalham na área da adoção: *“A gente viu que de fato poucos casais gays adotaram conjuntamente recém-nascidos. No geral, eles adotam crianças que ninguém mais quer. Isso se deve por ‘n’ motivos assim, a gente entende que em parte sim, pelo preconceito de algumas assistentes sociais, de alguns promotores que embora se digam idôneos no processo, não são, e outras partes porque os casais gays se mostram mais abertos a adotar essas crianças, diferente dos casais héteros. As vezes o desejo pela paternidade parece algo tão impossível que eles se sujeitam a adotar a criança que já tá lá, tipo independente da idade, da questão de saúde, da raça”*. A mesma situação ocorreu com eles, que puderam adotar Camila, pois os casais heterossexuais que estavam na frente deles na fila não aceitaram adotar um bebê prematuro.

Após conhecerem a filha, durante a estadia no hospital, um problema que o casal teve foi o impedimento de contato com a filha através do método canguru, como relata Carlos: *“A gente começou a perceber que as mães estavam fazendo canguru e aí a gente perguntou pra enfermeira se a gente poderia fazer e aí uma delas foi enfática pra gente falou ‘Não, vocês não podem fazer o canguru’, aí eu questionei ela ‘Mas por que a gente não pode fazer o canguru se todo mundo tá fazendo?’, aí ela falou assim ‘Ah porque no prontuário dela não tá prescrito’”*. Após essa situação, Carlos conversou com o médico, que esclareceu que eles não deveriam ter sido impedidos de realizar o método canguru, então fez a prescrição no prontuário e o casal pôde ter o contato com a filha da mesma forma que as outras mães estavam fazendo.

O método canguru é uma forma de intervenção utilizada em UTIs neonatais que promove o contato pele a pele entre o bebê nascido prematuro e seus pais. Geralmente, é realizado com as mães, de forma que o bebê é posicionado em seu peito e sustentado por uma faixa e mantido assim, durante várias horas e até durante o dia todo. O método canguru é uma estratégia de cuidado utilizado em todo o país e foi adotado como política pública em 2010 (Brasil, 2015).

Sobre a situação exposta anteriormente, Carlos continua: *“Essa enfermeira que nos restringiu a fazer o canguru, ela foi o nosso inferno lá durante os dois meses, tipo a gente via no rosto dela o preconceito, a insatisfação... da nossa presença, de uma criança ter sido entregue pra gente, a gente percebia alguns olhares assim, ela balançando a cabeça quando a gente tava falando com a Camila ou tendo contato com a Camila, tudo isso a gente meio que tinha que... engolir porque não valeria a pena, sabendo que a gente teria que permanecer ali*

obrigatoriamente por sei lá quanto tempo, comprar uma briga com alguém que estaria ali diariamente e que prestava atendimento pra nossa filha né. Então a gente não sabe até que ponto a maldade das pessoas pode chegar, a gente ficava com medo de maltratarem ela quando a gente não tava”.

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas durante a internação da filha no hospital, Carlos também falou que a instituição não estava preparada para receber homens em suas instalações: *“Teve um período né depois que ela saiu da incubadora, ela vai pra uma sala chamada de pequenos cuidados. Esses pequenos cuidados exigem que os pais estejam ali praticamente 24 horas, que é os pais que começam a trocar, alimentar e trabalhar a questão da afetividade com a criança. Pra isso a gente precisaria dormir no hospital. E no começo a gente combinou que eu ficaria durante o dia e o Daniel durante a noite e aí ele dormia numa poltrona que tinha no corredor, porque eles falaram que a gente não poderia usar o hotel do hospital porque eram só mulheres”.* Segundo o relato de Carlos, graças à uma enfermeira que se solidarizou com eles, depois o hospital disponibilizou um quarto isolado para que eles permanecessem durante a internação.

Com todas essas situações, Carlos colocou seu posicionamento de que o casal acabava militando ao buscar ter seus direitos atendidos, mesmo não estando ligados a nenhum tipo de ONG ou movimento social organizado: *“A gente acaba militando, quando a gente casou antes da lei por exemplo, isso não deixou de ser um ato político, isso não deixou de ser militância, quando a gente... fomos os primeiros a adotar um recém-nascido e tivemos que dialogar com o hospital, pra fazer com que eles entendessem como eles devem tratar os casais homossexuais que chegariam a partir da nossa chegada, isso também foi um ato de militância”.*

Além das dificuldades encontradas no hospital, Daniel também falou da dificuldade que tiveram com suas famílias de origem, que foram contra a adoção: *“Quando a gente adotou, eles meio que disseram assim ‘Vocês não vão dar conta’, meio que dizendo ‘Ah vocês são dois homens, não tem que adotar’, entendeu? Ahn, porque podia ter acontecido de eu casar com uma mulher e ela vir a óbito no parto, quem é que ia cuidar da criança? Eu teria que cuidar sozinho, no caso a gente tá em dois, que a gente é um casal né”.*

Daniel falou também da falta de representação de famílias com dois pais em programas infantis, que mostram para a filha uma realidade distinta da sua própria: *“Os vários desenhos as vezes só tem o pai, só tem a mãe, a gente não tem nenhum desenho que mostre que tem dois pais ou duas mães, entendeu?”.* E o quanto isso influencia sua filha, que vê representada uma família que não condiz com sua realidade: *“A Camila várias vezes já viu desenhos que tem uma família digamos tradicional né, pai, uma mãe, menininho ou a menininha né e várias vezes já peguei ela falando ‘Mamãe, papai’, aí a gente para e explica pra ela ‘Camila você não tem*

mamãe, você tem papai e pai’, a gente é bem específico com ela né, aí a gente explica ‘Existe criança que só tem vovó, existe criança que só tem vovô, existe criança que só tem pai, tem criança que só tem mãe ou tem dois papais ou tem duas mamães’ né, existem vários tipos de família”. Sobre isso, o livro escrito por Carlos conta a história de dois homens que se apaixonam, livro que ele escreveu com o intuito de ofertar à filha histórias que representem sua realidade.

Estes relatos do casal apontam como casais homossexuais ainda podem sofrer preconceito por diferentes profissionais, durante a adoção e também no sistema de saúde. E expressam que ainda existe a expectativa de que as mães cuidem dos filhos e que o pai tem pouco espaço para ocupar esse lugar. Ademais, também falta representatividade de famílias homossexuais em programas de televisão e livros, que em sua maioria ainda ensinam para as crianças uma visão tradicional de família.

Experiência da parentalidade

O segundo tema, Experiência da parentalidade, compreende as falas que representam como é a vivência subjetiva de ser pai para o casal, como essa experiência é sentida por cada um deles e quais os aspectos que influenciam sobre ela. Esse tema foi dividido em sete subtemas, a saber: Desejo pelo filho, Transição para a parentalidade, Sentimentos sobre a paternidade, Percepções sobre a filha, Relacionamento conjugal, Percepção sobre o cônjuge como pai, e Relacionamento com os próprios pais.

Desejo pelo filho

O desejo de ter filhos foi relatado pelo casal como existente desde o início do relacionamento, em que já conversavam sobre o futuro e ambos possuíam esse projeto compartilhado de serem pais, como se evidencia na fala de Carlos: *“A gente era muito parecido em algumas questões primordiais assim pra dar início a um relacionamento. Na época a gente até chegou a conversar sobre essa questão mais avançada ‘Ah como você imagina sua vida no futuro?’ e pra ambos a questão do filho era algo que aparecia e eu achei bacana ter encontrado alguém que tinha o mesmo objetivo que eu”*. Porém, quando deram início ao processo de adoção, foram questionados pelas suas famílias, que não concordavam que eles adotassem uma criança, de forma que eles tiveram que se posicionar e declarar o quanto desejavam esse filho, como explicita Daniel: *“A gente bateu o pé e disse que a gente tem capacidade de ser pai como qualquer um, era um desejo nosso desde que a gente se conheceu né, de se tornar pais”*.

Após terem entrado com o processo de adoção, Carlos falou que vários outros casais estavam na frente deles na fila, porém nenhum se dispôs a adotar uma bebê que estava

disponível devido à prematuridade: “*Foi tão rápido assim, porque todos os casais que estavam na nossa frente na lista não aceitavam adotar uma criança prematura*”. O choque ao se defrontar com um bebê prematuro, os riscos à saúde e o medo da perda foram obstáculos que se impuseram ao desejo pelo filho nesse momento. Porém, mesmo assim, o casal decidiu por adotar a bebê. Daniel foi mais enfático nesse momento ao se expressar: “*Eu cheguei pra ele e falei ‘Eu quero, eu quero, eu quero, eu quero’ e ele tava imparcial assim comigo por causa da prematuridade*”.

Daniel também falou do seu desejo por um irmão quando era mais novo e do quanto a filha preenche essa lacuna: “*Eu quando era pequeno sempre quis ter um irmão né e nunca tive... eu brinco com ela como se fosse uma irmã que eu não tive, sabe? Eu tento sempre é, fazer as brincadeiras que eu queria fazer quando era menor e não podia fazer por ser sempre sozinho né*”.

Pode-se observar nos relatos acima, que o desejo de ter um filho estava presente desde o início do relacionamento do casal, sendo um fator que contribuiu para o sucesso da relação. Tal desejo foi interrogado por suas famílias, que não aceitavam que dois homens pudessem criar uma criança. O desejo também foi balanceado pela prematuridade da bebê e do medo frente aos riscos à sua saúde. Apesar disso, o casal se manteve firme e prosseguiu em seu trajeto à parentalidade.

Transição para a parentalidade

Sobre a decisão do caminho para a parentalidade, o casal falou que consideraram outras opções para ter um filho, como uma barriga de aluguel no exterior, porém o custo seria muito alto e também não consideravam que os vínculos biológicos com a criança alterariam a paternidade: “*A gente achou melhor entrar com o pedido de adoção, porque o custo que a gente gastaria pra gerar uma barriga de aluguel ou uma gestação internacional, seria um custo que poderíamos estar investindo na criança que já está apta pra adoção né, a gente poderia dar uma vida melhor pra ela, porque a hora que a gente adota a criança é nossa, é nosso filho, não tem diferença ou distinção nenhuma*” (Carlos).

Decididos a adotar, eles começaram a estruturar um quarto para a chegada da criança antes mesmo de entrar com o pedido de adoção. Esse processo durou três anos, se iniciou em 2012 e foi até 2015: “*A gente queria que quando esse filho chegasse tivesse tudo muito preparado assim pra receber ele e tudo o mais. Tipo, na verdade a gente nem foi lá perguntar e supôs que a gente teria que ter um quarto já próprio pra receber a criança, umas fantasias assim*” (Carlos).

Durante essa preparação, o casal não sabia como seria a criança que iriam adotar e organizou o quarto de forma que pudesse atender qualquer criança independente de gênero e idade, como explica Carlos: *“A gente tava fazendo um quarto muito neutro, neutro no que a sociedade impõe como distinção de gênero, então o quarto era branco com uma parede verde bebê assim. Tentando fazer o mais neutro possível assim. Os móveis eram brancos, a gente tinha brinquedo diz né pra ambos os gêneros, mas tínhamos também ursinho de pelúcia, carrinho, a gente tava se preparando pra uma criança pequena, embora no nosso perfil tenha sido de zero a seis anos e a gente em nenhum momento acreditou que adotaríamos um recém-nascido”*.

Depois que se sentiram devidamente preparados, deram entrada com o processo de adoção, percebendo que haviam se equivocado: *“A gente viu que não precisava nada daquilo, que não precisava ter uma casa, muito menos um quarto, enfim, ficamos felizes com isso, mas também nos sentimos muito mais preparados pra acolher a criança, nada foi em vão”* (Carlos). A espera pela adoção gerou em Carlos sentimentos de angústia, a qual ele buscou aplacar conseguindo informações sobre a situação deles em relação à adoção: *“Eu tava bastante angustiado já há uma semana, querendo muito ligar pra assistente social e o Daniel tava me podendo, aí eu peguei e liguei escondido, aí elas ‘Olha, a gente tá com o processo de vocês na mão, a gente ia ligar pra vocês agora, porque tem uma criança, uma menina, recém-nascida, que tá na UTI neonatal do hospital e a gente queria saber se vocês querem conhecer’, aí eu falei ‘Não, tá, tudo bem, a gente quer’”*. A busca de Carlos foi recompensada com a notícia de um bebê à espera deles, notícia que Carlos logo levou a Daniel, que contou sua reação: *“Quando ele falou eu não acreditei porque não fazia nem 20 dias né que a gente tava na fila de adoção e ele me ligando até pensei ‘Ah deve tá brincando, querendo tirar uma peça comigo né’ pra ver como seria a minha reação. Ahn, tanto é que na hora eu não acreditei, aí desliguei o telefone e fiquei pensando assim ‘Meu deus, será que é verdade, será que não é’, foi tão rápido assim que mal a gente esperava né. Ahn, aí deu cinco, dez minutos depois eu liguei pra ele e falei ‘Não, vamos conhecer’, se foi tão rápido assim era pra ser nossa, né”*.

Após conhecerem Camila, o casal relatou que ficaram sensibilizados com sua condição na UTI neonatal, o que gerou medos e incertezas, como se observa na fala de Daniel: *“Na hora foi um susto, principalmente pra ele, eu já tinha me relacionado com crianças prematura, quando eu estagiei em um hospital né, que eu sou técnico de enfermagem. Ahn, e eu sabia que era um baque muito grande. Ela só tinha praticamente osso, quando a gente conheceu ela tava com 900 e poucas gramas, pra você ter noção ela cabia dentro de uma caixinha de sapato. Ahn, ele olhou pra mim e falou assim ‘Eu acho que a gente não dá conta, não dá conta porque não tem nem bumbum’, ela era toda reta né, aí eu olhei pra ele e falei assim ‘Ah pra mim eu*

aceito, eu tô aqui pra tocar ficha' e foi o que a gente decidiu, a gente foi colocando 'A gente tem um ao outro, a gente vai ter que se dar apoio total e vamos enfrentar essa barra juntos'. Ahn... na hora a gente... ele pensou mais um pouquinho e concordou, 'Não, vamos, vamos pegar então'. Ai foi isso, quando eu bati o olho nela já sabia 'Não, essa é minha filha, ninguém vai tirar ela de mim'. Pra mim desde o começo foi a minha filhinha, o meu bebê". O mesmo aparece nas falas de Carlos: "Chegando lá eu fiquei bastante assustado, porque eu nunca tinha visto uma criança prematura e ela tava assim bem debilitada, se alimentando por sonda, o que é normal das crianças prematuras, mas pra quem nunca viu, é um choque"; e "A mesma certeza que ele tinha de que era nossa filha, acho que eu tive desde o momento da ligação, mas quando eu cheguei lá e eu vi aquela situação, diversas preocupações surgiram, do tipo e se essa criança for a óbito? Quais são as reais condições de saúde que ela tá? Ahn, se ela já estava totalmente destituída da família dela, se eu não iria me afeiçoar, cuidar dela até ela sair da maternidade e depois a mãe aparecer querendo a criança saudável, eu já sou um pouco assim de tipo tentar não me apegar pra não machucar, sabe? Acho que nem machucar a criança também é a principal, pra quem a gente deve ter atenção". Apesar do medo e da preocupação do casal, o sentimento de ser pai de Camila já se instalava desde o momento que se encontraram com o bebê.

No mesmo dia, eles conversaram com o médico, que os acalmou e explicou que a condição de saúde de Camila era boa, ela apenas precisava ganhar peso e, por conta da prematuridade, ela poderia ter problemas de visão, audição e de coração no futuro. Assim, essas questões de saúde permearam o início da experiência como pais, como relata Carlos: "No primeiro ano a questão foi a saúde dela, a gente tava focado nisso, em fazer ela ficar saudável e a gente não conseguia pensar em mais nada", o que gerava tensão nos pais durante o cuidado, pois continuavam preocupados com o estar-estar da filha: "Era uma preocupação em cuidar dela da melhor maneira possível por conta sobretudo da prematuridade dela né, ela veio muito pequenininha, bem pequenininha mesmo, então tinha que ter muito cuidado no tato, no trato e, e isso era uma coisa que tensionava bastante, sabe? Tipo, você ficava o tempo todo com medo de machucar, de fazer alguma coisa errada, então é, eu acho que no nosso caso isso foi muito intenso e não deu de aproveitar tanto, mas a gente aproveitou, a gente tava feliz obviamente de ter ela em casa, por ter ela com a gente".

Após saírem do hospital, Daniel falou que o fato de dois homens estarem cuidando de um bebê despertou muito interesse e no início muitas pessoas foram visitar e ver como estavam se saindo: "O que mais me cansou em si foi receber visita, eu nunca imaginei que ia ter tanta pessoa na minha casa, eu nunca recebi tanta visita, não sei se por conta do pessoal querer conhecer ela, saber como era, como a gente tava tratando, por ser dois homens, entendeu?

Então eu acho que o pessoal veio mais por curiosidade, pra saber como era a menina, se era de cor, se não era, se a gente tava alimentando ela, se não tava, do que por carinho né”.

Daniel também falou da passagem da posição de filho para a de pai, de como conseguia se identificar e compreender os próprios pais depois do contato com a filha, e que a paternidade pra ele era marcada pela preocupação constantemente com o bem-estar de Camila: *“A questão de família eu acho que eu me tornei uma pessoa melhor, consegui entender o que os meus pais passaram na época, sabe, como é ter uma criança, como é o trabalho que eu dei pra eles (risos), porque a gente dá trabalho pros pais, é normal, a preocupação, hoje em dia minha maior preocupação é saber se a Camila tá dormindo bem, se ela comeu, se ela tá sentindo alguma dor, se ela tá bem com ela mesma né, eu acho que isso é uma coisa que eu carrego pra mim na minha mente”.*

A partir desses relatos do casal, é possível perceber que a transição para a parentalidade nesse caso passou pela escolha de ter um filho, pela decisão de que esse filho viria através da adoção, a preparação do ambiente para acolher uma criança, o processo de habilitação pra adoção e a adoção em si. Ao se depararem com um bebê prematuro, o casal foi tomado por medos e incertezas, mas mesmo assim o sentimento de ser pai já se instaurava. Os relatos de Daniel também demonstraram como ele conseguiu passar da posição de filho para a posição de pai a partir de sua relação com Camila.

Sentimentos sobre a paternidade

Para esse casal, os sentimentos iniciais com relação à paternidade foram a preocupação constante com a saúde de Camila e o medo de que ela pudesse piorar, como na seguinte situação explicada por Daniel: *“Ela recebeu uma bolsa de sangue, o que pra mim também me assustou, a gente começou a chorar na hora porque a gente pensou que ela tinha regredido, aí na verdade era pra suprir a vitamina, o ferro e a vitamina D, que ela não tinha, não tinha como produzir”.*

Esses sentimentos estavam muito ligados ao que Daniel afirmou ser a função do pai de: *“Zelar, zelar pela qualidade de vida, zelar pelo amor, zelar pelos cuidados, pelo carinho, afeto, é, o cuidado em si, eu acho que isso que é o que o pai faz, na verdade pra gente seria pai e mãe hoje eu entendo porque como ela não tem mãe, tem dois pais, então a gente tem que fazer essas duas funções juntas né? É, eu acredito que não exista essa divisão de tarefa, o que é pai, o que é mãe né, existe uma divisão de tarefa de pessoas, porque assim como o que uma mãe faz, a gente também tem a capacidade de fazer né, tirando a parte de amamentar”,* que pode ser compreendido como o sentimento de ser responsável pela filha, se adaptar e poder ofertar a ela os cuidados de que necessita, como também aparece na seguinte fala de Carlos: *“Eu acho que a função de um pai ela muda de acordo com o tempo, a vida, as necessidades do filho as vezes*

elas mudam de um pro outro. Talvez a função principal de um pai seria se manter ao lado em todos os momentos e se manter ao lado de maneira física e afetiva assim, de saber que quando precisar você vai tá ali, e às vezes esse estar ali pode ser só estar ali sem dar opinião, apenas acompanhando, apenas como companhia mesmo, acho que essa é a principal função de um pai. E hoje por exemplo, na fase que ela tá essa função seria de proteger, de ensinar, de educar, de impor os limites, mas daqui a um tempo essas funções elas dão lugar a outras funções”. No cumprimento desse papel, Carlos ainda afirmou que: *“O sentimento é de que você não pode cometer erros”*, demonstrando a responsabilidade que os pais colocaram sobre si mesmos em relação à filha.

Ainda sobre os novos sentimentos com a parentalidade, Daniel falou sobre como sentiu que mudou com a paternidade, que se tornou uma pessoa melhor, mais sensível, mais responsável, como se observa nas seguintes falas: *“Desde quando a Camila chegou, ela completou a nossa vida, eu senti que foi um pedacinho meu que nasceu, sabe? Esse fato de ter uma criança ao meu lado hoje me tornou um cara mais sensível, um cara mais amoroso. Ahn, eu acho que ela trouxe pra mim mais responsabilidade é, coisa que eu não tinha, me tornou uma pessoa melhor”*, e *“A paternidade me tornou uma pessoa melhor, sabe, por poder compreender o que outro ser humano sente, a necessidade de outra pessoa”*. Nas falas de Carlos é possível observar que ele também compartilhava do sentimento de ter se tornado mais sensível após a paternidade: *“Eu acho que a tua relação com mundo muda sabe, você passa a ver o mundo, as pessoas, as relações tudo de um outro jeito e as vezes é até difícil de explicar, eu acho que eu me tornei muito mais sensível, me emociono muito mais fácil, me sensibilizo com os outros de maneira muito mais fácil, minha empatia ficou muito mais aflorada”* e também de ser mais responsável: *“Uma responsabilidade que eu nunca senti antes”*.

Outro sentimento relatado foi o de realização, proporcionado pela paternidade, como aparece na seguinte fala de Carlos: *“Um sentimento de realização sem tamanho sabe, a cada sorriso dela, ela dormiu de canguru até quase dois anos, tipo então aquele momento em que ela adormecia no meu peito, aquilo ali era de uma realização assim sem tamanha sabe, de tá ali naquele momento com ela, era fantástico, é fantástico”*.

Para esse casal, a paternidade passou a ser algo de muita importância, que ocupava um grande espaço em suas vidas, como se observa nas seguintes falas de Daniel: *“Pai pra mim é tudo hoje em dia, eu não trocaria a vida que eu tenho pela vida que eu tinha antes”*, e *“é minha filha, em primeiro lugar sempre é ela, entendeu? Digamos que eu fiquei em segundo plano acho”* e *“Eu acho que vale muito a pena ser pai, é uma experiência magnífica assim, é indescritível sabe, antes, quando eu conheci o Carlos né, que a gente se casou, aquilo lá pra mim era uma coisa indescritível, hoje já não considero tanto quanto ter um filho, pra mim é*

uma... é um amor assim incontestável, o que eu sinto por ela é, eu não sinto por ninguém, sabe?”.

A paternidade também mudou a forma como o casal via as coisas, Carlos falou da satisfação de poder proporcionar à filha novas experiências e o sentimento de estar redescobrimo o mundo com ela durante esse processo: *“O que me deixa assim mais fascinado, fascinado mesmo, é ver as coisas com ela. Quando eu levei ela pra ver a praia pela primeira vez, parecia que eu estava vendo a praia pela primeira vez de novo sabe, porque eu estava mostrando pra ela, vendo com ela, vendo a alegria dela de colocar o pé na água, de brincar com a areia, eu nunca vou esquecer, então todas essas questões assim relativas às descobertas dela, ver coisas que ela nunca viu, isso é o que eu mais gosto de fazer com ela assim, mostrar coisas novas, fazer coisas novas”.*

Assim, observa-se pelos relatos do casal que os sentimentos sobre a paternidade envolviam se preocupar constantemente com o bem-estar da filha e se sentir responsável sobre ela. Para eles, a paternidade adquiriu a centralidade em suas vidas. Dessa forma, o casal relatou sentir mudanças em si mesmos, se tornando mais responsáveis e sensíveis para cumprir a função que entendem ser de estar presente, zelar pela filha e ofertar os cuidados de que ela necessita.

Percepções sobre a filha

Observando o desenvolvimento de Camila, Daniel falou que percebia que a filha, que na época estava com 2 anos e 5 meses, tinha se tornado mais independente dos pais, demonstrando vontades próprias: *“Hoje em dia ela não é 100%, digamos assim que 80% ela depende da gente, mas 20% ela já tá se tornando uma pessoa autônoma, digamos assim, ela já começa a guardar as coisas, ela já começa a querer escolher roupa, é, ela já começa a depois das refeições querer escovar os dentes, sabe? E isso ela já vai tornando uma menininha assim né, mas pra mim vai ser sempre o meu bebê”.*

Outra percepção foi de que a filha aprendia rápido as coisas que lhe eram ensinadas, como expresso por Carlos: *“Ela aprende incrivelmente rápido e de uma maneira surpreendente assim, porque por ela ser prematura né, em geral as crianças elas se desenvolvem um pouco mais lentamente até os quatro anos, a partir dos quatro anos elas seguem o desenvolvimento normal como qualquer outra criança. E no caso da Camila, ela aprende muito rápido, tipo se eu digo pra ela não mexer no controle da TV, ela no máximo vai mexer mais uma ou outra vez, mas aí eu nem preciso repetir, eu olho pra ela e falo ‘Olha, lembra o que eu falei sobre o controle?’, ela para de mexer e isso me surpreende bastante por ela ser uma criança tão jovem”.* Ainda, Carlos apontou que a filha aprendeu muito rápido o alfabeto: *“O alfabeto eu achei que ela aprendeu muito cedo, ela aprendeu todas as letras do alfabeto, inclusive de ordem*

salteada, eu fiquei tão orgulhoso disso que eu fiz até um vídeo, é, eu puxando as letras de maneira salteada e ela falando o nome de cada letra sabe, tipo não importa a ordem, ela conhece as letras do alfabeto e isso foi algo que me surpreendeu bastante”.

Uma das coisas que os pais buscavam ensinar e perceberam que a filha já tinha conseguido assimilar mesmo com pouca idade, era a questão da organização *“Ela brinca com os brinquedos, ela sabe que ela tem que guardar, ela pega tipo isso é uma coisa que me deixa muito surpreso, ela pega os brinquedos dela e bota tudo no lugar, então assim bichinho de pelúcia, ela pega e enfia tudo dentro do armário no lugar entendeu? Então isso me deixa muito surpreso, pela idade que ela tem, dois anos e cinco ela fazer isso, eu tenho conhecidos que tem filhos maiores que ela e não fazem”* e a questão de ser bem educada: *“Quando ela acorda ela dá bom dia pra gente, se a gente espirra, ela dá ‘Saúde papai’, são coisas assim que gente grande não faz e a gente tenta ensinar o máximo possível a questão da educação pra ela”.*

Além das percepções atuais, Carlos também falou sobre suas expectativas sobre como esperava que a filha fosse no futuro: *“Todos temos as nossas preferências, nossos preconceitos, nossos não querer e principalmente em relação aos filhos isso aflora de um jeito, você pensa ‘Ai meu deus, eu quero que ela não engravide na adolescência por favor’, tá tão longe, mas você já pensa essas coisas né. Cara eu espero, de uma maneira geral eu espero que ela seja feliz, independente das escolhas dela, do que ela quiser pra ela, o que eu gostaria é que ela fosse feminista, que ela conhecesse os seus direitos, sobretudo sobre o seu corpo, sobre as suas escolhas, que ela soubesse que ela pode ser tudo que ela quiser, que ela pode fazer tudo que ela quiser, independente de ela ser mulher, independente de ela ser branca, de ela ter o cabelo cacheado, enfim, eu espero que ela, que ela tenha, que ela seja assim muito consciente de si e consciente do mundo e da sociedade em que ela vive”.*

Assim, os relatos do casal demonstram que eles percebiam que a filha vinha se tornando mais independente, era muito esperta, organizada e bem-educada. Eles percebiam que ela aprendia o que eles tentavam transmitir com muita facilidade e realmente guardava o que lhe era ensinado. Além disso, Carlos falou sobre sua expectativa de que a filha fosse feminista, consciente de si e da sociedade em que vive, no futuro.

Relacionamento conjugal

Durante as entrevistas, um aspecto apontado pelo casal como fundamental para o sucesso da relação foi a compatibilidade de projetos de vida, com a perspectiva principalmente de ter filhos, como explica Carlos: *“A gente era muito parecido em algumas questões primordiais assim pra dar início a um relacionamento, na época a gente até chegou a conversar sobre essa questão mais avançada ‘Ah como você imagina sua vida no futuro?’ e pra ambos a*

questão do filho era algo que aparecia e eu achei bacana ter encontrado alguém que tinha o mesmo objetivo que eu”.

Com a satisfação do desejo pela paternidade, o relacionamento conjugal sofreu com as alterações em decorrência da entrada de uma nova pessoa na vida desse casal. Assim, passaram a ter menos tempo para dedicarem um ao outro e tiveram desentendimentos com relação à paternidade, como se observa nas seguintes falas de Carlos: *“Mudou a atenção que a gente dava um pro outro, o tempo livre que antes a gente tinha, que era destinado todo, ou quase todo pra nós, agora a gente tem que dividir isso com ela também. E no começo a adaptação é sempre conflituosa, quem vai fazer o que. A gente começou a brigar um pouco depois assim por questões de... aí eu que quero isso, eu quero aquilo, enfim, em relação à escolher médico, escolher roupa, besteira assim, mas logo a gente consertou isso, é uma questão que ambos estão aprendendo juntos a ser pais”*; e de Daniel também: *“Quando a Camila chegou a gente teve que se readaptar totalmente né, tipo o tempo que a gente tinha, a gente não tinha mais, a gente teve que dividir, porque 80 a 90% da nossa vida era pra ela, porque ela dependia totalmente da gente né, então a questão do trabalho a gente teve que se reorganizar, a questão da casa a gente teve que se reorganizar, até porque teria digamos assim mais trabalho pra fazer em questão dela, em dar banho, trocar fralda, fazer dormir, fazer comer, dar de comida. Então essa rotina a gente teve que introduzir dentro da nossa vida né, tanto na minha vida quanto na dele, pra poder continuar como um casal. Dá uma balançada sim porque é um baque, não é fácil, mas a gente vai seguindo né, tem altos e baixos, quando fica doente tem que ver quem que vai ficar acordado à noite, que não tem tanto serviço pra fazer né, no outro dia, a gente sempre avalia dessa forma”*. Daniel vai além e afirma a função de pai passou a ser central para ele, suplantando a função de marido *“Tipo na vida ela vem em primeiro lugar e o Carlos ficou em segundo, infelizmente né”*.

Assim, pode-se observar pelos relatos do casal que eles compartilhavam o projeto de serem pais desde o início do relacionamento, o que foi fundamental para que permanecessem juntos. Apesar disso, a paternidade ocasionou mudanças nessa relação, pois passaram a ter menos tempo para se dedicar ao cônjuge, que foi deslocado pela filha, que adquiriu a centralidade na família.

Percepção sobre o cônjuge como pai

Tanto Carlos quanto Daniel apontaram que possuíam uma boa percepção sobre o cônjuge enquanto pai, destacando que ambos eram muito carinhosos com a filha. Também observa-se nos relatos que eles buscavam conversar bastante com relação aos cuidados com a filha e sentiam que havia respeito no relacionamento entre eles enquanto pais, como na seguinte

fala de Daniel: *“Ele é um paizão, não tenho nada que reclamar dele, tá sendo mais do que o esperado. Ele, por ele ficar mais tempo com a Camila né, ela é mais apegada à ele né, mas é porque também passa o dia todo com ela, então é normal isso, eu não tenho nada do que reclamar, ele sempre tratou ela bem, a gente sempre conversa tudo que a gente vai explicar pra ela, tudo que a gente vai ensinar, a gente sempre tenta conversar nós dois né”*.

Apesar disso, ambos possuíam estilos diferentes de criação, Carlos tentava incentivar a autonomia da filha enquanto Daniel gostava de mimá-la e eles tentavam equilibrar esse lado de cada um, como se observa na fala de Daniel: *“Eu acho o Carlos mais carinhoso que eu, é, ele é mais impaciente que eu em algumas coisas né, eu mimo ela demais, ele não gosta, ele gosta de deixar ela mais, como eu posso dizer, tipo ele quer dar pra ela uma autonomia maior do que eu acho que ela tem que ter por enquanto, mas eu respeito esse lado dele, assim como ele me respeita, tenta sempre manter o equilíbrio entre o casal né e tentar fazer com que ela tenha esse lado, um pouquinho de cada né”* e na de Carlos: *“Ele é um excelente pai, bastante carinhoso, bastante atencioso, o único defeito é que ele mima ela demais e isso por agora não é um problema tão grande, mas daqui a pouco vai ser (risos), daqui a pouco a gente começa a brigar por isso. Ele dá tudo que ela pede e eu acho isso bem complicado, a gente já conversou sobre isso, ahn, mas eu coloco aí restrições assim, tipo eu também não deixo ele dá tudo que ele quer, converso com ele, mas tirando, até nisso, até no mimar ela eu acho que isso é ele tentando ser um bom pai sabe?”*.

Outro diferencial entre o casal, apontado por Carlos, foram as suas experiências em relação à formação acadêmica e ao ativismo. Em sua trajetória, Carlos pôde se aprofundar, teórica e socialmente, em questões relativas à gênero e sexualidade que ele buscava transmitir a Daniel: *“A minha formação em psicologia, a minha, o meu contato com as teorias feministas, o meu mestrado, o meu engajamento na militância LGBT, então eu aprendi muita coisa assim na minha experiência de vida e o Daniel não teve as mesmas experiências e, embora ele seja gay, embora ele sofra preconceito, algumas coisas ele percebe de uma maneira diferente, aí eu brinco que eu tenho que ensinar ele, as vezes é a questão de você abrir os olhos e explicar de onde vem tal coisa, porque se diz que rosa é pra menina e azul é pra menino, questões relacionadas ao gênero, questões relacionadas ao preconceito, tudo isso são questões que ele previamente entendia de que tava errado, mas que não tinha o embasamento teórico pra pontuar porque que aquilo era errado sabe?”*.

Esses relatos do casal demonstram que ambos tinham uma boa percepção sobre o outro como pai. Ademais, havia um clima de respeito e muito diálogo entre eles nas decisões que concernem à filha. Apesar disso, existiam discordâncias em relação à criação de Camila, pois

Daniel primava pela liberdade dela e a mimava demais, enquanto Carlos tentava incentivar a autonomia da filha.

Relacionamento com os próprios pais

O casal relatou durante as entrevistas que a notícia de que seus pais seriam avós não foi bem recebida e, conseqüentemente, o casal não teve o apoio desses avós no início, como aponta Carlos: *“Ambas as famílias não queriam que a gente adotasse, uma série de preconceitos, quando a gente falou que ia entrar na fila de adoção, eles não queriam. E quando a Camila chegou, aí eles ficaram bem mais ríspidos ‘Não, não, vocês não vão pegar um recém-nascido. Não, não, ninguém vai ajudar vocês’”*. Porém, com o passar do tempo e o convívio com a neta, a relação entre eles foi melhorando: *“Hoje eles já tão mais de boa assim, minha mãe é super apegada a ela, meu pai um pouco e os pais o Daniel também, estão começando a se chegar mais”* (Carlos) e *“Hoje em dia meus pais, aceitam bem mais, a minha mãe bem mais que o meu pai, ahn, eles até ajudam no que precisa, se pedir alguma coisa”* (Daniel).

Com essa melhora, Daniel falou que as avós passaram a ter uma relação próxima com Camila, servindo como figuras femininas no cuidado da menina: *“Eu acho que a ligação materna com as avós é muito forte, pelo fato de que elas dão muita atenção pra Camila, as avós ou a figura feminina no caso, elas tem aquele lado mais doce, mais meigo de cuidar, de abraçar, de brincar entendeu, o lado masculino a gente é mais grotesco, não é tão assim aberto entendeu? Então eu acho que por isso que, as vezes quando as avós vêm, que ela é muito ligada com as avós”*.

Por outro lado, sobre a relação com seus pais em sua própria infância, Daniel falou que o relacionamento era marcada pela agressividade de seu pai, o que era visto negativamente e, por isso, ele buscava agir de forma diferente com a filha: *“Umas das coisas que mais me marcaram na, na minha infância foi a questão da agressividade dos meus pais, principalmente da parte do meu pai, meu pai foi muito agressivo comigo, então é uma coisa que eu jamais quero levar pra Camila, eu tento ao máximo, às vezes a gente perde a cabeça, é normal porque ter uma criança em casa não é fácil tá, é difícil, realmente é difícil, ahn, não tem mais nada na tua vida, você acaba vivendo pra criança e esse meu lado eu tento meio que, quando eu vejo que eu vou perder as paciências ‘Calma, relaxa, pensa que é a tua filha, não é o teu pai, não seja teu pai, não seja aquele homem que tu não queria na tua infância’”*.

Assim como Daniel, Carlos também teve uma relação conturbada com o pai na infância, porém não pautada na agressividade, mas no distanciamento emocional. Ele contou que também buscava ser um pai diferente para sua filha, evitando o modelo que teve do próprio pai: *“Quando completamos um ano de paternidade, quando tava completando o primeiro dia dos*

pais, eu escrevi um texto bem de verdade, bem sentimental assim, falando que eu gostaria de conhecer o meu pai adotivo, porque em geral o caminho é o inverso né, você ouve pessoas falando que gostariam de conhecer o seu pai biológico, ahn, e eu gostaria de ter conhecido o meu pai adotivo, gostaria de saber quem seria o cara que taria lá me esperando, querendo ser pai, querendo fazer dar certo, querendo estar ali pra mim no dia que eu nasci e que eu fosse entregue pra adoção, quem seria esse cara, sabe? Eu realmente gostaria de conhecer esse pai porque eu não tive, é, a minha relação com o meu pai biológico é bem conflituosa e aí eu me sinto até hoje, não só sem modelo de pai, mas sem pai, embora a gente se fale e tudo o mais, mas não tem como eu apontar ele como uma figura paterna para além do laço sanguíneo sabe? Era uma presença física e só, tipo só morávamos dentro da mesma casa, a gente nunca teve conversas, nem agressões nem nada, tipo nada, tipo sabe o que é nada? Tipo o Daniel teve uma relação com o pai dele pautada em muita violência né, e muita agressão e eu nem isso tive, tipo nem bater em mim o meu pai não batia (risos), o que parece tipo ah alivia a dor pra algumas pessoas, mas é extremamente sórdido e sombrio você ter uma figura paterna que não tem vínculo nenhum com você, porque as vezes até mesmo através da agressão, da violência esse pai que tava agredindo ou violentando, em situações menores como foi o do Daniel, que eram questões de palmadas, de agressões físicas pequenas constantes, não tô falando de severas agressões físicas, mas as vezes através da violência, aquele pai tá tentando estabelecer uma relação de querer que o filho seja aquilo que ele gostaria que fosse ou seja aquele pai que queria alguma coisa praquele filho, esperava alguma coisa daquele filho e no caso do meu pai, parecia que nada era esperado, nem mesmo a minha presença. Então era, é um modelo assim que eu não quero, tipo sabe? Que a minha filha me tenha dentro de casa e não tenha a minha companhia, a minha presença, não ouça a minha fala, não sinta o meu toque [...] O meu pai interage bastante com a Camila, brinca bastante com a Camila e daí é daquelas coisas que ninguém sabe explicar, os avós tratam os netos de uma maneira que não tratavam os filhos”.

A mãe de Carlos, por outro lado, possuía uma relação próxima de muito afeto com o filho, que reverberava na relação com a neta, como ele relata: *“Minha mãe trabalhava fora desde muito cedo, então a questão afetiva com ela era uma questão assim... só quando ela chegava de noite do trabalho, e ela fazia comida e depois a gente sentava pra assistir novela, mas tinha carinho, tinha beijo, tinha abraço, isso tinha e com a Camila ela é muito amorosa, muito apegada, ela gosta de ficar com a Camila, ela gosta de ficar sozinha tomando conta da Camila e é uma pessoa muito bacana”.*

Através dos relatos do casal apresentados acima, é possível observar que ambos possuíam uma relação mais próxima com suas mães do que com seus pais. As mães foram apontadas como carinhosas, tanto com os filhos quanto com a neta. Por outro lado, durante suas

infâncias, o pai de Daniel era agressivo com ele, enquanto o de Carlos era emocionalmente ausente. Assim, ambos serviam como modelos daquilo que o casal não queria ser pra sua filha.

Prática da parentalidade

O terceiro tema, Prática da parentalidade, engloba as falas dos participantes que dizem respeito ao cotidiano da família, a forma como os pais se relacionam com a filha, como cuidam dela e como dividem esses cuidados entre si. Foi dividida em quatro subtemas: Relacionamento com o filho, A função de cuidado, Demarcação de limites, e Divisão de tarefas entre o casal.

Relacionamento com a filha

O relacionamento desse casal com sua filha foi relatado como sendo bom, o casal buscava estar disponível para a filha, interagir e brincar com ela. As interações entre eles foram descritas como muito pautadas em ensinar coisas novas e também propiciar novas experiências à ela.

Sobre o relacionamento com a filha, Carlos o caracterizou como muito bom e disse que tentava estar aberto a tudo que a filha pudesse comunicar para poder compreender e atender às suas necessidades: *“Eu acho que estamos nos dando bem assim, a gente tem criado um canal de comunicação em que ela possa falar tudo que ela precisa, tudo que ela quer falar, à medida que ela vem desenvolvendo aí né a linguagem, não há assuntos proibidos, então quando você estabelece um canal de comunicação aonde não há nada que não se possa dizer através dele, você facilita com que as coisas aconteçam, então eu acho que sim, eu tô tentando né (risos) identificar as necessidades dela, pelo menos eu me esforço pra isso”*.

No relacionamento com a filha, Daniel falou que gostava de estar com ela, e falou quais eram suas atividade prediletas: *“O que eu mais gosto de fazer é pintar, a gente brinca bastante de pintar, de fazer desenho, eu acho que isso estimula ela bastante, a gente fica brincando de cores ou a gente fica vendo desenho, ela adora ver desenho né, ahn, e a gente fica desenhando, a gente desenha o que a gente vê na TV”* e também das coisas que o irritavam quando estava com a filha: *“Uma coisa que me tira a paciência... olha se tu ensina uma brincadeira pra ela, pode ter certeza que você vai brincar da mesma brincadeira por umas duas, três horas, que ela é repetitiva. Ontem a gente tava brincando de jogo da memória, eu fiquei quase três horas brincando o mesmo jogo, que ela não enjoava (risos), e tu é obrigado a continuar senão ela chora e a gente fica ‘Não, papai tá cansado’, ela fala ‘Mais um pouquinho papai’, a gente tenta ceder entendeu, porque a gente tá ali, a questão que a gente tá trocando carinho, afeto um com o outro, isso é bom”*.

Um cuidado que o casal buscava ter diz respeito às experiências que Camila tinha, tentavam proporcionar o contato não apenas com aparatos tecnológicos, mas também o contato com as coisas que estão ao redor e a interação com as pessoas. Daniel também falou que buscava levar para a filha coisas que considerava importantes em sua infância, como brinquedos de madeira e o contato com a natureza, como se observa nas seguintes falas: *“Eu tento trazer pra Camila aquilo que eu me lembro da minha infância que melhor me realizava digamos assim, que melhor me trouxe boas lembranças. O fato dela andar descalça na grama, o fato de brincar com as outras crianças na areia, o fato de brincar ao ar livre nas praças”*; e *“A gente tem comprado muito brinquedo de madeira pra ela, sabe? Que brincava na época, caminhãozinho, bonequinha, trenzinho de madeira, é por quê? Porque eu acho que isso ajuda ela a ver que o mundo não é só tecnologia entendeu, o mundo tem o afeto, tem o carinho, o toque, a questão de conhecer as coisas sabe, o cheiro, é, a gente levou ela pra fazer caminhada com a gente sabe no meio da mata pra ela ver que o mundo não é só aquilo ali, o mundo é amplo sabe? Então é isso, tento trazer um pouco do meu passado que me trouxe assim, que me tornou a pessoa que eu sou eu tento trazer pra ela”*; e *“Ter o contato, sentar e comer uma fruta, brincar com as mãos, sujar, são coisas que a gente faz com ela. A gente tenta também resgatar aquela infância que a gente teve e trazer um pouco pra ela, eu vou na casa da minha mãe, eu deixo ela brincar com terra ou na casa da mãe do Carlos tem grama, ela anda descalça na grama, isso hoje em dia não tem, sabe, a gente tenta trazer um pouco da qualidade de vida que a gente teve”*.

No dia-a-dia, Daniel relatou que apresentava a filha às coisas que ela não conhecia e proporcionava novas experiências quando tinha a oportunidade: *“Tudo que eu faço, tipo quando tô fazendo comida ou quando tô fazendo alguma coisa nova que ela nunca viu assim, tento chamar ela pra mostrar pra ela o que eu tô fazendo, as vezes eu tô cortando algum legume ou uma fruta que ela não conhece, eu peço pra ela experimentar pra ela sentir o sabor, pra saber o que que ela gosta, o que que ela não gosta”*.

Sendo o pai que passava a maior parte do dia com a filha, Carlos contou como estruturava sua rotina de cuidados: *“Eu tento dividir o meu dia até pra não ficar ocioso (risos) e ensinar alguma coisa pra ela por meio de brincadeiras e brinquedos educativos tem lojas específicas de brinquedos que auxiliam no desenvolvimento infantil, então a gente prioriza esses brinquedos e aí eu intercalo o aprendizado de questões como o alfabeto, cores, com o aprendizado de vida assim, há pouco tempo atrás eu aprendi primeiro a fazer biscoito e aí eu comprei as forminhas no formato da Hello Kitty, da Minnie que ela gosta e coloquei ela pra fazer comigo sabe, foi muito divertido assim, depois de um tempo ela começou a fazer os roxinhos certinhos e tal e a gente se divertiu e depois comeu biscoito junto. Então eu sempre*

tento ensinar algumas coisas pra ela e intercalo isso com dois passeios semanais também, então tipo dois dias na semana a gente vai passear num lugar diferente”.

Esses relatos do casal demonstram que na relação deles com Camila tentavam estabelecer um canal de comunicação em que ela pudesse se expressar livremente para que eles identificassem suas necessidades. A relação também era marcada pelos pais tentando trazer elementos da própria infância para a filha, ensinando coisas novas e propiciando novas experiências. Tratava-se um relacionamento de aprendizado de ambas as partes, de Camila que aprende sobre o mundo e dos pais que aprendem mais sobre a filha e a como serem pais dela.

Os cuidados com filha

O casal relatou nas entrevistas que os cuidados com Camila iniciaram no dia em que a conheceram no hospital: *“Quando a gente conheceu a Camila, ela nunca tinha recebido nenhum colo, nem da mãe biológica, que não quis conhecer ela, nem das enfermeiras, porque não podia, nem de ninguém. E aí na primeira vez que a gente conheceu ela, no primeiro dia, antes de falar com médico e antes de falar com a juíza, a enfermeira pediu que a gente fizesse isso. O Daniel trocou a primeira fralda e eu dei o primeiro colo”.* A partir de então, esses cuidados se tornaram rotina durante a estadia no hospital, em que eles tinham que: *“Trocar fralda, aí a primeira trocada de manhã e a mamada tinha que pesar a criança, dar banho né, trocar roupa, era isso né. Aí dar medicação e a rotina diária do médico né, tipo ver temperatura, batimento cardíaco pra ver se tá evoluindo bem pra receber alta né”* (Carlos).

Devido à prematuridade Camila necessitava de cuidados especiais, como relatou Daniel: *“Ela precisava de cuidados que é diferente de uma criança normal, pelo menos até os três primeiros meses é tudo contado, tudo, não podia dar dosagem a mais de remédio, não podia dar dosagem a mais de comida né, tudo restrito assim, cuidado maior”* e esses cuidados continuaram após levarem ela para casa: *“A criança prematura ela exige um pouco mais de cuidado do que uma criança que nasce aos nove meses né. Então, aí uma coisa que a gente tem que adaptar a casa, teve que colocar álcool gel em tudo quanto é lugar, porque pra tocar nela, pra não levar nenhuma bactéria nossa, tem que passar álcool em gel, até as visitas, quando vinham visitar ela, a gente pedia pra colocar álcool gel na mão, daí... depois de três meses aí a gente tava liberado a usar, a tratar ela normal, sem o álcool, ter contato com qualquer tipo de coisa, animal, ou a praia, contato com areia”.*

Além dos cuidados com a filha em casa, Carlos apontou que devido à prematuridade foi necessário manter uma rotina de consultas médicas para o acompanhamento de sua saúde: *“Por um ano a gente continuou fazendo acompanhamento médico né... Todo mês, pra ver se ela teria*

algum problema de visão, de audição e de coração e antes de completar um ano ela ganhou alta de todos eles”.

Além disso, Daniel contou que buscavam incentivar o desenvolvimento de Camila para que ela pudesse acompanhar as crianças de sua idade, independentemente de ser prematura: *“As últimas vezes que a gente esteve no médico, ele nos elogiou pelo fato do bom desenvolvimento que ela teve, a gente tenta dar o máximo de vitamina, ingerir o máximo de nutrientes possível pro desenvolvimento dela, não só o desenvolvimento dela da parte humana, mas também o social né. A gente tenta desenvolver ela de qualquer forma, até porque a criança prematura ela tem um pouco de atraso e o que que seria esse atraso? Ela só vai ser considerada uma criança digamos assim 100% da idade dela a partir dos quatro anos, esse aprendizado tardio né, mas a gente tenta estimular ela o máximo possível, pra quando ela for pra escolinha não ter essa diferença com as outras crianças né, pra saber que a prematuridade não dá diferença intelectual pra ninguém”.*

Sobre o cuidado de outras pessoas, o casal relatou ter optado por não inserir Camila na creche porque planejavam se mudar para outro país e se preocupavam da filha passar pelo processo de se adaptar a um novo ambiente e depois precisar romper os laços que formasse ali quando se mudassem. Apesar disso, Carlos apontou a socialização como o ponto forte da creche, que a filha acabava não tendo por ficar em casa, mas que ele buscava contornar de outras formas, como explica: *“Eu acho que esse é o ponto forte de se levar crianças tão pequenas pra creche, que é a questão da sociabilidade, do que você aprende na interação com o outro, que é dividir, que é respeitar os espaços, e pra isso é importante que ela conviva com outras crianças, mas não necessariamente esse convívio precisa ser dentro de uma creche. Então, eu tenho levado ela à parques público, que a gente tem diversos parques grandes assim aonde famílias vão fazer piquenique, passeio, tal, eu já sento lá, converso com outra família, pergunto se ela pode brincar com os filhos deles e ela começa a interagir, tem as crianças do próprio condomínio, temos uma brinquedoteca aqui, tem sempre criança, ela vai lá. E shopping também acaba que nos brinquedos sempre tem criança e eu já chego nos pais, já converso, já apresento ela, já coloco ela pra brincar com as outras crianças e tento levar desse jeito né, pelo menos por enquanto até ela puder ir pra creche e desenvolver laços mais recorrentes com outras crianças”.* Ele também relatou que possuíam parentes e amigas próximas com filhos da mesma idade de Camila, com quem ela interagira frequentemente.

Os relatos acima, revelam que os cuidados do casal com Camila se iniciaram já no hospital, com o primeiro colo e a primeira troca de fralda. Desde o começo a filha demandou cuidados especiais e acompanhamento sistemático de saúde, por ser prematura. A questão da prematuridade permaneceu quando a levaram para casa e o casal demonstrou uma preocupação

de que isso não afetasse a filha, de forma que ela pudesse acompanhar o desenvolvimento das outras crianças da mesma idade. Os pais também tinham o cuidado de incentivar a sociabilidade da filha, especialmente porque ela não frequentava a creche ainda, propiciando momentos de interação com outras crianças no condomínio, em parques e com filhos de parentes e amigas.

Demarcação de limites

Os relatos de Carlos demonstraram que ele estava trabalhando a questão dos limites com a filha e que os resultados eram considerados satisfatórios: *“A questão dos limites ela tem aceitado bem, ela não é uma criança que quando vai no shopping por exemplo, pra você ter uma ideia, tem dias que eu levo ela no parquinho, tem dias que não e ela nunca chorou. Supermercado a mesma coisa, a gente leva ela no supermercado, ela pede uma bolacha e tem dias que eu dou, tem dias que eu falo que não e ela não chora e ela não faz birra por isso. Isso me surpreende bastante, porque as pessoas que a gente conhece que tem é crianças na mesma faixa de idade, já relatam que isso é um problema constante de birra. Enfim, e eu tô bem feliz com isso, contente que ela não faz nada disso”*.

Apesar disso, Carlos relatou que a demarcação de limites era uma questão trabalhada apenas por ele, sendo um ponto de divergência no casal, como explicitado nas seguintes falas: *“A questão do impor limites as vezes me incomoda um pouco porque o Daniel é mais permissivo assim em algumas coisas, que eu acho, que já com um olhar de pai psicólogo (risos), eu já vejo problemas no futuro, já fico projetando as coisas, eu falo não, a gente já corta agora pra isso no futuro não se tornar um problema. Então eu acho meio chato as vezes ser desse jeito, ter que fazer isso, ficar impondo limites, é, eu acho que essa é a parte mais chata”*; e *“ele (Daniel) tá preocupado em não dizer não pra ela sabe, tipo se ela quiser pular no sofá ele deixa, tipo e eu já não deixo, então a gente tem esse olhar diferente assim, ele quer que ela seja uma criança 100% livre e eu já acho que a criança tem que aprender a lidar com limites e com o não desde cedo”*.

Essa situação também se evidencia na fala já mencionada anteriormente de Daniel sobre os jogos que não queria jogar com a filha, mas não conseguia sustentar o ‘não’ e acabava cedendo frente ao choro dela. Um exemplo disso são as situações das brincadeiras repetitivas, relatadas anteriormente por Daniel, em que ele cede à insistência da filha para não a desagradar.

Como se pode observar nos relatos do casal, a questão dos limites vinha sendo trabalhada apenas por um dos pais, Carlos, a quem a filha parecia reconhecer como a figura de autoridade, pois apreendia muito rápido os limites que lhe eram colocados e não fazia birra. Porém, a questão dos limites era um ponto de desacordo entre o casal, pois Daniel não conseguia se impor às vontades da filha, que adotava uma atitude diferente com esse pai.

Divisão de tarefas entre o casal

De acordo com os relatos do casal, a divisão de tarefas entre eles desde o começo se deu de forma que um ficasse mais responsável por um período do dia, enquanto o outro estava trabalhando. Sobre o período em que Camila ficou internada no hospital, eles falaram: *“Combinamos assim, o Daniel não sairia do trabalho, eu diminuiria meus atendimentos no consultório pra ficar com ela né, nesse período aí, então eu estava indo só de tarde e à noite íamos nós dois”* (Carlos); e *“A gente meio que dividiu, eu ficava mais no período noturno e a parte da manhã né, que ele tava com os pacientes dele e ele no período da tarde”* (Daniel).

Posteriormente, quando levaram Camila para casa, Carlos contou que ambos queriam assumir os cuidados, gerando embates no casal: *“A gente se revezava, porque também tem a questão de, que quando chega, tem aquela disputa inicial que os dois querem fazer tudo né, os dois querem dar banho, os dois querem trocar, tipo é muito surreal assim, você quer ser o paião”*. Apesar disso, eles buscavam se alternar para que ambos pudessem participar da experiência do cuidado com a filha.

Como Carlos era autônomo e possuía maior liberdade em relação aos seus horários, ele acabou se dedicando mais à paternidade em termos de tempo disponibilizado para a filha e era quem passava a maior parte do dia com ela, enquanto Daniel estava no trabalho. Essa divisão entre eles foi muito pensada para que não sobrecarregasse nenhum dos dois, pois além dos cuidados com a filha, ainda precisavam trabalhar, cuidar da casa e de si mesmos. Essa preocupação com a divisão de tarefas fica aparente nas seguintes falas: *“A gente sempre tentava equilibrar o máximo, entendeu? A gente estabeleceu assim, durante a manhã eu ficava, de tarde ele ficava, ia pro consultório a noite, quem tava responsável por ela que ficava cuidando, fazia tudo, entendeu? Aí depois que tinha a parte digamos de descanso é que a gente fazia as nossas coisas, tomava um banho, comia descansadamente, organizava a casa, limpava a casa, lavava roupa, lavava louça e assim vai né. A gente tentou equilibrar pra não deixar o outro sobrecarregado”* (Daniel); o que também foi destacado por Carlos: *“A gente dividiu pra ninguém se sobrecarregar. Ah e então a gente dividiu assim essa questão diária de eu fico de dia e ele fica à noite, mas nos finais de semana essa regra não se estabelecia, tipo quem tá perto faz primeiro ou quem tá disponível faz, enfim, seguia naturalmente assim. Mas durante a semana, a gente realmente precisava se dividir, porque a gente tinha que colocar os nossos trabalhos em turnos opostos né, e aí a questão noturna assim também era tipo quem acordar primeiro, quem tiver com menos sono, era sempre tentando não sobrecarregar ninguém”*.

Pode-se observar que além dos turnos alternados, nos momentos em que estavam juntos os cuidados ficavam a cargo de quem estivesse mais disponível ou disposto no momento, como também aparece na seguinte fala de Daniel: *“Eu as vezes tava muito cansado, ele ia lá e fazia,*

as vezes ela tinha muita cólica e a gente ficava a noite acordado né, quando era o meu período ficava a noite acordado, eu não dormia, então chegava de manhã eu tava um zumbi. Ele ia lá, ele via que eu tava nesse estado ajudava, tirava ela, aí eu conseguia tirar um soninho de umas três horinhas pra dá um up melhor né”. Assim, um auxiliava o outro e assumia os cuidados quando necessário.

Apesar dessa divisão, em que ambos se alternavam nos cuidados, Carlos também falou que os momentos de cuidados eram compartilhados pelo casal: *“As vezes a gente dava o banho junto, falando assim que era dividido parece que era uma coisa tipo um faz e o outro fica olhando, nem sempre era assim, maior parte do tempo não era assim, a questão da divisão é mais pela questão funcional da vida pra não parar a nossa vida, porque quando você não tem uma rede de apoio, você precisa de uma certa organização pra que eu não largasse a minha vida profissional ou ele não largasse a dele em função dessa nova realidade”.*

Esses relatos do casal demonstram que a divisão de tarefas entre eles se deu de forma igualitária para que não sobrecarregasse nenhum deles. No início ambos queriam assumir tudo e acabaram se revezando nos cuidados, mas se apoiavam um ao outro durante a realização das tarefas. Posteriormente, se dividiram em turnos de acordo com a disponibilidade do trabalho e nos momentos em que estavam juntos as tarefas eram realizadas por quem estivesse mais disponível ou disposto no momento.

Síntese do Caso 2

A partir dos relatos apresentados, pode-se entender que o Exercício da parentalidade no casal Carlos e Daniel percorreu caminhos jurídicos tranquilos. Foram um dos primeiros casais homossexuais a se casarem, atraindo muita visibilidade na mídia e contribuindo para que outros casais pudessem fazer o mesmo. Após o casamento, passaram por um longo período de preparação para a recepção de um filho, com a busca pela estabilidade financeira e a organização de um quarto, antes de entrarem com o processo de adoção. Tanto no casamento quanto na adoção, receberam muita resistência de suas famílias de origem, motivadas por preconceito, ideias tradicionalistas e conservadoras, que questionavam a capacidade de homens cuidarem de uma criança.

O processo de adoção e registro da filha Camila ocorreu sem intercorrências, porém ela estava internada no hospital quando a conheceram, por ter nascido prematura. Nesse contexto, os pais enfrentaram diversas dificuldades por conta de preconceito de alguns profissionais e despreparo da instituição em receber homens para cuidarem dos bebês. Passado esse período conturbado, mencionaram a falta de representatividade de famílias homossexuais,

principalmente em programas e livros infantis, que transmitem às crianças imagem da família tradicional, que não permitem a identificação com sua própria realidade.

Quanto à Experiência da parentalidade, percebe-se pelos relatos do casal que o desejo pelo filho estava presente desde o início do relacionamento deles, sendo mencionado como importante para o sucesso da relação. O sentimento de ser pai surgiu em cada um deles logo após conhecerem a bebê Camila no hospital. Porém, ela estava muito debilitada devido à prematuridade, o que gerou dúvidas e medos no casal. As preocupações em relação à saúde da filha marcaram o início da parentalidade, perdurando pelo primeiro ano de vida. O casal relatou maior senso de responsabilidade e sensibilidade com a paternidade. Sentiam que deviam estar presentes e zelar pela filha, ofertando os cuidados de que ela necessitasse.

Eles se preocupavam que a prematuridade não afetasse negativamente a vida da filha. Apesar disso, percebiam que ela estava se desenvolvendo bem, se tornando mais independente, e já estava muito melhor em relação ao primeiro ano que foi marcado pelos cuidados com sua saúde. Foram destacadas a capacidade da filha de aprender e o fato de ser bem-educada, o que deixava os pais muito orgulhosos.

Todo esse investimento na filha teve repercussões no relacionamento conjugal, com o marido perdendo a prioridade para a filha. Apesar disso, ambos viam o outro como um bom pai, discordavam em alguns pontos com relação à criação da filha, mas havia um clima de respeito e muito diálogo entre eles. Carlos e Daniel apresentavam estilos diferentes de cuidado da filha, oriundos de seus modelos da infância, marcados pela imagem negativa dos pais. O pai de Daniel era agressivo enquanto o de Carlos era emocionalmente ausente, sendo ambos modelos que eles evitavam. As mães, por outro lado, foram descritas como sendo mais carinhosas.

Com relação à Prática da parentalidade pôde-se observar pelos relatos do casal que os cuidados com a filha iniciaram no primeiro dia em que se conheceram, com o colo e a troca de fraldas. Desse dia em diante, o casal assumiu praticamente todos os cuidados, não contando com rede de apoio após a saída do hospital. A filha demandou cuidados especiais devido à prematuridade e o casal buscava incentivar o desenvolvimento de aspectos físicos, intelectuais e sociais.

Na relação com a filha, buscavam estabelecer uma comunicação livre, demonstrando especial interesse em apresentar coisas novas à filha e resgatando elementos de suas próprias infâncias. A demarcação de limites era trabalhada apenas por Carlos enquanto Daniel mimava muito a filha, sendo este o principal ponto de discórdia entre o casal com relação à parentalidade. Apesar disso, a divisão de tarefas entre eles era compreendida como igualitária, visando não sobrecarregar nenhum dos dois, visto que não contavam com a ajuda de mais

ninguém. As distinções se davam em relação aos turnos alternados com que ficavam com a filha em casa, de acordo com a disponibilidade do trabalho de cada um.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

A ideia inicial desse estudo foi investigar a constituição da parentalidade homossexual em casais masculinos a partir de uma abordagem winnicottiana. Neste capítulo destacam-se as principais similaridades e as particularidades de cada caso apresentado anteriormente, discutindo-as à luz da literatura.

Com relação ao Exercício da parentalidade, primeiro eixo de análise do presente estudo, apesar de cada casal ter percorrido um caminho diferente em direção à parentalidade, com o Casal 1 (Antônio e Bruno) tendo passado por um processo de barriga solidária e o Casal 2 (Carlos e Daniel) optado por uma adoção, os casos apresentam diversas similaridades entre si.

A partir dos relatos dos participantes, pôde-se observar que o processo de se tornar pai ocorreu de forma tranquila em termos de acesso aos serviços de fertilização ou adoção e em relação ao registro dos filhos. Esse dado demonstra uma realidade distinta de estudos brasileiros anteriores realizados com casais homossexuais com filhos, em que eles precisavam esconder a orientação sexual e não puderam registrar os filhos com o nome de ambos os pais (Mota, Vargas & Vasconcelos, 2015; Uziel, 2002). Pode-se pensar que um dos motivos para essa mudança foi o reconhecimento do casamento homossexual (Resolução 175/2013 do CNJ). Ambos os casais oficializaram suas relações através do casamento e passaram a ser pais posteriormente, com os nomes dos dois cônjuges constando como pais nos documentos dos filhos, o que foi regulamentado pelo Provimento nº 63 de 2017, do CNJ. De acordo com Machin (2016), o reconhecimento da relação do casal homossexual representa uma importante etapa na afirmação destas famílias e propicia a busca pela concretização do projeto de parentalidade.

Sobre essa passagem pelos serviços de fertilização ou adoção, comumente usados para alcançarem a parentalidade, embora outros estudos tenham constatados que alguns profissionais contêm ideias e atitudes preconceituosas (Araújo, Oliveira & Castanha, 2007; Mota, Vargas & Vasconcelos, 2015), os casais do presente estudo não relataram muitas dificuldades em decorrência de sua orientação sexual no contato com os profissionais que atuavam no processo de se tornar pais, sejam os responsáveis pela reprodução assistida (Caso 1), os responsáveis pela adoção (Caso 2), ou durante o registro do filho. Apesar disso, foram relatadas (Casal 2) situações de preconceito por parte de uma enfermeira que trabalhava no hospital aonde a filha nascida prematura ficou internada nos seus primeiros meses de vida, porém era uma profissional que prestava assistência à saúde, não tinha participação no processo legal deles se tornarem pais. Isso demonstra que, apesar dos avanços, os casais ainda precisam lidar com o preconceito encontrado em algumas esferas.

Esses preconceitos estão associados a concepções arraigadas no imaginário social, como a de que a orientação sexual dos pais influenciaria negativamente na orientação sexual dos filhos (Araújo, Oliveira & Castanha, 2007), que os pais do presente estudo também relataram ouvir de outras pessoas. Assim, tem-se a ideia de que pais homossexuais criariam filhos igualmente homossexuais, o que seria uma característica malquista. Porém, pesquisas apontam que tal relação não existe (Fedewa, Black & Ahn, 2015; Tasker & Patterson, 2007), mas que pais homossexuais podem criar filhos com maior liberdade para expressar sua sexualidade.

Além do preconceito decorrente da orientação sexual, em ambos os casos do presente estudo, os pais foram confrontados com discursos tradicionalistas sobre gênero, que associam o cuidado dos filhos à mãe/mulher. Assim, por serem homens, foram questionados quanto à sua capacidade de cuidar de uma criança. Apesar disso, os casais demonstraram ter a noção desde o início do planejamento da parentalidade de que precisariam assumir tarefas tidas socialmente como femininas, recusando essa divisão pautadas no gênero e não se limitando à função tradicional do pai. De acordo com Stacey (2006), homens gays já podem ser considerados dissidentes dos estereótipos tradicionais de gênero, assim, assumir funções domésticas e de cuidado de uma criança, não seria tão ameaçador à sua masculinidade, como poderia ser sentido por pais heterossexuais.

Na verdade, essa mudança na posição do pai se observa não apenas em casais gays, como demonstrou Freitas et al. (2007) a partir de entrevistas com sete pais heterossexuais, nos quais coexistiam tanto o modelo tradicional de paternidade e o do “novo pai”, que se envolve emocionalmente e compartilha tarefas tidas socialmente como femininas. Segundo as autoras, a produção social tradicional de ser pai/homem se dá em oposição à ser mãe/mulher, de forma que se espera que o pai se distancie de toda a forma de cuidado do filho, sendo sua principal função o de provedor da família. Isso também pode ser observado no estudo de Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Piccinini (2013) com 38 pais heterossexuais, que demonstrou a presença do discurso do “novo pai” em seus participantes, que buscavam se envolver mais com o cuidado dos filhos, buscando se diferenciar do modelo tradicional de paternidade que tiveram na infância. Apesar disso, esses pais apresentaram dificuldades nos cuidados devido a crenças de um comportamento paterno desajustado, que contrastava com a competência da mãe. Assim, evidências de diversos estudos sugerem que na contemporaneidade, muitos pais buscam uma participação mais ativa junto aos filhos, com maior envolvimento emocional, sendo os casais do presente estudo expoentes dessa tendência masculina mais ampla.

Pensando sobre esse contexto social mais amplo, Winnicott (1958/2011) postula que a pessoa que desempenha a função de cuidado necessita de um ambiente seguro para que possa se dedicar totalmente ao seu filho. Nesse sentido, um processo de acesso à parentalidade sem

muitas intercorrências pode ter facilitado para que os pais do presente estudo se colocassem nessa função. Contudo, ter que lidar com o preconceito contra a orientação sexual e a desvalorização do pai na função de cuidado trouxeram preocupações que podem ter interferido no desempenho desses casais. Preocupações essas que não estão presentes em casais heterossexuais tradicionais.

Com relação à Experiência da parentalidade, segundo tema do presente estudo, tanto no Caso 1 quanto no Caso 2, o desejo pelo filho esteve presente desde o início do relacionamento dos casais. Os relatos do Casal 1 apontaram que a experiência deles se iniciou logo após o casamento, quando eles assistiram uma reportagem que despertou o desejo de ter um filho e o interesse pela reprodução assistida, principalmente em um dos membros do casal (Antônio), que tinha o maior desejo pela paternidade biológica. Alguns autores (Berkowitz & Marsiglio, 2007; Tornello & Patterson, 2012; Amazonas, Veríssimo & Lourenço, 2013) apontam que a identidade gay pode ser sentida como incompatível com a identidade de pai, devido à visão heteronormativa da reprodução e da família existente na nossa sociedade, o que dificulta que homens gays possam vislumbrar uma possibilidade de acesso à parentalidade. Assim, esse desejo acaba sendo reprimido, o que talvez ocorria com o Casal 1, que mantinham diálogos insipientes, sem perspectiva de como realizar seu desejo. Sobre isso, Berkowitz e Marsiglio (2007) apontaram que algumas experiências pontuais podem despertar o desejo de ter filho, como é o caso da reportagem sobre reprodução assistida, em que o casal pôde entrar em contato, mesmo que através da televisão, com a experiência de outro casal gay alcançando a almejada parentalidade, o que abriu a possibilidade de também iniciarem sua própria jornada.

De modo semelhante o Casal 2 relatou que os dois pais compartilhavam do projeto de ter filhos quando se conheceram e que este foi fundamental para o sucesso da relação. Sobre isso, Stacey (2006) constatou que homens gays com companheiros que não partilhavam de seu projeto de ter filhos tendiam a se separar e priorizar a busca pela paternidade, demonstrando a importância desse aspecto para o sucesso da relação. Assim, diferentemente do primeiro caso do presente estudo (Casal 1), o desejo não parecia reprimido no Casal 2, sendo que a busca pela parentalidade foi facilitada ao alcançarem a estabilidade financeira e terem inclusive preparado o ambiente para a chegada do filho.

Quanto às experiências pessoais no percurso para a parentalidade, estas se constituíram em um dos principais pontos de divergência tanto no Casal 1 como no Casal 2, devido as formas diferenciadas como ocorreram. Por exemplo, após explicitarem seu desejo de ter um filho, o Casal 1 buscou maiores informações e se planejou para iniciar o processo de reprodução assistida. A trajetória do casal para se tornar pais foi longa, com inúmeras tentativas de inseminação malsucedidas, que provocaram sentimento de frustração e colocaram à prova o

desejo pela parentalidade. Na oitava tentativa, conseguiram que uma gestação prosseguisse, com o apoio da prima de um dos pais (Antônio) que atuou como barriga solidária, utilizando o óvulo de uma doadora anônima e o esperma do primo. Neste caso, a escolha de quem seria o doador de esperma no casal corrobora com os achados de Greenfeld e Emre (2010) de que um dos critérios utilizados para a escolha de quem será o progenitor é ter o maior desejo pela paternidade biológica. Esses autores também encontraram nos casais estudados a expectativa de nova gestação com o esperma do outro cônjuge, assim como foi relatado pelo Casal 1 de que planejavam utilizar o esperma do outro pai (Bruno) numa gestação futura.

Pelos relatos do Casal 1, pode-se pensar que desde a gestação da prima solidária, eles demonstravam estar se preparando para serem pais e que isso incorria em alterações psíquicas em ambos. O filho já começava a tomar um grande espaço na vida deles, com preocupações constantes e uma sensibilidade exacerbada, que pode ser compreendido como o que Winnicott denominou de preocupação materna primária (1956/2000). Trata-se de um estado psíquico especial que ocorre regularmente na mãe, em que ela começa a se envolver totalmente com sua gestação e se preparar para a chegada do filho. Winnicott (1987/2017) reconhecia que quando necessário o pai também podia se encontrar nesse estado, situação denominada por outros autores como síndrome de *couvade* (Bogren, 1983), termo originado do francês *couver* que significa ‘chocar’, e é também conhecida como a gestação masculina. Diversas falas do Casal 1 como “*Nossa gestação*”, “*Processo de gestação que a gente passa*” e “*A gente fica grávido junto*” podem estar associadas a síndrome de *couvade*, expressando que se sentiam e faziam parte da gravidez. Os sintomas de insônia, dor de cabeça e irritabilidade relatados pelo Casal 1 também podem ser considerados característicos da síndrome de *couvade* (Bogren, 1983), que são semelhantes aos sintomas que a mulher pode enfrentar durante a gestação. A apresentação dessas características demonstra um intenso investimento emocional no filho, assim como foi apresentado no estudo de De Martini, Piccinini e Gonçalves (2010), que investigaram indicadores da síndrome de *couvade* em 30 pais heterossexuais esperando o primeiro filho. Os autores encontraram tanto sintomas físicos quanto emocionais presentes nos pais, acompanhados de um forte envolvimento emocional com a gestação e a identificação desses pais com as gestantes durante esse período.

Porém, além desses sintomas corriqueiros, o acompanhamento da gestação não foi uma experiência tão positiva pelo menos para um dos membros do casal (Antônio), que estava em um estado de hipervigilância, marcado por vivências de ansiedade e medo de perder o bebê em função do desgastante processo de tentativas anteriores até alcançar a gestação. Sobre isso, o estudo de Sonogo, Dornelles, Lopes, Piccinini e Passos (2016) com 13 casais heterossexuais aguardavam o primeiro filho concebido através de técnicas de reprodução assistida evidenciou

o desgaste emocional decorrente de sucessivos fracassos nas tentativas anteriores de fertilização e que a paternidade no contexto da reprodução assistida tem como foco a necessidade de garantir que o bebê nasça, pois o nascimento do próprio pai depende disso. O estudo também encontrou um apagamento da experiência de reprodução assistida, pois os casais preferiam não falar sobre o tratamento após o nascimento do filho. Isto ocorria diferente com o Casal 1 do presente estudo, que já fazia questão de sinalizar ao filho a participação da gestante em seu nascimento, mantendo um sentimento de gratidão em relação a ela.

Outra questão sobre as tentativas frustradas de reprodução assistida foi a necessidade de recorrer a uma gestação em outro país, o que levou os futuros pais a sofrerem com maiores sintomas de ansiedade pela sensação de não terem controle sobre o processo de gestação e pela falta de informações a respeito da gestante e do bebê. No estudo de Carone, Baioco e Lingiard (2017), com 15 casais gays italianos, que se tornaram pais através de gestação internacional, foi observado que esses pais buscaram aplacar os sentimentos de ansiedade ao desenvolverem um vínculo com a gestante, mesmo que à distância, a qual atuava como uma ponte que conectava emocionalmente os futuros pais e o bebê ao compartilhar com eles suas vivências da gestação. Assim, pode-se pensar que estar próximo da gestante no Casal 1 do presente estudo facilitou a convivência com a gestante e a conexão entre os pais do presente estudo e o seu bebê. Como contrapartida, este convívio acentuado com a gestante que era prima, levou inclusive a alguns atritos pois na visão dos pais ela nem sempre se cuidava como precisava.

O relacionamento estabelecido com a prima-gestante, relatado pelo Casal, e a revelação da participação dela para o filho está em consonância com as sugestões de Blake et. al (2016), que destacaram que independente da forma que escolham para acessar a parentalidade, os casais gays precisariam explicar aos filhos seu percurso. Esse autores encontraram que o processo de revelação tanto da gestação de substituição quanto da adoção era recorrente em casais homossexuais, sem muitas dificuldades em ter que falar sobre esse processo, tendo em vista que são recorrentemente questionados quanto a isso por outras pessoas e não há a possibilidade de ter um filho por vias 'naturais' como os casais heterossexuais, por não poderem gestar um bebê. O mesmo parece ter ocorrido no presente estudo, tanto com o Casal 1, como destacado acima, como com o Casal 2 que demonstrou a mesma atenção à procedência da filha, que foi adotada, tendo reunido todas as informações que obtiveram sobre a progenitora, pensando em fornecer à filha no futuro, para que ela possa ter acesso à sua história. Assim, em ambos os casais observou-se a preocupação em revelar aos filhos suas origens, sem segredos sobre a participação de terceiras.

Ainda em relação ao Casal 2, o início da experiência de parentalidade foi marcada pela prematuridade da filha adotada (Camila) e a preocupação com sua saúde. A internação de um

bebê prematuro na UTI neonatal tende a ser muito ansiogênica para as mães e pais, devido aos riscos à vida do filho (Medeiros & Piccinini, 2015; Miles & Holditch-Davis, 1997). Por exemplo, em estudo em que entrevistaram três pais heterossexuais de bebês nascidos prematuros, Medeiros e Piccinini (2015) constataram o medo desses pais em estabelecer contato físico com o bebê durante a internação na UTI neonatal. Mesmo assim, esses pais buscavam estar presentes, o que favoreceu a vinculação deles ao bebê. Esses pais se mostraram sensíveis, disponíveis afetivamente e capazes de reconhecer as necessidades dos filhos enquanto estavam no hospital e após a alta. De forma semelhantes, o Casal 2 do presente estudo também demonstrou medo quando se defrontaram com a prematuridade da bebê, porém desejaram e buscaram o contato físico desde o início, dando o primeiro colo logo no primeiro dia em que a viram e fazendo o método canguru posteriormente. Desde os primeiros contatos, o sentimento de serem pais já se instalava nesse casal.

Retomando o Casal 1, após o nascimento do filho, a parentalidade foi referida como se desenvolvendo naturalmente e descrita como uma dedicação total ao bebê e a capacidade de identificar suas necessidades. O sentimento de naturalidade pode ser compreendido como a capacidade de agir espontaneamente, evocando vivências primitivas de cuidado que são reatualizadas no contato com o próprio filho (Winnicott, 1986/2012), sem se sentirem pressionados a agir de determinada forma devido ao conhecimento adquirido em suas formações acadêmicas ou dos palpites dados pelos familiares, que poderiam levar a um cuidado mais automatizado e mecânico. Com isso, pode-se compreender que o casal mostrava indícios de que conseguiam se identificar com seu bebê para compreender suas necessidades e fornecer um cuidado suficientemente bom (Winnicott, 1986/2012). Dessa mesma forma, o Casal 2 também fornecia um cuidado suficientemente bom.

Apesar da transição para a parentalidade ter sido relatada pelo Casal 1 como ocorrendo de forma natural, um dos membros do casal (Antônio) expressou a ideia de que tornava-se pai na relação com o filho, inclusive demonstrando muita preocupação em desenvolver um forte vínculo afetivo desde o início, através dos cuidados ofertados, principalmente da amamentação. Assim, apesar da transição para a posição de pai ser sentida como natural, ela implica em mudanças psíquicas que não são garantidas pela ligação biológica (Houzel, 2006), tanto é que esse sentimento apareceu no Casal 1, tanto no pai que contribuiu biologicamente para a gestação (Antônio) como com o pai que não contribuiu (Bruno). Pode-se pensar esse dado se assemelha aos achados com casais homossexuais com filhos adotivos da pesquisa de Dantas & Ferreira (2015), que evidenciaram que o sentido de ser pai se dá na relação com os filhos e que o vínculo afetivo se sobressai ao biológico. Não obstante, destaca-se aqui que no Casal 1, tal compreensão se deu a partir do processo de habilitação pra adoção, em que um dos membros (Antônio) pôde

superar seus estigmas iniciais sobre adotar e compreender que cada um se torna pai na relação com a criança. Dessa mesma forma, no Casal 2, que se tornaram pais pela adoção, o sentimento de ser pai se desenvolveu desde o início da relação com a filha.

Como pais, tanto o Casal 1 como o Casal 2 relataram sentirem mudanças em si mesmos, como ganho de tolerância, preocupações constantes com os filhos, sentimento de responsabilidade e aumento da sensibilidade. Além disso, experimentaram sentimentos positivos, como os de realização pessoal e de gratidão. Esses sentimentos se apresentam como semelhantes aos encontrados em pais heterossexuais (Gonçalves et al. 2013), que relataram o caráter transformador da experiência de ser pai, associado a sentimentos positivos e à satisfação pessoal. Além disso, os autores observaram uma alteração de investimento afetivo, com um lugar privilegiado ao filho e uma diminuição do tempo para a relação conjugal. Assim, as mudanças no relacionamento conjugal relatados pelos casais do presente estudo, com uma maior dedicação ao filho, são esperadas na transição para a parentalidade tanto em casais heterossexuais (Nystrom & Ohrling, 2004) como homossexuais (Bergman et al., 2010). Mesmo com esse afastamento conjugal comumente destacado na literatura, enquanto casal parental, no presente estudo a relação foi descrita desde o início como sendo de maior parceria e apoio do que comumente é relatado entre casais heterossexuais.

Sobre a percepção sobre os filhos, tanto os Casal 1 como o Casal 2 relataram que as crianças (Neto, 1a 3m; Camila, 2a 5m) vinham se tornando mais independentes, o que pode indicar o quanto os pais estavam atentos aos filhos e suas necessidades. A partir disso, eles buscavam acompanhar o desenvolvimento dos filhos e demonstravam uma capacidade de compreenderem as novas necessidades deles, à medida que percebiam que eles não necessitavam mais de cuidados tão intensos, o que Winnicott (1954/2015) compreendia como uma desadaptação gradual dos pais, à medida que a criança caminha de um estágio de dependência absoluta à dependência relativa. Um exemplo disto é descrito pelo Casal 1 com relação à alimentação do filho, cuja comida era ofertada em pedaços, que ele podia comer livremente na hora da refeição, enquanto os pais acompanhavam, prontos a dar a papa caso necessitasse.

Além da percepção de maior independência, em ambos os casais também foi relatada a expectativa de que os filhos fossem pessoas conscientes sobre questões de gênero e orientação sexual no futuro, que fosse alguém que “*Não vai ter nenhuma cultura machista*” (Casal 1) ou que “*Seja feminista*” (Casal 2). Essas expectativas corroboram os achados de outros estudos que apontam uma preocupação de pais homossexuais de que a educação dos filhos aborde a aceitação das diferenças, o respeito à diversidade e o preconceito, principalmente ligado à

questões de orientação sexual e gênero (Goldberg, Downing & Moyer, 2012; Lima, Correia, Mutti & Sales, 2015).

Quanto ao relacionamento com os próprios pais e mães, pode-se observar que os participantes tiveram em suas infâncias um modelo mais próximo ao pai tradicional (Fein, 1978), que foi descrito como sendo uma figura distante emocionalmente dos filhos e que aplicava castigos físicos. No Casal 1, os relatos demonstraram que eles ainda conseguiam perceber aspectos positivos dos próprios pais e mães, que buscavam incorporar em si como pais, como a educação de valores e a preocupação com o amparo material, ao passo que buscavam melhorar os aspectos sentidos como negativos. Um dos membros do casal (Bruno) também demonstrou reavaliar as atitudes do seu pai a partir da própria experiência com a paternidade, conseguindo se identificar com ele. Já no Casal 2, a percepção sobre os próprios pais se mantinha negativa, devido ao distanciamento afetivo (Carlos) e à agressividade (Daniel) dos pais na infância, que deixaram marcas prejudiciais nos relacionamentos entre eles. Assim, esses pais eram tidos como um modelo a não ser seguido pelos pais do Casal 2. Essas percepções, relatadas tanto no Casal 1 quanto no Casal 2, corroboram as proposições de Szejer e Stewart (1997), de que os próprios pais e mães da infância seriam sempre um modelo de referência, a ser seguido ou evitado, estando relacionados com a forma como cada homem se constitui como pai. Nesse sentido, alguns estudos (Balancho, 2004; Gabriel & Dias, 2011) apontam para mudanças intergeracionais, com os pais atuais se mostrando mais presentes, mais sensíveis e próximos afetivamente. Esses pais tiveram como modelo dos próprios pais a figura tradicional do provedor, da qual buscavam se diferenciar e fornecer aos filhos aspectos que sentiram falta em suas infâncias.

Além disso, também pôde ser observada uma maior identificação dos participantes com a própria mãe do que com o pai. A mãe da infância era vista como sendo mais carinhosa, característica que os casais buscavam incorporar em si mesmos, reproduzindo os modelos de cuidado ofertados por essas figuras maternas, buscando superar suas falhas. Pode-se pensar que para se colocarem na posição de cuidadores, esses pais precisaram resgatar as próprias vivências infantis de terem sido cuidados por suas mães (Winnicott, 1986/2012). No Casal 2, eles relataram que gostavam quando as avós vinham visitá-los pois trazia um jeito considerado mais feminino, mais doce e meigo de cuidar da criança.

Com relação à Prática da parentalidade, terceiro tema do presente estudo, pode-se observar pelos relatos dos casais que as tarefas que precisavam assumir com relação aos filhos eram principalmente de cuidados físicos, como alimentação, higiene e sono, devido à pouca idade das crianças. Segundo Winnicott (1960/1983), no início os cuidados físicos são também a base para os cuidados psíquicos, pois estes não seriam diferenciados. Esse cuidado, sensível

e constante constitui o que Winnicott denominou de *holding*, o segurar físico e emocional, que permite ao bebê a integração das experiências corporais, proporcionando o desenvolvimento da personalidade.

Além dos cuidados diretos com os filhos, durante as entrevistas os casais do presente estudo relataram que às vezes sentiam que era necessário apenas estar junto aos filhos e deixá-los livres para explorar e brincar, ficando disponíveis caso eles necessitassem de alguma atenção. Isso pode ser entendido como o fornecimento de um ambiente facilitador para que as crianças coloquem em marcha sua tendência inata ao desenvolvimento (Winnicott, 1956/2000). A partir da manutenção desse ambiente, junto aos cuidados necessários, as crianças podem sentir que há uma continuidade em ser, de forma que vão integrando suas experiências até alcançar a vivência de unidade. Essa capacidade está relacionada ao que Winnicott (1966/1989) denominou de elemento feminino, ser e deixar ser. Assim, pode-se pensar que os casais do presente estudo conseguiram fazer uso desses elementos femininos nos momentos iniciais de cuidados dos filhos, que são imprescindíveis para que o bebê possa ser enquanto pessoa.

Outro tipo de cuidado relatado por ambos os casais, foi o contato pele a pele com o bebê no início dos cuidados. No Casal 2, isso ocorreu através do método canguru (Brasil, 2015) utilizado na UTI neonatal, que o casal seguiu realizando em casa após a alta hospitalar. Como o Casal 1 não teve a experiência de internação, pois seu filho nasceu a termo, o método canguru não foi necessário, mas foi relatado por um dos membros do casal (Antônio) que eles tiravam a camisa na hora de amamentar o bebê, propiciando o contato pele a pele com ele. Essa forma de manejo, poderia ser compreendida como um exemplo de *handling* (Winnicott, 1965/2011) desses pais com seu bebê. Através do toque, os pais estariam ajudando o bebê a dar um contorno ao próprio corpo e a assentar suas experiências nele, desenvolvendo a relação psicossomática.

A tarefa materna proposta por Winnicott (1965/2011), de apresentação de objetos também esteve muito evidente nos casais do presente estudo, com os pais relatando propiciar novas experiências aos filhos, ensinar coisas novas e ir incorporando cada vez mais do mundo, na realidade dos filhos. De acordo com Winnicott (1993/1999), os pais preparam um ambiente seguro para a criança, dando cada vez mais liberdade para que ela explore a realidade externa e precisam dizer “não” ao que possa ameaçar a criança, para mantê-la protegida. A partir daí os pais vão estabelecendo os limites junto à criança. Segundo o autor, a autoridade em dizer “não” é adquirida pelos pais que se encontram presentes e ofertam cuidados antes das restrições, de forma que as crianças aceitam os limites por serem colocados por uma pessoa que se preocupa com ela e com quem já estabeleceu uma relação. Apesar disso, um dos participantes do presente estudo (Daniel) tinha muitas dificuldades em dizer “não” e mimava muito a filha, agindo de

forma oposta ao pai que teve na infância, rígido e restritivo. Com isso, criava divergências com o seu companheiro (Carlos) que não concordava com a falta de limites.

A divisão de tarefas entre os casais do presente estudo foi relatada como sendo igualitária, corroborando com os achados da literatura de que os casais homossexuais apresentam uma divisão igualitária tanto das tarefas domésticas quanto dos cuidados com os filhos (Panozzo, 2015; Tornello, Kruczkowski & Patterson, 2015). Os casais também contrastaram sua realidade com a de relações heterossexuais, estabelecendo diferenciações quanto a expectativas heteronormativas de que a mulher cumpra a função de cuidar da criança. Porém, entre os casais do presente estudo, pode-se observar que na prática cotidiana um dos pais acabava ficando mais disponível em termos de tempo e se ocupava da maior parte dos cuidados. Em ambos os casos, o pai com maior disponibilidade de tempo, que não trabalhavam com carteira assinada, pois eram psicólogos autônomos, e tinham maior controle e flexibilidade em relação aos seus horários é que acabavam mais disponíveis para cuidar da criança.

Apesar disso, no Casal 1, foi possível observar a internalização de discursos tradicionais sobre a divisão de tarefas pautada no gênero (Dantas & Ferreira, 2015; Rodriguez, 2012), em que um dos membros do casal (Bruno) fez uma comparação da relação deles com casais heterossexuais, estabelecendo uma diferenciação entre sua experiência da parentalidade, considerada mais maternal, e a do parceiro (Antônio), considerada semelhante à de um pai heterossexual.

Ainda sobre a divisão de tarefas, apesar de haver duas pessoas que se ocupassem do filho, havia a organização de uma rotina e uma constância de cuidados. Eram as mesmas duas pessoas encarregadas do cuidado e realizando todo tipo de tarefa, salvo quando recebiam ajuda da babá (Casal 1) ou das avós, que vinham ajudar as vezes em ambos os casos. Os casais também mantinham momentos em família, em que ambos estavam presentes e compartilhavam o cuidado, apoiando uns aos outros. Essa forma de divisão pode ser compreendida como as características da parentalidade homossexual apontadas por Passos (2005), como a ausência de funções fixas, em que os membros podem circular entre assumir os cuidados, que seria considerada socialmente como uma função feminina, e o trabalho externo que traz o sustento financeiro do lar, função tida socialmente como masculina. Como nos dois casais ambos os cônjuges trabalhavam, via-se que eles se alternavam entre a função tradicionalmente materna de cuidado e a função tradicionalmente paterna de provedor. Ainda segundo a autora, haveria uma prevalência de relações horizontais, de forma que não há a figura de uma mãe entendida como a autoridade sobre questões referente à criança e ao ambiente doméstico, domínio no qual o pai não adentraria. Isso se observa na relação de parceria entre os pais, que eram vistos como iguais.

Apesar de se dividirem nos cuidados, os casais do presente estudo relataram que apresentavam estilos diferentes. Winnicott (1944/2015) postulava que a presença do pai como alguém com uma personalidade e características distintas da mãe poderia enriquecer o mundo da criança. Assim, ela poderia se beneficiar pela existência da dupla, iguais em importância, mas não indiferenciados. No presente estudo, enquanto no Casal 1, um dos pais (Antônio) era “*meio porra louca*”, despreocupado e se desequilibrava, o outro (Bruno) era “*certinho*”, centrado e muito preocupado com a segurança do filho. Já no Casal 2, enquanto um dos pais (Daniel) era complacente e mimava a filha, o outro (Carlos) via a necessidade de estabelecer limites e buscava incentivar a autonomia dela.

As evidências trazidas pelos casos estudados, permitem pensar que a teoria winnicottiana pode ser utilizada para se compreender a parentalidade no contexto da homossexualidade. Assim como esse contexto pode nos fazer repensar a teoria. Como já foi assinalado por outros autores (Arruda & Lima, 2013; Belo, Guimarães & Fidelis, 2015; Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006), a função de cuidado está muito atrelada ao gênero feminino na obra de Winnicott, sendo ao pai relegado uma função, embora importante, secundário na vida do filho. Porém, a capacidade de resgatar as vivências primitivas de ser cuidado, se identificar com o próprio filho, ser sensível e dedicado podem estar presentes nos pais, que desejam ser mais participativos com seus filhos, como nos casos aqui apresentados de pais homossexuais. Porém, existe ainda em nossa sociedade modelos tradicionalistas de gênero, que vão na contramão disso, ditando aos homens que não podem ser sensíveis e cuidadosos. Aos casais homossexuais, talvez seja mais fácil romper com esses modelos, ao conseguir integrar elementos femininos e masculinos e, inclusive se colocar na posição tida como maternal. Nos casos aqui apresentados, também contaram com apoio ambiental, tão estimado à teoria winnicottiana, que aqui foi fornecido principalmente pelo marido.

Com relação à realização das entrevistas, o fato de ter incorporado ambos os membros do casal se mostrou positivo, pois muitas das informações fornecidas por um deles era corroborada pelos relatos do outro, assim como pode-se ter o olhar do outro lado da relação, facilitando a triangulação (Stake, 2006). Porém, foram apenas dois momentos com os participantes, durante a *Entrevista de História da Família* e a *Entrevista sobre a Experiência da Parentalidade Homossexual Masculina*. Maior contato com eles seria positivo, pois permitiria o aprofundamento das questões levantadas. Nesse sentido, estudos longitudinais, que possam acompanhar os pais durante o processo de reprodução assistida ou de adoção e após a chegada dos filhos permitiriam se aprofundar mais nas vivências dos casais.

Além das entrevistas, que permitem investigar as percepções e experiências dos participantes, não foram utilizadas outras formas de coleta de dados, de forma que não foi

possível acessar os comportamentos em si dos participantes. Assim, seria interessante que novos estudos se propusessem a observar situações de interações familiares e o cotidiano da relação com os filhos, no contexto de famílias com pais homossexuais.

Como limitação do estudo, ressalta-se que os participantes se tornaram pais a partir de barriga solidária ou adoção, não tendo sido investigados outros contextos possíveis de parentalidade homossexual. Por exemplo, novos estudos podem contemplar também casos em que a parentalidade provém de relação heterossexual, em que o pai homossexual possa ter a guarda total ou compartilhada, ou arranjos multiparentais, como quando o cuidado é dividido com um casal de lésbicas por exemplo, ou então casos de homens transexuais, que podem compor um casal homossexual e gerar um filho. Independente dessas variações, os achados desse estudo podem contribuir para a melhor compreensão das dinâmicas familiares e individuais nesses diversos contexto, cada vez mais presentes nas sociedades ocidentais.

Outra limitação do presente estudo, é que todos os participantes eram brancos, possuíam alta escolaridade e eram de nível socioeconômico médio ou alto, o que com certeza trouxe particularidades aos achados, e sugere a necessidade de pesquisas com camadas mais populares da sociedade. Também cabe destacar que em ambos os casais do presente estudo, um dos membros era psicólogo, o que poderia afetar a forma de pensar e expressar a própria experiência parental no contexto da homossexualidade. Talvez o contato prévio dos casais com a psicologia, pela própria formação acadêmica ou através do marido, tenha inclusive contribuído para que esses casais se voluntariassem a participar deste estudo, enquanto outros casais, que não possuíam esse contato, possam ter tido receios sobre o conteúdo das entrevistas e como seria realizada, tendo evitado se expor. Além disso, os casais do presente estudo, já haviam dado entrevistas na mídia e relatado parte de suas histórias anteriormente, o que pode ter facilitado para que se aceitassem responder às entrevistas e se expor a alguém que não conheciam.

No entanto, cabe ressaltar a dificuldade em se encontrar participantes para esse estudo. As estratégias utilizadas foram as mais diversas, com divulgação pelas redes sociais e contato com ONGs, instituições e profissionais, que trabalham com população LGBT, e mesmo assim encontramos muitas dificuldades para aumentar o número de participantes e, talvez outras estratégias se façam necessárias, para novos estudos. O uso de videoconferência permitiu abranger participantes de várias localidades, mas mesmo com o auxílio da tecnologia, alguns casais contatados referiram não dispor de tempo para as entrevistas, o que pode denotar resistência em expor suas experiências, pois elas poderiam não ser tão harmoniosas como as relatadas pelos casais do presente estudo.

Enfim cabe destacar que o intuito do presente estudo não foi julgar a capacidade dos casais de serem pais, nem determinar como devem se portar como tal. A escolha pelo tema e

pelos participantes também não buscou discutir a pertinência do casamento ou da parentalidade em indivíduos homossexuais, mas contemplar uma realidade que ainda precisa ser melhor compreendida.

Considerações finais

O presente estudo buscou investigar a constituição da parentalidade em casais homossexuais masculinos a partir de uma abordagem winnicottiana. Para tanto, foram realizadas entrevistas com dois casais homossexuais masculinos, pais de crianças de 1 ano e 3 meses e 2 anos e 5 meses de idade, para a compreensão desse fenômeno. A utilização desse delineamento permitiu conhecer os percursos singulares de cada casal em direção à parentalidade, assim como as experiências subjetivas de cada indivíduo na constituição da mesma.

Para organizar a compreensão dos dados, foram utilizados três temas da parentalidade baseados nas concepções de Houzel (2004). O Exercício da parentalidade foi marcado por um processo legal sem maiores dificuldades para se tornarem pais. Porém, embora os casais tenham adquirido reconhecimento jurídico como pais, ainda eram questionados socialmente sobre suas competências para cuidarem de um bebê, por serem homens.

A Experiência da parentalidade foi marcada desde o início por um forte desejo por terem um filho. As escolhas de cada casal pela forma de acesso à parentalidade proporcionaram diferentes experiências, como o desgaste com as tentativas frustradas de reprodução assistida e a possibilidade de acompanhar a gestação em um dos casais, ou a ansiedade pelo resultado do processo de adoção, no outro. Os casais pareceram muito tranquilos com o fato de precisarem recorrer a um terceiro para atingirem seu desejo de parentalidade.

Após o nascimento, os filhos passaram a ocupar totalmente a vida dos casais, o que foi acompanhado de sentimentos de realização pessoal e de responsabilidade sobre os filhos. Ao mesmo tempo, houve alterações na rotina, que levaram ao distanciamento do casal inicialmente. Apesar disso, os relacionamentos eram vistos como sendo de apoio e parceria, e ambos se mostraram satisfeitos com a parentalidade conjunta.

Com relação aos cuidados, percebeu-se estilos diferentes de cada indivíduo. Cada um buscava incorporar os aspectos positivos das mães e dos pais da infância e melhorar em relação a eles. Os pais dos participantes foram apresentados como representantes do modelo tradicional de pai, mais rígido e distante, dos quais eles buscavam se distanciar, demonstrando serem mais participativos e afetivos.

Quanto à Prática da parentalidade, os relatos do casal demonstraram que o vínculo pais-filho foi sendo construído desde o início a partir do cotidiano de cuidados. Foi possível

identificar em todos os participantes tanto aspectos da função materna propostas por Winnicott, de *holding*, *handling* e apresentação de objetos, quanto da função paterna, como o apoio ambiental. O cuidado também envolveu a preocupação de estabelecer limites para o filho. Com exceção de um participante, os pais relataram dizer ‘não’ com o intuito de proteger os filhos.

Os cuidados foram apontados pelos casais como sendo divididos de forma igualitária, de modo que todos os pais realizavam todas as tarefas de cuidado com os filhos. As diferenças nessa divisão ocorriam principalmente devido à disponibilidade de tempo em virtude do trabalho.

Apesar do retrato aparentemente harmonioso dos casais homossexuais do presente estudo, dificuldades também se faziam presentes. Ser pai ou mãe traz enormes desafios para qualquer um e não é diferente para casais homossexuais. Pelo contrário, os conflitos são potencialmente maiores, pelo eventual isolamento e críticas de um mundo heterossexual, que não aceita o diferente, especialmente em relação ao casal homossexual masculino, que é visto como tendo menos potencial para cuidar de um bebê.

Pode-se pensar que eles se sairiam ainda melhor em suas funções se pudessem ter uma escuta sensível dos familiares, amigos e dos profissionais que os cercaram. Para tanto, se faz necessário investir em desconstruir os estigmas em torno da homossexualidade na população. Assim, seria benéfica a maior representatividade dessas famílias na mídia e também a produção de novos ordenamentos legais e jurídicos, a exemplo da regulamentação do casamento homossexual e o novo registro de nascimento que passou a permitir os nomes de dois pais ou duas mães, para assegurar os direitos dessa população e afirmar o lugar dessas famílias na sociedade.

Enfim, é muito importante que se continue investigando este contexto parental e que se possa disponibilizar uma escuta sensível para aqueles que querem ser ouvidos e conversar sobre suas dificuldades. Até mesmo as teorias, como a de Winnicott, voltadas ao mundo heterossexual, precisam ser repensadas para contemplarem as novas configurações familiares. As evidências do presente estudo podem contribuir para que se avance neste sentido e indicam que as funções que os adultos exercem junto aos bebês, mais do que materna e paterna, são funções parentais que independem do gênero ou da orientação sexual do cuidador pra se fazerem presentes.

REFERÊNCIAS

- Abraham, E., Hendler, T., Shapira-Lichter, I., Kanat-Maymon, Y., Zagoory-Sharon, O. & Feldman, R. (2014). Father's brain is sensitive to childcare experiences. *PNAS*, *111*(27), 9792-9797. doi: 10.1073/pnas.1402569111.
- Amazonas, M. C. L. A., Veríssimo, H. V. & Lourenço, G. O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade*, *25*(3), 631-641. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3664>.
- Araújo, L. F. Oliveira, J. S. C. & Castanha, A. R. (2007). Adoção de crianças por casais homoafetivos: um estudo comparativo entre universitários de direito e de psicologia. *Psicologia & Sociedade*, *19*(2), 95-102. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000200013>.
- Arruda, S. L. S., & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *4*(2), 201-216. doi: 10.5433/2236-6407.2013v4n2p201.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, *22*(2), 377-386. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/198>.
- Belo, F. R. R., Guimarães, M. R., & Fidelis, K. A. B. (2015). Pode um pai ser cuidadoso? Crítica à teoria da paternidade em Winnicott. *Psicologia em Estudo*, *20*(2), 153-164. doi: 10.4025/psicoestud.v20i2.24274.
- Bergman, K., Rubio, R. J., Green, R., & Padrón, E. (2010). Gay men who become fathers via surrogacy: the transition to parenthood. *Journal of GLBT Family Studies*, *6*, 111-141.
- Berkowitz, D. & Marsiglio, W. (2007). Gay men: negotiating procreative, father, and family identities. *Journal of Marriage and Family*, *69*, 366-381. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00371.x.
- Blake, L., Carone, N., Slutsky, J., Raffanella, E., Ehrhardt, A., & Golombok, S. (2016). Gay father surrogacy families: relationship with surrogates and egg donors and parental disclosure of children's origin. *Fertility and Sterility*, *106*(6), 1503-1509. doi: 10.1016/j.fertnstert.2016.08.013.
- Bogren, L. Y. (1983). Couvade. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, *68*(1), 55-65. doi: 10.1111/j.1600-0447.1983.tb06981.x.

- Brasil. (2015). *Manual do método canguru: seguimento compartilhado entre a Atenção Hospitalar e a Atenção Básica*. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), p. 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa.
- Cao, H., Mills-Koonce, W. R., Wood, C. & Fine, M. A. (2016). Identity transformation during the transition to parenthood among same-sex couples: an ecological, stress-strategy-adaptation perspective. *Journal of Family Theory & Review*, 8(1), 30-59. doi: 10.1111/jftr.12124.
- Carone, N., Baiocco, R., & Lingiardi, V. (2017). Italian gay fathers' experience of transnational surrogacy and their relationship with the surrogate pre- and pos-birth. *Reprod Biomed Online*, 34(2), 181-190. doi: 10.1016/j.rbmo.2016.10.010.
- Conselho Nacional de Justiça. *Resolução nº 175*, de 14 de maio de 2013.
- Conselho Nacional de Justiça. *Provimento nº 62*, de 14 de novembro de 2017.
- Dantas, F. S. S. & Ferreira, S. P. A. (2015). Adoção tardia: produção de sentidos acerca da paternagem e filiação em uma família homoafetiva. *Temas em Psicologia*, 23(3), 593-606. doi: 10.9788/TP2015.3-06.
- De Martini, T.A., Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R. (2010). Indicadores da síndrome de *couvade* em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia*, 31, 121-136. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Farr, R. H. & Patterson, C. J. (2009). Transracial adoption by lesbian, gay, and heterosexual couples: who completes transracial adoptions and with what results?. *Adoption Quarterly*, 12, 187-204. doi: 10.1080/10926750903313328.
- Farr, R. H., Forssell, S. L. & Patterson, C. J. (2010). Parenting and child development in adoptive families: does parental sexual orientation matter?. *Applied Developmental Science*, 14(3), 164-178. doi: 10.1080/10888691.2010.500958.
- Fedewa, A. L., Black, W. W. & Ahn, S. (2015). Children and adolescents with same-gender parents: a meta-analytic approach in assessing outcomes. *Journal of GLBT Family Studies*, 11, 1-34. doi: 10.1080/1550428X.2013.869486.
- Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142. doi: 10.15603/2176-1019/mud.v14n2p136-142.

- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1), 137-145.
- Gabriel, M. R. & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26122323007>.
- Gato, J., & Fontaine, A. M. (2014). Homoparentalidade no masculino: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 312-322. doi: 10.1590/S0102-71822014000200008.
- Giunti, D. & Fioravanti, G. (2016). Gay men and lesbian women who became parents in the context of a former heterosexual relationship: an explorative study in Italy. *Journal of Homosexuality*, 64(4), 523-537. doi: 10.1080/00918369.2016.1191244.
- Goldberg, A. E., Downing, J. B., & Moyer, A. M. (2012). Why parenthood and why now? Gay men's motivations for pursuing parenthood. *Fam Relat*, 61, 157-174. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00687.x.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2011). Stigma, social context, and mental health: lesbian and gay couples across the transition to adoptive parenthood. *Journal of Counseling Psychology*, 58(1), 139-150. doi: 10.1037/a0021684.
- Golombok, S., Mellish, L., Jennings, S., Casey, P., Tasker, F. & Lamb, M. E. (2014). Adoptive gay father families: parent-child relationships and children's psychological adjustment. *Children Development*, 85(2), 256-268. doi: 10.1111/cdev.12155.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. R., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Fatherhood experience in infant's third month. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. doi: 10.1590/S0102-79722013000300020.
- Greenfeld, D. A. & Emre, S. (2010). Gay men choosing parenthood through assisted reproduction: medical and psychosocial considerations. *Fertility and Sterility*, 95(1), 225-229. doi: 10.1016/j.fertnstert.2010.05.053.
- Houzel, D. (2006). As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponto, L. (org.) *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2.ed.
- IBGE (2010). *Censo demográfico: 2010: característica da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).

- Lima, M. A. A., Correia, M. R. A., Mutti, M. T. . & Sales, M. L. B. (2015). Adoção homoparental: um direito e uma escolha. *Cientefico*, 15(30), 45-60. Disponível em: <https://revistacientefico.devrybrasil.edu.br/cientefico/article/view/112>
- Lopes, R. C. S., Silva, I. M., Dornelles, L. M. N., & Piccinini, C. A. (2007). *Entrevista com o Marido sobre a Relação Conjugal na Gestação*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção: (re)afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 350-359. doi: 10.1590/1807-03102016v28n2p350.
- Medeiros, F. B. & Piccinini, C. A. (2015). Relação pai-bebê no contexto da prematuridade: gestação, internação do bebê e terceiro mês após a alta hospitalar. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 475-485. doi: 10.1590/0103-166X2015000300012.
- Holditch-Davis, D. and Miles, M.S. (1997) Parenting the prematurely born child. *Annual Review of Nursing Research*, 15, 33-34.
- Mota, M. M., Vargas, M. M. & Vasconcelos, T. T. (2015). Filiação adotiva por pares homoafetivos: um estudo do processo e significados para famílias protagonistas. *Interação Psicol.*, 19(2), 161-172. doi: 10.5380/psi.v19i2.21219
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2005). *Entrevista sobre paternidade e envolvimento paterno no contexto da Síndrome de Down*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2015). *Ficha de Dados Demográficos da Família*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Nystrom, K., & Ohrling, K. (2004). Parenthood experiences during the child's first year: literature review. *J. Adv Nurs*, 46(3), 319-330. doi: 10.1111/j.1365-2648.2004.02991.x.
- Ogaki, H. A., & Piccinini, C. A. (2017). *Entrevista sobre a história da família* (adaptado de Lopes, Silva, Dornelles & Piccinini, 2007). Instrumento não publicado.
- Ogaki, H. A., & Piccinini, C. A. (2017). *Entrevista sobre a experiência da homoparentalidade masculina* (adaptado de NUDIF, 2005). Instrumento não publicado.
- Panozzo, D. (2015). Child care responsibility in gay male-parented families: predictive and correlative factors. *Journal of GLBT Families Studies*, 11, 248-277. doi: 10.1080/1550428X.2014.947461.
- Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psic. Clin.*, 17(2), 31-40. doi: 10.1590/S0103-56652005000200003.
- Patterson, C. J. (2017). Parents' sexual orientation and children's development. *Child Development Perspectives*, 11(1), 45-49.

- Patterson, C. J., & Riskind, R. G. (2010). To be a parent: issues in family formation among gay and lesbian adults. *Journal of GLBT Family Studies*, 6, 326-340. doi: 10.1080/1550428X.2010.490902.
- Patterson, C. J. & Tornello, S. L. (2010). Gay fathers' way to parenthood: International perspectives. *Zeitschrift für Familienforschung (Journal of Family Research)*, 22, 103-116. Disponível em: <http://people.virginia.edu/~cjp/articles/pt10.pdf>.
- Perez, G. (Criadora). (2017). *A força do querer* (novela televisiva).
- Rodriguez, B. C. (2012). *A representação parental de casais homossexuais masculinos*. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 107p.
- Rodriguez, B. C., & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100004.
- Rodriguez, B. C., & Paiva, M. L. S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 1(6), 13-25. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100003.
- Rosa, C. D. (2013). O pai em Winnicott. *Winnicott e-Prints*, série 2, 8(1), 1-34. Disponível em: <http://revistas.dwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/16/4>.
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 572-582. doi: 10.1590/S0102-79722013000300017.
- Serralha, C. A. (2013). Contribuições da teoria do amadurecimento para o estudo das famílias homoparentais. *Winnicott e-Prints*, série 2, 8(1), 35-49. Disponível em: <http://revistas.dwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/22/9>.
- Sonego, J. C., Dornelles, L. M. N., Lopes, R. C. S., Piccinini, C. A. & Passos, E. P. (2016). A experiência paterna da gestação no contexto da reprodução assistida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), 1-9. doi: 10.1590/0102.3772e324218.
- Stacey, J. (2006). Gay parenthood and the decline of paternity as we knew it. *Sexualities*, 9(1), 27-55. doi: 10.1177/1363460706060687.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple Case Study Analysis Research Methods*. Guilford Press, New York.
- Supremo Tribunal Federal. *Instrução Normativa nº 126*, de 17 de agosto de 2011.
- Szejer, M., & Steward, R. (1997). *Nove meses na vida de uma mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Tasker, F. & Patterson, C. J. (2007). Research on gay and lesbian parenting. *Journal of GLBT Family Studies*, 3, 9-34. doi: 10.1300/J461v03n02_02.
- Tornello, S. L., Kruczkowski, S. M. & Patterson, C. J. (2015). Division of labor and relationship quality among male same-sex couples who become fathers via surrogacy. *Journal of GLBT Family Studies*, 11, 375-394. doi: 10.1080/1550428X.2015.1018471.
- Tornello, S. L. & Patterson, C. J. (2012). Gay fathers in mixed-orientation relationships: experiences of those who stay in their marriages and those who leave. *Journal of GLBT Family Studies*, 8, 1-14. doi: 10.1080/1550428X.2012.641373.
- Tornello, S. L., Sonnenberg, B. N. & Patterson, C. J. (2015). Division of labor among gay fathers: associations with parent, couple and child adjustment. *Psychology of sexual orientation and gender diversity*, 2(4), 365-375. doi: 10.1037/sgd0000109.
- Uziel, A. P. (2002). *Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Tese (doutorado em Antropologia Social). IFHC, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 262p.
- Vieira, R. S. (2011). *Homoparentalidade: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos*. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 206p.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria da relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp.38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1989). On the split-off male and female elements. In: *Psycho-analytic explorations* (pp. 168-192). Cambridge: Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1990). Relacionamentos interpessoais. In: *Natureza humana* (pp. 54-68). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954).
- Winnicott, D. W. (1999). Dizer “não”. In: *Conversando com os Pais* (pp. 27-48). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2011). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 3-20). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958).

- Winnicott, D. W. (2011). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê: a parceria entre mãe e bebê. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21-28). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2011). A criança de cinco anos. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 49-58). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961).
- Winnicott, D. W. (2011). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In: *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 59-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957).
- Winnicott, D. W. (2012). A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães* (pp. 1-11). 4.ed. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986).
- Winnicott, D. W. (2015). E o pai? In: *A criança e o seu mundo* (pp.127-133). 6.ed. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1944).
- Winnicott, D. W. (2015). Mais ideias sobre os bebês como pessoas. In: *A criança e o seu mundo* (pp. 95-103). 6.ed.. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1947).
- Winnicott, D. W. (2015). O bebê como organização em marcha. In: *A criança e o seu mundo*. (pp. 26-30). 6.ed. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1949).
- Winnicott, D. W. (2015). Necessidades das crianças de menos de cinco anos. In: *A criança e o seu mundo* (pp. 203-213). 6.ed. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1954).
- Winnicott, D. W. (2015). Aspectos da delinquência juvenil. In: *A criança e o seu mundo* (pp.256-261). 6.ed. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1946).
- Winnicott, D. W. (2017). *O gesto espontâneo*. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Zambrano, E. (2006). Parentalidade “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizonte Antropológico*, 12(26), 123-147. doi: 10.1590/S0104-71832006000200006.

ANEXO A

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta de dados do presente projeto de pesquisa que busca investigar a experiência da homoparentalidade masculina em casais com filhos a partir de uma abordagem winnicottiana. Serão realizadas entrevistas individuais com o pesquisador. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins de pesquisa, conforme o objetivo apresentado. O local das entrevistas, número de encontros e sua duração serão combinados entre o pesquisador e os participantes. A coleta de dados será organizada sem custo aos participantes.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências, práticas e sentimentos relacionados à homoparentalidade masculina e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados para a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa, assim como poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa. O presente projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, rua Ramiro Barcelos 2600, pelo telefone (51) 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a mim. Todos os dados coletados serão arquivados na sala 111 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Augusto Piccinini e o mestrando Henrique Abe Ogaki, que poderão ser contatados pelo Tel: (51) 3316-5058 ou através do e-mail hikeabe@gmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 111 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre.

Eu, _____, concordo em participar deste estudo.

Data: ____ / ____ / _____

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante

ANEXO B

FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA

(NUDIF, 2015)

I. Eu gostaria de ter algumas informações sobre você e a sua família**Pai 1:**

- Idade: _____ Escolaridade: _____
- Estado Civil: () casado () solteiro () separado () viúvo () com companheiro
- Número de filhos (incluir sexo e idade): _____
- Número de enteados (incluir sexo e idade): _____
- Você trabalha fora? () sim () não.
 Se sim: qual a profissão? _____ Horas/semana: _____
- Grupo Étnico: _____

Pai 2:

- Idade: _____ Escolaridade: _____
- Estado Civil: () casado () solteiro () separado () viúvo () com companheiro
- Número de filhos (incluir sexo e idade): _____
- Número de enteados (incluir sexo e idade): _____
- Você trabalha fora? () sim () não.
 Se sim: qual a profissão? _____ Horas/semana: _____
- Grupo Étnico: _____

Criança:

- Idade: _____
- Qual a renda familiar mensal (aprox.)? _____
- Número de pessoas que moram na casa: _____
- Moradia: () própria () alugada () outro _____

ANEXO C

ENTREVISTA SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA

(Ogaki & Piccinini, 2017a, adaptado de Lopes, Silva, Dornelles & Piccinini, 2007)

1 – Eu gostaria que você me falasse sobre como vocês se conheceram.

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- O que te levou a se interessar pelo (*nome do companheiro*)?
- Quando se tornou um relacionamento sério?
- Como era a relação de vocês na época do namoro?
- O que faziam juntos como casal nessa época? Como você se sentia em relação a isso?
- O que faziam de separado? Como você se sentia em relação a isso?
- Como a sua família recebeu o relacionamento?

2 – Eu gostaria que você me falasse sobre a decisão de morarem juntos/se casarem.

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- O que você esperava da vida conjunta?
- Quais foram as mudanças no relacionamento?
- Como você se sentia sobre o relacionamento após a mudança/casamento?
- Como as famílias de origem reagiram à notícia?

Obs: Caso o filho seja adotivo, ir pra questão 3a

Caso o filho seja biológico a partir de reprodução assistida, ir pra questão 3b

Caso seja o pai com filho biológico de relacionamento anterior, ir pra questão 3c

Caso seja o companheiro do pai com filho biológico de relacionamento anterior, ir pra questão 3d

3a – Eu gostaria que você me falasse sobre a decisão de ter um filho.

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- Quando você começou a pensar em ter filho?
- Você pensou em outras formas de ter um filho? Quais?
- Por que decidiram pela adoção?
- Como foi o processo de adoção? Como você se sentiu em relação a isso?
- O que você esperava da criança que iriam adotar?
- Como você imaginava que seria ser pai?
- Como as famílias de origem reagiram à notícia?

3b – Eu gostaria que você me falasse sobre a decisão de ter um filho.

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- Quando você começou a pensar em ter filho?
- Você pensou em outras formas de ter um filho? Quais?
- Por que decidiram pela reprodução assistida?
- Como foi o processo de reprodução assistida? Como você se sentiu em relação a isso?
- O que você imaginava sobre o bebê que iria nascer?
- Como você imaginava que seria ser pai?
- Como as famílias de origem reagiram à notícia?
- Como foi o acompanhamento da gestação? Como você se sentiu em relação a isso?
- Como foi o parto?

3c – Eu gostaria que você me falasse sobre seu relacionamento anterior, com a mãe do (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- Como vocês se conheceram?
- Como era o relacionamento de vocês? Se casaram/ moraram juntos?
- Quando ficou sabendo da gravidez? Como você se sentiu em relação a isso?
- Como foi a gravidez? E o parto?
- O que você imaginava sobre o bebê que iria nascer?
- Como você imaginava que seria ser pai?
- Como foi seu primeiro contato com o (*nome do filho*)?
- Como você se sentiu sendo pai?
- Como era sua relação com seu filho? O que fazia com/para ele?
- Como se organizava com a mãe do (*nome do filho*) em relação aos cuidados?
- Como ficou a relação com a mãe do (*nome do filho*) após o nascimento?
- Como foi a separação?
- Como é seu relacionamento com a mãe do (*nome do filho*) hoje?
- Como você se sente em relação a isso?
- Como você falou para o (*nome do companheiro*) que tinha um filho?
- Como você se sentiu em relação a isso?
- Quando o (*nome do companheiro*) conheceu seu filho?
- Quando os três passaram a morar juntos?

3d – Eu gostaria que me falasse sobre o como você conheceu o (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- Como você soube que o (*nome do companheiro*) tinha um filho?
- Como se sentiu em relação a isso?
- Quando se conheceram? Como se sentiu em relação a isso?
- Como imaginava que seria ser pai?
- Quando os três passaram a morar juntos?

4 – Eu gostaria que você me falasse sobre o relacionamento com o (*nome do companheiro*) após a chegada do (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

- Houve alguma mudança após a chegada do (*nome do filho*)?
- Como você se sente em relação a isso?
- Vocês têm reservado algum tempo só para vocês dois?
- Vocês têm expressado carinho um pelo outro?
- Como é a comunicação entre vocês? Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?
- Você acha que existe algo no relacionamento que precise mudar?

5 – Gostaria de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou antes?

ANEXO D

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA
PARENTALIDADE HOMOSSEXUAL MASCULINA**

(Ogaki & Piccinini, 2017b, adaptado de NUDIF, 2005)

1 – Eu gostaria que você me falasse sobre os primeiros dias com o (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como foi seu primeiro encontro com o (*nome do filho*)? Como se sentiu?
- Como foram as primeiras semanas após levar o (*nome do filho*) pra casa?
- Foi como imaginava? O que te agradou e desagradou?
- Como se sentiu como pai nestas primeiras semanas?
- O que você fazia com o (*nome do filho*) nesses primeiros dias? (*explorar atividades*)
- Que preocupações você teve como pai nessas primeiras semanas?
- E em relação ao (*nome do filho*), quais eram as suas preocupações?
- E como foi seu apoio para o (*nome do companheiro*) nessas primeiras semanas?
- E como foi apoio dele contigo nessas primeiras semanas?
- Como foi o apoio das suas famílias nesses primeiros dias?

2 – Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre o desenvolvimento/crescimento do (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento dele?
- Tem alguma coisa no crescimento/desenvolvimento do (*nome do filho*) que te chama atenção?
- Como está a comunicação entre vocês dois?
- Você sente que é possível entender o que ele expressa?
- O que é mais fácil e mais difícil para você entender?
- Como sabe que entendeu o (*nome do filho*)?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais a atenção?
- Como descreveria o jeito do (*nome do filho*)? Como é lidar com ele?
- Está sendo como você imaginava? (*Se não*) O que está diferente?
- Como está a alimentação dele?
- Costuma dar banho, vestir, arrumar o (*nome do filho*)?
- E o sono dele? Como está?
- Ele tem hora para dormir e para acordar? Você costuma colocá-lo para dormir?
- Está satisfeito com a sua participação nos cuidados com a saúde do (*nome do filho*)?
- Quais são suas expectativas em relação ao futuro do seu filho?

3 – Eu gostaria que você me falasse sobre o seu relacionamento com o (*nome do filho*) e sobre o que vocês costumam fazer quando estão juntos.

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Que atividades você tem realizado com o (*nome do filho*)?
- Você tem assumido tarefas em relação aos cuidados dele? (*Se sim*) Quais?
- Como se sente realizando essas tarefas?
- Que coisas você mais gosta de fazer com ele? Por quê?
- E o que você menos gosta de fazer com ele? Por quê?
- Quanto tempo você fica com o (*nome do filho*) por dia?
- O que acha que mais agrada ele quando está contigo? Por quê?
- E o que mais o desagrada? Por quê?

- Costuma brincar com ele? Do que vocês mais brincam quando estão juntos?
- Como ele reage a essas brincadeiras? Como você se sente em relação a isso?
- De modo geral, como avalia a sua participação no dia-a-dia do (*nome do filho*)?
- Sente que você realmente participa das decisões sobre a criação do (*nome do filho*)?
- O que acha do relacionamento de vocês dois?
- Tem alguma coisa que gostaria que fosse diferente?
- Se considera um pai próximo do (*nome do filho*)? Por quê? Como se sente com isso?
- O que espera sobre o relacionamento de vocês dois no futuro?

4 – Ele já foi para a escola?

(*Caso tenha ido*):

- Com que idade? Como se sentiu sobre isso?
- Sentiu alguma dificuldade nesse período?
- Quantas horas ele ficava na escola? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Ele apresentou alguma dificuldade?
- Por que vocês decidiram colocar na escola?
- Como foi a escolha pela escola?
- Como foi a sua participação nesta decisão?
- Quem costuma levá-lo e buscá-lo?
- Você participa de alguma atividade na escola?
- Como é o relacionamento dele com as outras crianças? E com a professora?

(*Caso não tenha ido*):

- Você pensa em colocar o (*nome do filho*) na escola? Quando? Por quê?
- Como acha que ele vai reagir?
- Como você acha que vai se sentir?
- Alguma coisa te preocupa em relação a ele ir para a escola?

5 – Gostaria que me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai do (*nome do filho*).

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como você está se sentindo como pai do (*nome do filho*)?
- O que mais te agrada em ser pai?
- E o que é mais difícil?
- Em algum momento se sente mais preocupado com o (*nome do filho*)? Quando isto ocorre?
- O que mudou para você agora que é pai do (*nome do filho*)?
- E na sua vida profissional, alguma coisa mudou? Como se sente em relação a isso?
- E com relação a sua família, a sua mãe e pai, alguma coisa mudou? Como se sente?
- E com os seus amigos, alguma coisa mudou? Como se sente?
- Você tem algum modelo de pai que segue? Quem?
- O que considera positivo neste modelo?
- E tem algum modelo de pai que evita seguir? Quem?
- O que considera negativo neste modelo?
- Como o seu pai/cuidador cuidava de você quando era criança? Do que lembra?
- E com seu filho, você faz alguma coisa parecida?
- E sua mãe/cuidadora, como ela cuidava de você quando era criança? Do que lembra?
- E com o seu filho, você faz alguma coisa parecida?
- Como as pessoas te vêem como pai?
- Qual você acha que é o principal papel/função de um pai?
- Quais as responsabilidades que assume com o (*nome do filho*)?
- Como lida com a questão dos gastos em relação ao (*nome do filho*)?

6 – Eu gostaria que você me falasse como você está vendo o (*nome do companheiro*) como pai.

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como o (*nome do filho*) se dirige a ele?
- Como é o jeito dele lidar com o (*nome do filho*)? Difere do seu jeito?
- Como vocês se dividem nos cuidados do (*nome do filho*)? Conversam sobre isso?
- Atualmente, ele te solicita algo nos cuidados com o (*nome do filho*)? O que?
- Como se sente quando ele te solicita essas coisas?
- Você acha que ele está satisfeito com os seus cuidados?
- Ele te incentiva a cuidar e a brincar com o (*nome do filho*)?
- Tem alguma coisa que vocês discordam com relação à criação do (*nome do filho*)?
- Como imagina que ele te vê como pai?

7 – Eu gostaria que você me falasse sobre como é fazer parte de uma família homossexual, com dois pais?

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Acredita que o fato de serem um casal de dois homens influencia o cuidado de vocês? Como?
- Vocês conversam com o (*nome do filho*) sobre o relacionamento de vocês? O que dizem?
- E o que ele diz sobre o relacionamento de vocês?
- O (*nome do filho*) tem alguma figura feminina que cuida dele no dia-a-dia?
- Você acredita que uma figura feminina faça falta no dia-a-dia do (*nome do filho*)?
- Você percebe alguma diferença da sua família com famílias heretosseuais?
- E semelhanças?

8 – Eu gostaria que você me falasse sobre a sua família de origem.

(*Caso não tenha mencionado*): poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como é o relacionamento atual deles com o (*nome do filho*)?
- Como é o relacionamento atual deles com o (*nome do companheiro*)?
- Como é o seu relacionamento atual com eles?
- Você possui outras pessoas fora sua família que sejam próximas e forneçam apoio?
- Quem?

9 – Gostaria de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou antes?

ANEXO E

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A EXPERIÊNCIA DA HOMOPARENTALIDADE EM CASAIS MASCULINOS

Pesquisador: CESAR AUGUSTO PICCININI **Área**

Temática:

Versão: 2

CAAE: 81078217.5.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.648.389

Apresentação do Projeto:

Esta é Versão 2 do projeto: A Experiência da Homoparentalidade em casais masculinos, já aprovado pelo CEP da Psico, e que agora está acrescentando como participantes do estudo casais homossexuais femininos. Oportunizando conhecer não só a realidade de casais homossexuais masculinos mas também a de casais femininos, entendendo-se que ambos compartilham semelhanças, mas também suas especificidades. Será incluído, também, o instrumento intitulado Entrevista sobre a experiência da parentalidade homossexual feminina, semelhante à entrevista já aprovada pelo CEP, com adaptações para contemplar o gênero das participantes. Além disso, para todos os participantes também será aplicada a Entrevista sobre a coparentalidade, que busca investigar a dinâmica do casal em relação aos cuidados com o filho. Embora esse aspecto já estivesse contemplado nos instrumentos aprovados, ele passa a ser mais aprofundado nesta entrevista. O cronograma e o TCLE que serão utilizados são os mesmos já aprovados, apenas com mudanças pontuais para considerar o gênero do respondente.

Objetivo da Pesquisa:

O presente estudo tem por objetivo investigar a experiência da homoparentalidade em casais masculinos e em casais femininos a partir de uma abordagem winnicottiana. Em particular busca-se compreender como o cuidado é realizado pelos dois pais e mães, e como a função materna e paterna é experienciada neste contexto.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.648.389

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O estudo oferece riscos mínimos para os participantes, podendo haver algum constrangimento devido à exposição de conteúdos íntimos. Caso seja necessário, os participantes serão encaminhados para atendimento na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Benefícios: Acredita-se que os participantes poderão ter algum benefício ao responderem às entrevistas e poderem refletir sobre os diversos aspectos da parentalidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apesar dos argumentos contrários, o termo homoparentalidade vem sendo utilizado na literatura científica por permitir que essa família, ao ser nomeada, possa ser problematizada e estudada, evidenciando uma situação cada vez mais presente na sociedade. Assim, neste trabalho será utilizado o termo homoparentalidade, segundo a tendência dos trabalhos recentes, com o intuito de ressaltar as particularidades desse contexto familiar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está claro com relação aos dados coletados, faz referência ao local de armazenamento e a não identificação dos participantes. O projeto registra e tem anexado todos os instrumentos que serão utilizados no estudo. Só não menciona o tempo que ficarão guardados os dados coletados.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O adendo está aprovado por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_111127_7_E1.pdf	12/04/2018 11:55:29		Aceito
Outros	EntCopar.pdf	12/04/2018 11:44:12	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito

**UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO**



Outros	Carta_para_CEP.pdf	12/04/2018 11:43:55	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Projeto Detalhado	PROJETO.pdf	11/12/2017	CESAR AUGUSTO	Aceito

Página 02 de

Continuação do Parecer: 2.648.389

/ Brochura Investigador	PROJETO.pdf	12:22:59	PICCININI	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	08/12/2017 13:44:00	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/12/2017 13:43:18	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/12/2017 13:42:40	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	08/12/2017 13:40:33	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 10 de Maio de 2018

**Assinado por:
Milena da Rosa Silva
(Coordenador)**

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600**Bairro:** Santa Cecília**CEP:** 90.035-003**UF:** RS**Município:** PORTO ALEGRE**Telefone:** (51)3308-5698**Fax:** (51)3308-5698**E-mail:** cep-psico@ufrgs.br